FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 1960 ANO 40.º — NÚMERO 13 605

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

AS RELAÇÕES FRANCO-ALEMÃS ATRAVESSAM UMA CRISE (4)

As ideias do general de Gaulle sobre a organização da Europa resultam da sua desconfiança em relação à Alemanha

por ATTICUS

PARIS, Outubro — Se formos ao fundo da crise que atravessam, actualmente, as relações entre Bonn e Paris, em virtude da atitude do general de Gaulle a respeito da organização da Europa e da N. A. T. O. — organismos que, precisamente, deviam cimentar a amizade franco-alemã—reconheceremos que se trata de alguma coisa muito mais grave do que de simples divergências de vistas. Efectivamente, se a maneira como de Gaulle concebe a solução daqueles dois problemas diverge da do chanceler Adenauer é porque o primeiro considera toda a política europeia, especialmente as relações entre o Leste o Ocidente, as quais condicionam o funcionamento da aliança atlantica, por um prisma diferente daquele por que o concebem em Bonn.

Posições fundamentais

Como se sabe, o conjunto da política atlantica funciona para a hipótese de ter de enfrentar o perigo soviético. As outras considerações

(Continua na 7.ª página)

Este piloto que aqui vemos conduzindo o seu avião pessoal é o principe Bernardo da Holanda. A fotografia foi tirada durante a recente viagem deste principe-consorte á Dinamarca, na sua qualidade de presidente da Fundação Cultural Europeia

A acção de Eisenhower pode ser difinitiva para o resultado das eleições

WASHINGTON, 27 — A menos de duas semanas das eleições americanas, o presidente Eisenhower prepara-se para tomar parte activa na campanha do vice-presidente Nixon.

Três discursos do presidente estão já anunciados: um em Filadélfia, esta semana; outro em Nova York, na próxima, e por fim um terceiro que deverá pronunciar, em Washington, na véspera do escrutínio.

A intervenção do presidente constitui um elemento importante nesta ultima fase da campanha eleitoral. O presidente foi já informado da situação actual que parece ser favorável ao senador Kennedy sendo provávelmente esta a razão que o levou a pôr o seu prestígio na balança. — (F. P.).

MAIS DE CINCO POR CENTO DO OPERARIADO ESTÁ DESEMPREGADO, DECLAROU KENNEDY

DETROIT, 27. — De cabeça descoberta, apesar da chuva, o senador Kennedy discursou, ontem, na capital da industria automóvel, onde desenvolveu o tema de «recomeçar de novo» a fim de restabelecer no Mundo o prestígio dos Estados Unidos. Apesar do mau tempo, a sua

(Continua na 16.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
24
páginas
nas quais se inclui
«Vida Literária»

Gaitskell: Sou partidário da manutenção das bases americanas

LONDRES, 27 — «Sou partidário da manutenção de bases americanas na Grã-Bretanha, bases que militarmente reputo necessárias e para as quais podem ser dadas garantias» — declarou Hugh Gaitskell, falando para o grupo parlamentar trabalhista que se reunira pela primeira vez desde o congresso de Scarborough. Nota-se ser tensa a atmosfera pela aproximação da eleição que oporá em 3 de Novembro, Hugh Gaitskell e Harold Wilson, que aspiram á direcção do partido.

Após um debate algo confuso, não houve votação. Nos corredores da Camara dos Comuns, onde se efectuou a reunião, havia a impressão de que existe realmente uma maioria para apoiar a política de Gaitskell e que este será reeleito para a direcção do partido.

Harold Wilson dispõe no entanto duma minoria importante e do apoio de Jenny Lee, viuva de Aneurin eBvan, deputada e membro do executivo do partido. — (F. P.).

Nota do dia

VER PARA CRER

Enquanto o dr. von Braun pensa que, em face da superpopulação do nosso planeta, que daqui a quinhentos anos se tornará inabitável, o homem terá de se habituar a viver em Marte, no congresso internacional das pessoas que crêem nos discos voadres fez-se a afirmação surpreendente que dos primeiros contactos com os habitantes de outros mundos se depreende «que estes consideram a Terra o pior dos planetas habitados». Podiam limitar-se a apontar-lhe os defeitos e a fazer votos por que procurasse regenerar-se. Mas vão mais longe: recorrem à ameaça. Afirmam peremptòriamente que «tencionam metê-la na ordem». Ainda não há muito. fizera-se, numa dessas reuniões de maduros, que estão para o Cosmos como o espiritismo está para o Além, a revelação sensacional de que Marcianos e Venusianos se conjugariam para salvar a Terra e os seus habitantes dos perigos tremendos que os ameaçam, descendo no nosso planeta em discos voadores com a melhor das intenções. O caso agora muda de figura, pois estão decididos, ao que parece, a vir até nós em som de guerra. Descontentes com o caminho que as coisas estão a tomar na Terra, para o que deve ter contribuído, sem dúvida, o espectáculo deplorável que as Nações Unidas deram há pouco tempo, os habitantes de outros planetas estariam dispostos a metê-la nos eixos. E não será, certamente, apenas com bons conselhos e bonitas palavras que pretendem levar por diante o seu propósito. Um incidente inesperado ocorrido naquele congresso veio lançar, no entanto, certa confusão nos espíritos e diminuir a crença nos misteriosos objectos voadores. Quando o presidente perguntou se havia na sala alguém que não acreditasse neles, um dos congressistas levantou timidamente a mão. «Mas porque não crê?» A resposta foi simples e convincente: «Porque nunca os vi». A dúvida é, segundo os cartesianos, o caminho que conduz à verdade. S. Tomé só se rendeu à evidência quando tocou as chagas de Cristo ressuscitado.

Os jovens são a favor de Kennedy, o candidato democrático dos Estados Unidos, enquanto as pessoas de meia idade se inclinam, muitas delas, para o representante das ideias mais conservadoras: Nixon. Durante uma manifestação democrática nas ruas de Nova York, estas moças gentis aplaudem o candidato esquerdista, levando ao peito o emblema «Kennedy is the remedy», ou seja «Kennedy é o remédio». Em compensação, veja-se a expressão céptica do sujeito de chapéu preto

Da esquerda para a direita: os subsecretário do Comércio e Industria e o ministro da Economia da União da Africa do Sul, o ministro português da Economia, o embaixador daquele país e o secretário de Estado do Comércio, na reunião desta manhã

O ministro da Economia da União da Africa do Sul, conferenciou com o seu colega português e com o secretário do Comércio

O ministro da Economia da União da Africa do Sul, sr. dr. Nicolas Diederichs, que desde ontem se encontra em Lisboa, deslocou-se esta manhã ao nosso Ministério da Economia, onde, durante cerca de dúas horas, conferenciou com o titular da referida pasta, sr. prof. Ferreira Dias, e com o secretário de Es-

(Continua na 15.ª página)

Foi assinado em Brasília o importante acordo entre a Panair e a T. A. P. para o serviço aéreo especial Portugal-Brasil

As duas companhias aéreas nacionais brasileira e portuguesa (Panair do Brasil e Transportes Aéreos Portugueses) estabelecerão, a partir de Dezembro próximo, um serviço especial entre Portugal e o Brasil, com vista a dar maior incremento ao tráfego aéreo entre os dois países, por meio da efectiva exploração do mercado regional previsto no acordo sobre Transportes Aéreos entre as duas nações, iniciativa da maior importancia e

VISADO PELA CENSURA

(Continua na 11.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

Assistência aos bacalhoeiros

Entrou ontem no Tejo o «Gil Eanes». Este nome que, no ano das comemorações henriquinas, evoca o criado do Infante que rasgou a cortina negra que vendava o Mar Tenebroso abrindo as portas das Descobertas, tem modernamente outro significado. Já não há lendas a desfazer nos mares nem terras novas a desbravar, mas há uma população crescente, em ritmo acelerado, no País a alimentar. Não são gestas para entrar na história, mas são feitos heroicos os dos pescadores dos mares da Terra Nova e Gronelandia que, dia a dia, nas brumas densas e nas ondas altaneiras arriscam a vida para ganhar o seu pão e o dos seus, e trazer á população portuguesa esse alimento essencial que é o fiel amigo. Dos mares negros onde desapareceram os Corte-Reais vêm todos os anos umas toneladas de bacalhau para os Portugueses. Esses milhares de pescadores são assistidos moral e materialmente pelo navio de apoio «Gil Eanes». Este ano, os pescadores eram 5500 distribuídos por 73 navios. O navio prestou, no campo médico, a seguinte assistência: 43 operações de grande cirurgia, mais de 40 de pequena cirurgia, 1500 consultas, 3000 tratamentos, 4000 injecções, 250 radiografias diversas, quase 700 análises clínicas e 350 extracções dentárias. Estiveram internados no «Gil Eanes», quase 200 doentes. Deram-se aos diferentes navios, mais de 180 toneladas de batata em caixas de 30 quilos, mais de 250 sacos de sal de 75 quilos cada; mais de 140 toneladas de água, mais de 102 000 litros de gasóleo e mais de meio milhão de libras de isco, além de 20 quarteladas de amarra, cinco ferros de muitas centenas de quilos cada. E' uma obra nacional aquela que o navio realiza, nos mares dalém. Chegou agora, terminada a faina, e em boa hora ele venha.

Palácio de Belém

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. arcebispo de Mitilene, B. C. Westall e contra-almirante Nuno de Brion, padre da Obra da Casa Pia de Beja, dr. Francisco Meireles e contra-almirante Alves Leite.

Estiveram também ali, a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, os srs. ministro de Assuntos Económicos, secretário do Comércio e Industria e embaixador da Africa do Sul, prof. eng.º Francisco Leite Pinto, ministro da Educação Nacional; D. Diogo de Sousa, Holstein Manoel, seu secretário; general Carlos Alberto Nascimento e Silva, comandante militar de Moçambique, capitão James W. McClelland, esposa e filha; Armando Vilar e Manuel Possolo, da Sociedade de Propaganda de Cascais; e João de Deus Vasco de Carvalho.

VIDA POLÍTICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou ontem o sr. ministro do Interior.

ESTUDANTE PERPÉTUO

Não é vulgar o caso ontem ocorrido na Faculdade de Medicina do Porto. Foi fazer exame de Anatomia Descritiva, um aluno de 73 anos, coronel do Exército, combatente da primeira Grande Guerra em Africa e já licenciado em Ciências Biológicas. Aprovado com 13 valores pelos profs. Belo Adrião e Castro Moreira. É um exemplo de amor á ciência e ao estudo de assinalar este do sr. coronel Alexandre Teodoro dos Santos Fonseca, de 73 anos!

SANTARÉM ÀS ESCURAS

Houve tempo em que a iluminação publica não era o que é hoje. Quem quer o diz. As candeias de azeite com suas torcidas iam servindo para dar vista aos homens na escuridão. Esse azeite de Santarém já não dá luz nos nossos dias. É só para comer. Pois então na própria capital do azeite houve escuridão de cortar á faca. Avaria numa cabina e a electricidade feiticeira negou-se a dar luz e as talhas de azeite devem ter sorrido de satisfação vingativa por terem sido postas de lado. Mas não foi só a luz; desde a 1 hora de ontem que á escuridão se junta a paralisação das máquinas e da industria de toda a região.

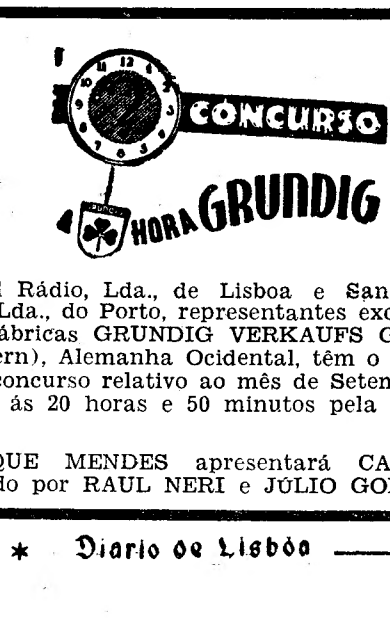
O GRÉMIO LISBONENSE

Festejou 118 satisfeitos e felizes Outonos o Grémio Lisbonense. Quando se reuniram os primeiros sócios para trocar impressões e conviver, lendo os jornais e revistas e desenferrujando a língua, estava-se em plena ebulição civil com os Cabrais, os Passos, o Saldanha e o Rodrigo em grandes discussões. Nesse Rossio, de que o Grémio Lisbonense ocupa a tribuna de honra, se jogara os destinos do País.

Viu Garrett e Herculano, ouviu José Estêvão e outros luminares da palavra de oiro, assistiu a revoluções e a levantamentos e contemplou embevecido os grandes momentos de festas da Pátria. Há cinquenta anos e poucos dias assistiu á fraternização da tropa e povo e pouco depois ouvia os vivas á Republica recém-proclamada. Cento e dezóito anos fez o Grémio Lisbonense. Bem bonito rol a merecer solene consagração!

Aflição mortal

O sr. Severiano Fonseca de Sousa e sua mulher D. Maria José de Sousa passaram angustias mortais e morreram duas vezes nestes poucos dias. Casal unido e muito amigo da Cova da Piedade, tinham dois filhos que eram toda a sua luz e vida. Uma menina de dois anos e meio adoeceu e foi morrer ao hospital de Almada. Os pais aflitos e angustiados lá foram tratar do funeral. Ao entrarem em casa novo golpe os feria. Um pequenito de meses que ficara com uma vizinha muito amiga dele, caira do terceiro andar e partira para S. José com o cranio fracturado. Entre a vida e a morte está o pequeno e estão os pais martirizados.



Nacional Rádio, Lda., de Lisboa e Santos, Guimarães & Oliveira, Lda., do Porto, representantes exclusivos em Portugal das fábricas GRUNDIG VERKAUFS G. M. B. H. de Furth (Bayern), Alemanha Ocidental, têm o prazer de informar que o concurso relativo ao mês de Setembro será transmitido hoje ás 20 horas e 50 minutos pela Rádio Televisão Portuguesa.

HENRIQUE MENDES apresentará CARLOS RAMOS, acompanhado por RAUL NERI e JÚLIO GOMES.

Linha de SINTRA

Farmácias de serviço

AMADORA — Carmelo — Rua Elias Garcia, lote 28, Quinta do Bosque, tel. 931303; Helénica — Rua Elias Garcia, JPL, loja B, tel. 930213.

QUELUZ — André — Rua Elias Garcia, 85, tel. 950043.

SINTRA — Simões — Rua Heliodoro Salgado, 26, tel. 980832.

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — telefone 980456.

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — Às 21 e 15: «Contrabando de fogo» e «Amor á inglesa em Paris» (17 anos).

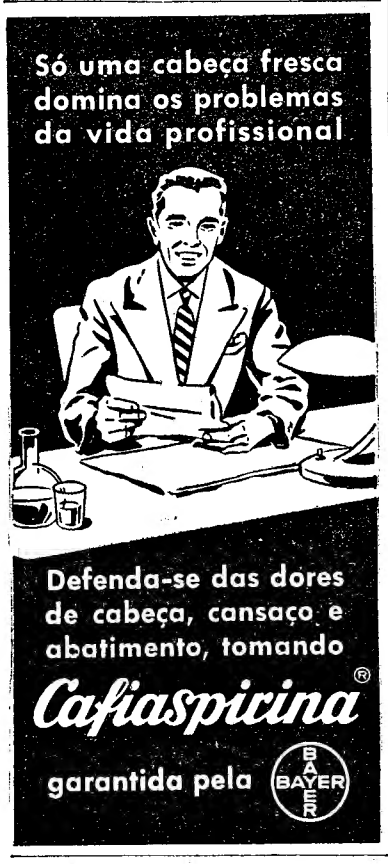
QUELUZ — Queluz Cine — Às 21 e 15: «Duas mulheres, dois destinos» e «Um grito na escuridão» (17 anos).

MEM-MARTINS — Cine Chaby — Às 21 e 30: «Uma certa mulher» (17 anos).

SINTRA — Cine-Teatro — Às 21: «Ilha para dois» (17 anos); Carlos Manuel — (Não há espectáculo).

ERICEIRA—Cine - Casino—(Não há espectáculo).

ODIVELAS — Cine-Teatro — Às 21 e 30: «Melodia interrompida» (12 anos).



O SNACK-BAR DO HOTEL ATENAS

Rua Luciano Cordeiro, 98

O Snack mais moderno da cidade apresenta as suas refeições típicas e variadas à la française

PRATOS DO DIA:

Domingo — **Paelha à Valenciana**
2.ª - feira — **Tripas à moda do Porto**
3.ª » — Chili
4.ª » — **Morangó de vitela**
5.ª » — **Pato estufado à Atenas**
6.ª » — **Bacalhau à Atenas**
Sábado — **Caril de frango à Hindu**

AMBIENTE ELEGANTE

ABERTO ATÉ ÀS 3 DA MADRUGADA

OIÇA O PROGRAMA «MEIA-NOITE», DO R. C. P.

PERFUMARIA CEZAL

FUNDADA EM 1910

Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial; sabonetes Franceses e Ingleses. Camy, Pinaud, Palmolive, etc. A célebre pasta dentífrica Colgate a 19$80 cada. Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs Gillette, de fabrico de origem, etc. RUA DO COMÉRCIO, 12 e 14 TELEFONE 26498 LISBOA

Diário da OUTRA BANDA

Construtores civis visitaram as instalações da Siderurgia Nacional

Trezentos e cinquenta construtores civis visitaram esta tarde as instalações da Siderurgia Nacional no concelho do Seixal.

A edificação dos gigantescos edifícios da Siderurgia Nacional pôs á prova, com o melhor resultado, a nossa industria de construção civil, tendo também permitido comprovar a qualidade superior dos materiais de construção produzidos em Portugal.

Os visitantes, que eram acompanhados pelo presidente do Sindicato Nacional dos Construtores Civis, sr. Arménio Pires Serro, e outros dirigentes sindicais, foram recebidos, em Paio Pires, pelo sr. eng. Nobre da Costa, director técnico da Siderurgia Nacional, e por numerosos engenheiros e agentes técnicos da nova unidade fabril. Tendo começado por visitar as instalações do alto forno, os construtores civis, vivamente interessados, percorreram as instalações para a acearia e a laminagem, assim como as instalações auxiliares.

Sessão de cinema para os construtores civis

Na segunda-feira, ás 21 e 30, no salão do cinema do Palácio Foz, haverá uma sessão inteiramente dedicada aos construtores civis, na qual serão projectados documentários sobre a industria siderurgica.

O 71.º ANIVERSÁRIO

da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense

Prossegue esta noite, ás 21 e 30, com a representação do drama regionalista em três actos «Má Sina», de Bento Mantua, pelo Grupo Cénico da colectividade, a comemoração do 71.º aniversário da fundação da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

Ameixas no Inverno

CACIA, 27. — Uma ameixoeira da quinta do sr. dr Manuel Pereira Duarte é alvo da admiração da gente de Cacia e redondezas, em virtude de ostentar frutos maduros, florescidos e desenvolvidos nesta quadra, que tão invernosa se tem mostrado.

LORY

APRESENTA ORIGINAIS MODELOS DE JOIAS E PRATAS

Transformações — Preços módicos

CALÇADA DO CARMO, 3, 2.º, DIR.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos Costa, 10, telefone 034137.

ALMADA — Castro Rodrigues — Rua Capitão Leitão, 121, tel. 070076.

BARREIRO — Rua Conselheiro Joaquim A. Aguiar, 258, tel. 023012.

COVA DA PIEDADE — Cerqueira — Praça 5 de Outubro de 1910, 18, tel. 070254.

MOITA — União Moitense — Praça da Republica.

MONTIJO — Moderna — Rua Bulhão Pato, 60, tel. 030156.

SESIMBRA — Leão — Rua da Republica, 51, tel. 029025.

SETUBAL — Lisboa — Rua Dr. Paula Borba, 70, tel. 22248.

(Nas localidades onde existe uma só farmácia esta encontra-se de serviço permanente).

Cinemas

ALMADA — Incrível Almadense — Às 21 e 15: «Um lugar ao Sol» (17 anos); Academia — Às 21 e 15: «Emboscada sangrenta» e «Francis entre fantasmas» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — Cine-Copacabana — (Não há espectáculo).

BARREIRO—Teatro - Cine—(Não há espectáculo).

AMORA — Cine-Teatro — Às 20 e 45: «Uma sombra na sua vida» (17 anos).

MONTIJO — Cine-Teatro — Às 21 e 15: «Semente ruím» (17 anos).

Os Viseenses querem homenagear

a memória do presidente António José de Almeida

VISEU, 27 — Pelo telefone) — Um grupo numeroso de Viseenses enviou uma petição á presidencia da Camara Municipal, a solicitar a concretização de uma homenagem á memória do presidente Antonio José de Almeida.

Lê-se na referida petição:

«Logo que foi aberta a avenida que partindo do largo fronteiro á estação do caminho de ferro desta cidade, vai terminar na Rua Serpa Pinto, a Camara Municipal de então deliberou dar-lhe o nome de Avenida Dr. António José de Almeida, como preito de homenagem á memória deste grande Português.

Todavia, não obstante terem decorrido já largos anos após essa resolução, ainda não foram ali colocadas quaisquer placas ou dísticos, indicativos daquela designação.

Assim, passando no dia 31 do mês corrente mais um aniversário da morte do dr. António José de Almeida — cujo nome ficou para sempre gravado nas páginas da nossa História, não só por ter sido um dos paladinos e fundadores mais insignes do regime republicano, como ainda pela elevação com que, na chefia do Estado, prestigiou e serviu a Pátria — os signatários, certos de que interpretam os sentimentos da população viseense, tomam a liberdade de solicitar o seguinte:

1.º — Que nesse dia se proceda á colocação e inauguração de placas que condignamente sinalizem aquela importante artéria com o nome do venerando presidente da Republica, que a Camara, com aplauso desta cidade, desse modo quis justamente homenagear.

2.º — Dada a hipótese de, por quaisquer motivos, não ser possível á Camara mandar proceder nesta altura á confecção dessas placas — duas se lhes afiguram as necessárias — rogam que, com a maior brevidade, lhes seja fornecido o modelo com o respectivo desenho e mais pormenores a que as mesmas devem obedecer, pois tomam sobre si o encargo da sua execução, assumindo, também, desde já, o compromisso de as ofertar a essa Camara Municipal, para serem inauguradas naquela data ou em outra próxima».

A Camara Municipal já respondeu á petição, informando que está em estudo a reorganização geral da toponímia da cidade.

REGRESSA NO FIM DO ANO

o comandante naval de Angola

O sr. almirante Rui Newton da Fonseca, que desde o posto de comodoro desempenha as funções de comandante naval e director dos Serviços de Marinha da Província de Angola, regressará no fim do ano a Lisboa, possívelmente, nos ultimos dias de Dezembro.

Aquele comando poderá ser desempenhado por um oficial com um posto não inferior a capitão-de-mar-e-guerra.

A CIDADE

Os berbicachos

que complicam o trânsito

A medida em que aumenta o movimento, agravam-se os problemas do transito e outros vão surgindo em zonas da cidade onde eles não se poderiam prever. Há que ponderar na circunstancia fundamental de a estrutura do burgo, na sua parte mais antiga, não comportar a torrente de transito, em aumento constante e progressivo, fenómeno, aliás, comum a todas as velhas cidades, as quais não foram, naturalmente, planeadas com a amplitude suficente, largos espaços e artérias desafogadas, para o movimento ao ritmo apressado e trepidante destes tempos modernos.

Em Lisboa, com a sua acidentada orografia, as ingremes ladeiras, as precipitadas descidas e o labirinto de engasgadas e emaranhadas ruelas, os problemas ainda mais se complicam, assim como se tornam difíceis as soluções, apesar de todos os arranjos e modificações, mesmo transitórios, tendentes a atamancar a coisa.

Há, porém, certas complicações, verdadeiros berbicachos, os quais, na impossibilidade da transformação radical ou mesmo de uma rápida e provisória alteração das condições que dificultam o escoamento do transito em espaços acanhados, só a boa vontade e a compreensão dos próprios interessados, com verdadeiro espírito colaborante, poderiam atenuar. Não sucede, assim, porém, na maioria dos casos.

Onde não haja um sinaleiro ou sistema de sinalização regulador, a intransigência dos condutores de toda a sorte de veículos não permite uma equitativa ordenação do transito, de utilidade comum.

Temos um exemplo, entre muitos, no remoinho de transito que se arma constantemente na ligação da Rua Silva Carvalho com a Rua das Amoreiras. Ali se cruzam linhas de eléctricos, agora de mais intenso movimento resultante da supressão das carreiras pela Avenida da Liberdade, ao mesmo tempo que se avoluma cada vez mais o transito de automóveis. Sobem e descem eléctricos e rodopiam os automóveis, entrecruzando-se e criando-se mutuamente obstáculos, com todas as dificuldades, as demoras, os enervamentos e os prejuizos para quem tem os movimentos contados nos horários das suas ocupações.

Aquilo poderia tornar-se menos ensarilhado e complicativo, se houvesse um pouco da tal compreensão, bastando que, de quando em quando, qualquer automobilista parasse, por momentos, a dar passagem aos eléctricos carregados de gente a caminho dos seus empregos. Mas como não é assim, urgente se torna a regularização do transito naquele local, onde um sinaleiro imponha a cada qual o cumprimento dos seus próprios deveres — pois aquilo não pode continuar.

Bibliotecas Municipais

ao serviço dos estudantes

As Bibliotecas Municipais, providas de salas de estudo, proporcionam aos escolares, em ambiente tranquilo e confortável, os livros de que necessitam. E quando faltarem alguns, basta que os requisitem, pois serão rápidamente adquiridos.

Essas salas de estudo funcionam nas seguintes bibliotecas, abertas, no período nocturno, das 20 ás 23 horas: Biblioteca Central, no Palácio Galveias, Largo do Campo Pequeno; Avenida Fontes Pereira de Melo, 32. r/c.; Alcantara, Avenida 24 de Julho, no edifício da D. S. T. E.; Rua de Pedrouços, 88, 1.º; Bairro Dr. Oliveira Salazar (Alvito); Poço do Bispo (Vale Fundão); Bairro de Alvalade, Rua Teixeira de Pascoais — edifício anexo ao Grupo Escolar da Célula 8; São Lázaro, Rua do Saco, 1.

Pela Polícia

PEDIDO DE CAPTURA — A Polícia Judiciária, pela 8.ª Secção, 2.ª brigada, solicitou ás autoridades do País a captura de Manuel Antunes Barreira, ou Manuel Antunes dos Santos, ou Manuel Antunes Barreira Rodrigues, de 35 anos, casado, natural de Coimbra, freguesia de Santa Cruz, que residiu em casa de uma irmã, na Rua da Penha de França, 62, 3.º, Dto., em Lisboa, e cujo paradeiro se ignora. E' acusado de abuso de confiança e tem mandados de captura do Tribunal Judicial de Coimbra, desde Janeiro de 1958.

ROUBO E FOGO POSTO — A 6.ª Secção da mesma Polícia enviou ao Tribunal Correccional os processos em que são arguidos, respectivamente, Felicidade Rosa Fernandes a «Maria João», de ter praticado um furto, num dos estabelecimentos da Baixa, de que foi vítima um casal estrangeiro que ali se encontrava para fazer compras; e Julio da Costa Garcia de ter lançado fogo aos matos de um terreno na Paiã.

Pelos hospitais

VÍTIMA DE QUEDA — Morreu no Hospital de S. José, onde entrara há meses, vítima de queda na sua residência, a sr.ª Joaquina Rosa Pereira, de 89 anos.

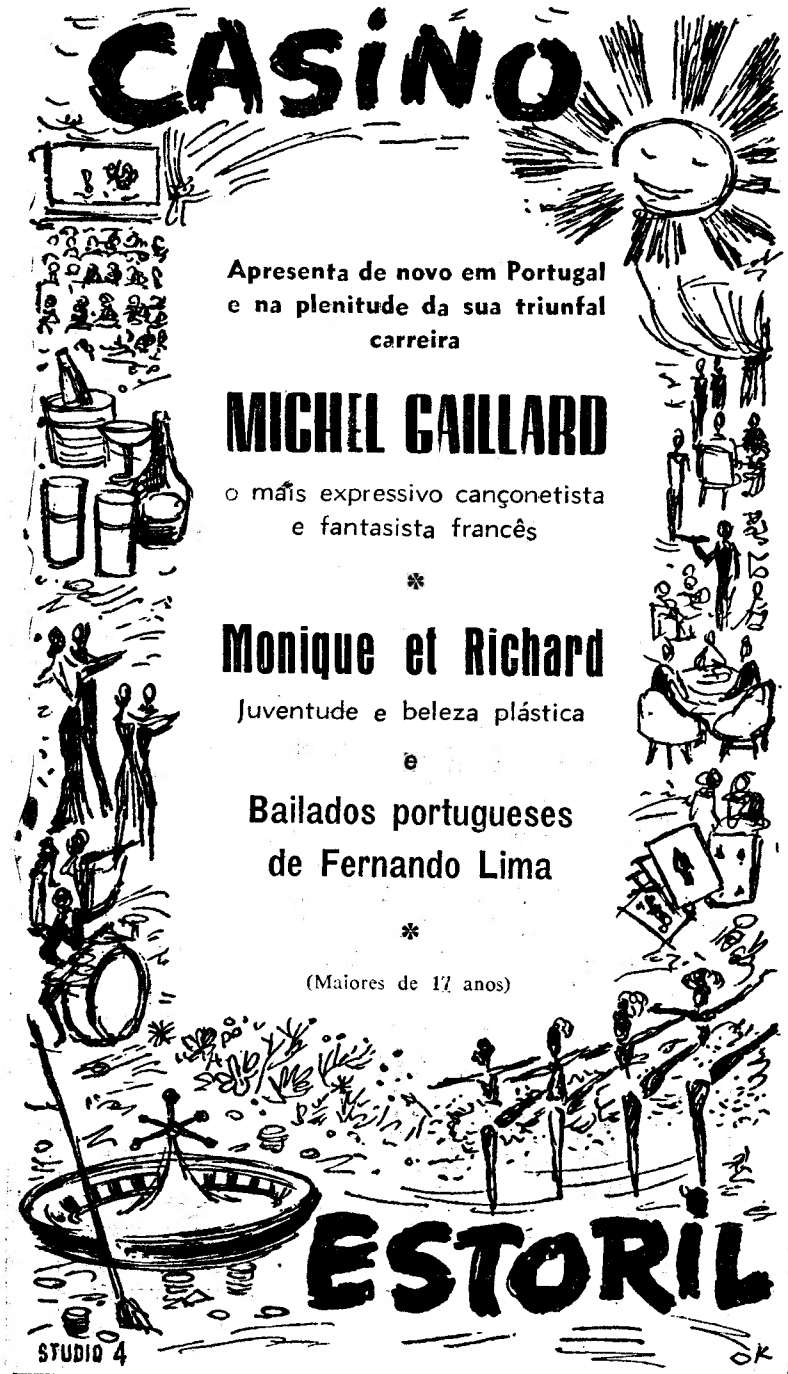
MORREU EM SANTA MARTA — No Hospital de Santa Marta, onde entrara há dias, faleceu a sr.ª Iria Viana de Almeida, de 86 anos, residente na Vila Berta, 2, 1., á Graça, a qual ingerira petróleo por engano.

ACOMETIDO DE DOENÇA NUM ELÉCTRICO — O operário João Ribeiro Arroios, de 57 anos, cuja morada se ignora, foi acometido de doença subita, quando viajava num eléctrico da carreira de Santa Apolónia. Sem fala, deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

CAIU DE UM BURRO — Em Almeijoeira, Taberna, Albufeira, caiu de um burro a sr.ª Lucinda Guerreiro, de 50 anos, residente naquela localidade, fracturando a coluna. Transportada ao Hospital de S. José, ficou ali internada.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues á P. S. P. (Governo Civil): um rolo de fita isoladora; um estojo contendo uns óculos; uma gata de raça; uma moeda suíça; jogo para a próxima extracção da Santa Casa da Misericórdia; um relógio de pulso para senhora; papel selado; uma agenda contendo papéis pertencentes a Joaquim Nunes Alegria; uma radiografia; um porta-moedas com dinheiro; um saco de lona contendo marmitas e talheres; duas luvas desirmanadas para senhora; um par de luvas para senhora; um aro para roda de automóvel; parte de um tubo de escape; um pano para cozinha; um lenço próprio para senhora; uma blusa e uma saia; um guarda-chuva; uma sombrinha; uma boquilha; argolas com chaves e várias chaves soltas; uma chapa de matrícula de veículo automóvel; uma chave; e uma aliança de ouro com inscrição.

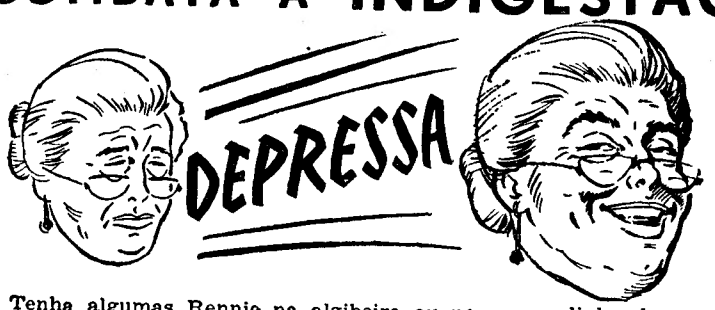


Acácio dos Santos, Ex-contramestre da **Alfaiataria José Luís**, comunica a todos os Ex.mos Clientes de que se encontra ao serviço de **Adão, Camiseiros** onde aguarda as suas estimadas ordens.

Adão, Camiseiros — Rua Augusta, 238

Comunica que se encontra ao seu serviço o contramestre Acácio dos Santos e espera atender cada vez melhor a sua excelentíssima clientela de casacos e calças sport e **fatos completos** por medida.

COMBATA A INDIGESTÃO



Tenha algumas Rennie na algibeira ou na sua malinha de mão... e, esteja onde estiver, ao primeiro sintoma chupe uma Rennie. O seu estômago normalizar-se-á ràpidamente.

As Rennie actuam com rapidez e suavidade por serem chupadas e a própria saliva dissolve os anti-ácidos levando-os ao estômago. Não são necessários doses maciças, para regularizar as secreções gástricas.

Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico.

As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.

PASTILHAS **RENNIE**

Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50

Tágide — Lisboa

Apresentam em sensacional estreia

A COMPOSITORA E INTERPRETE DA MAIORIA DOS SUCESSOS DA CANÇÃO FRANCESA

FLORENCE VERAN

Palm Beach — Cascais

(MAIORES DE 17 ANOS)

UM MONUMENTO DO CINEMA ACTUAL QUE DOMINA O PÚBLICO DE LISBOA
COMO DOMINOU O MUNDO COM UM PODER ESPECTACULAR INCOMPARÁVEL!

Milhares e milhares de figurantes! Velhas civilizações bárbaras numa reconstituição insuperável!... O idolo gigante que esmaga as suas vitimas! A torrente de óleo em chamas!

OS AMORES DE RUTH

(THE STORY OF RUTH)

UMA HISTÓRIA APAIXONANTE QUE VEM DO FUNDO DOS SÉCULOS ATRAVÉS DE LUTAS, COMBATES, SACRIFÍCIOS HUMANOS. AMBIÇÕES...

20th CENTURY-FOX — CINEMASCOPE — COR DE LUXE

COM

Stuart Whitman — Tom Tyron — Peggy Wood
Viveca Lindfors — Jeff Morrow — Elana Eden

Realização de **Henry Foster** — Argumento de **Norman Corwin**

2ª SEMANA no POLITEAMA

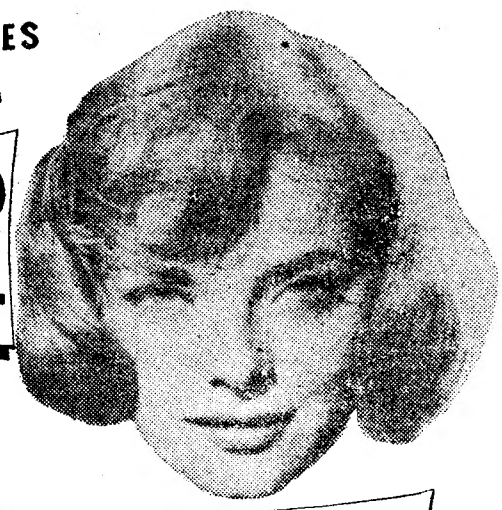
ADULTOS (Maiores de 17 anos)

HOJE, às 21,45 ESTREIA

AVIS

DOIS EXTRAORDINÁRIOS COMEDIANTES NUMA COMÉDIA EXTRAORDINÁRIA

ALDO FABRIZI e **RENATO RASCEL**



VIRNA LISI

VICKY LUDOVISI

UM MILITAR E... MEIO!

REALIZAÇÃO STENO — Em Eastman COLOR

Exclusivo TALMA FILMES (m/12 anos)

Capitólio

Emp.ª «Figueira de Gouveia»
Às 20.30 e 23 horas
(Adultos — M/17 anos)

EM PLENO ÊXITO
HUMBERTO MADEIRA
RAUL SOLNADO
e CARLOS COELHO
apresentam-se com

MILÚ

NA FORMIDÁVEL REVISTA POPULAR

A VIDA E' BELA!

UM EXTRAORDINÁRIO ÊXITO DE GARGALHADA

com **BERTA LORAN, HELENA TAVARES, EMILIO CORREIA, MARIA CRISTINA,** e o categorizado **BALLET RISTIC STAR DANCERS**

«A velha senhora» por Maria Cristina

GERAL a 10$00 em confortáveis lugares

A LAREIRA
Restaurante — Salão de Chá
Pr. das Águas Livres, 8-1—Tel. 689627
(perto da Rua D João V)

Ambiente discreto e sossegado

COZINHA CASEIRA

ACEITAM-SE COMENSAIS

Tágide

Florence Veran

MARUJITA RUIZ
(Manuela)
MARIA MARQUES
PATRÍCIA
JOSÉ BORGES
(Maiores de 17 anos)

Palm Beach

CAMPO PEQUENO

NOS RESTAURADORES, 7

ESTÃO À VENDA OS BILHETES PARA O

Grandioso Festival Luso-Hispano-Venezuelano, em favor da Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa, presidido pelo Ex.mo Sr. Dr. Mário Carmona, em que serão lidados 8 toiros (dois do Ex.mo Sr. David Ribeiro Teles e dois da Sociedade Agricola de Santo Estêvão, para cavalo e 4 do Ex.mo Sr. Oliveira, Irmãos, para a lide a pé).

DOMINGO, 30, ÀS 15 HORAS

CAVALEIROS :

Manuel Conde, Pedro Louceiro, David Ribeiro Teles e Alfredo Conde

ESPADAS :

António dos Santos, Curro Montes, Antonio Ortega, «Orteguita» e Lucio Riqueño

Toma parte o Grupo de Forcados Amadores de Lisboa, de que é cabo o Ex.mo Sr. Nuno de Salvação Barreto.

PREÇOS DESDE 15 ESCUDOS
MAIORES DE 6 ANOS
SÃO VÁLIDOS PARA ESTE ESPECTÁCULO OS BILHETES COM A DATA DE 29 DE SETEMBRO

ASSISTA HOJE ÀS 21 H. no ROYAL

No programa:
A estupenda farsa de grande comicidade

CANTINFLAS À LA MINUTA

Exclusivo INTERNACIONAL FILMES

(Maiores 12 anos)

A ESTREIA DUM FILME QUE PELA SUA CATEGORIA ARTÍSTICA RECOMENDAMOS A TODO O PÚBLICO!

ROSITA QUINTANA
MIGUEL ACEVES MEJIA
em

SANGUE do meu SANGUE

UMA HISTÓRIA ENCANTADORA QUE JAMAIS ESQUECERÁ!

A revelação dum pequeno grande artista

CÉSAREO QUEZADAS
(Pulgarcito)

Um filme que não deve deixar de ver!

Casacos para inverno

Dezenas de padrões,
só nas melhores fazendas
Perfeita execução

JACOME BELÉM DA SILVA

R. Gonçalves Crespo, 33-1. Esq.
(Esquina Conde Redondo)

HOTEL DA ÁGUA DA FOZ DA SERTÃ

(Nova estrada de acesso)

ABERTO TODO O ANO

Incomparável local para REPOUSO, FINS DE SEMANA, PESCA, CAÇA E DESPORTOS AQUÁTICOS

Reserva de quartos: Telef. 472 — Cernache

MELHOR QUE

«COMEÇOU COM UM BEIJO»...

METRO-GOLDWYN-MAYER

O MAIOR ÊXITO DO PAR MAIS ADORÁVEL DO CINEMA AMERICANO!

GLENN FORD

DEBBIE REYNOLDS

RIA!

COM A MAIS TERRIFICA COMÉDIA DO SÉCULO!

UM FILME **M-G-M** EM CINEMASCOPE

SEM TALENTO PARA MATAR

— THE GAZEBO —

AMANHÃ

HILARIANTE ESTREIA

Maiores de 12 anos

CONDES

TEATRO MONUMENTAL

Esp. Vasco Morgado, Ld.ª
T. 55133

(ADULTOS M/ 17 anos)

HOJE

2, SESSÕES, 2

Às 20.30 e 23 h.

NUNCA JAMAIS **RIU** TANTO

afirma o publico AO VER **LAURA ALVES** em

BOA NOITE, BETINA!

o espectáculo moderníssimo do momento

MULHERES! MÚSICA! E LINDAS CANÇÕES!

YOLA e PAULO

Preços mais baixos do que os de cinema

BALCÃO desde **5$00**

PLATEIA desde **20$00**

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- No desempenho da peça «Much ado about nothing», de Shakespeare, em ensaios na TV, tomam parte os artistas Isabel de Castro, Mariana Vilar, Maria Alberta, Manuel Lereno, Tomás de Macedo, Sales Ribeiro, Alexandre Veiira, Luís Cerqueira, Rui Mendes, Andrade e Silva, Couto Viana, Fernando Isidro e Costa Ferreira.
- Para a companhia do Variedades foi contratado o actor Mário Pereira.
- A companhia do ABC deve prolongar a sua actuação no Sá da Bandeira, onde está a representar a revista «Espero-te á saída».
- O «Teatro de Brincar» vai apresentar no ABC um novo espectáculo formado pelas peças «A menina do chapelinho verde» e «Pinóchio e Zézé mentirosos».
- Amanhã, a companhia do D. Maria II apresenta no S. João do Porto o original de Bernardo Santareno «O lugre».
- O ensaiador Rosa Mateus faz parte da companhia do Capitólio como assistente técnico e artístico.
- Por se encontrar já restabelecido voltou a participar da comédia em cena no Variedades, o actor Carlos Alves.

Vem a Lisboa

o Teatro Experimental da Universidade de Freiburgo

O Teatro Experimental da Universidade de Freiburgo, Alemanha, vem a Lisboa, por iniciativa do Instituto Alemão, representar a peça de Goethe «Urfaust» (o «Fausto», na sua primeira versão).

Êste Teatro Experimental, sob a direcção de Egon Müller-Franken, já visitou a Inglaterra, França, Grécia, Suiça e Espanha, tendo por toda a parte alcançado grande êxito.

A referida representação, em alemão, realiza-se amanhã, ás 21 e 30, por amável cedência do Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa.

No Maria Vitória

A trepidante Companhia Brasileira de Revistas, triunfa na dinâmica revista popular, «Gosto, que me enrosco!»

No elegante teatro Maria Vitória, em duas sessões, ás 20 e 30 e 22 e 45, apresentada por Salvador, em estreita colaboração com Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, a trepidante Companhia Brasileira de Revistas triunfa na dinamica revista «Gosto, que me enrosco!». Autêntica rajada de alegria e comicidade, verdadeira alucinação dos mais estranhos ritmos do Brasil, onde perpassa a beleza do seu «folclore» e das suas lindas mulheres. «Gosto que me enrosco!», marca a sensacional reaparição, em Lisboa, da querida vedeta Eva Todor, a inesquecível «Maria Fumaça», que se impõe como indiscutível estrela de revista. Além de Eva Todor em «Gosto, que me enrosco!», obtém, também, um sensacional sucesso: Yara Lex, a voz selvagem do Rio, Teresinha Elisa, actriz insinuante e «virtuose» do acordeão, as elegantíssimas artistas Elisabeth Hom, Auristela Araujo e Sarah Domel, Nick Nicola e Evilazio Maisal, dois grandes actores cómicos brasileiros, Artur Costa (filho), Vítor Denizar e a famosa parelha de baile Lido de Riva e Irene.

DOÇARIA CASEIRA

um Ribatejo 10$00 — Café de Balão

UMA PEGA 6$50

no BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D

No Variedades

«Os primos Basílios», grande êxito de gargalhada

Não é exagero dizer que o publico passa no Variedades duas ho-

(Continua na página seguinte)

IV SALÃO DE ARTES DOMÉSTICAS

NO PAVILHÃO DA F. I. L. — A Junqueira

Uma organização do jornal O SECULO

UM MUNDO DE MARAVILHAS PARA TODAS AS DONAS DE CASA

HOJE, ABERTO DAS 20 ÀS 24 HORAS

UM CONJUNTO IMPONENTE E GRACIOSO que a todos interessa

A PHILIPS, em colaboração com a firma J. C. Alvarez, oferece todas as noites a fotografia de 50 visitantes, 20 delas a cores.

Com o seu bilhete de entrada ficará habilitado a um magnífico automóvel «MORRIS» 850

Hoje — NOITE SINGER — Hoje

que terminará com o sorteio de magníficos prémios:

1.º prémio — Uma máquina de costura, **SINGER**, portátil, «peso-pluma» com estojo
2.º prémio — Um ferro eléctrico **SINGER**
3. prémio — Um ferro eléctrico **SINGER**
4. prémio — Uma máquina n.º **20K10**
5.º prémio — Uma máquina n.º **20K10**

X EXPOSIÇÃO NACIONAL DE FLORICULTURA E VIII EXPOSIÇÃO A IMAGEM DA FLOR

promovidas pela CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Das 11 ás 19 horas, entrada gratuita pelo portão da Rua da Junqueira — Das 20 ás 24 horas, entrada pelo Salão de Artes Domésticas

VARIEDADES

(17 ANOS)

HOJE — ÀS 21 E 45 H.

OS PRIMOS BASILIOS

RIA COMO NUNCA RIU COM O ESPECTÁCULO MAIS CÓMICO DOS ULTIMOS ANOS

ASSIS PACHECO e RIBEIRINHO

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE — **UM MILITAR E MEIO!** — **SANGUE DO MEU SANGUE** — AVIS — ROYAL

SÃO LUIZ — Telefone 27172
A's 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.20 (M. 17 anos)
Um filme de amor
Eastmancolor
UMA VIDA
com **Maria Schell — Pascale Petit — Antonela Lualdi**

EDEN — Telefone 20768
15.30 - 18.30 e 21.45 (Adultos — 17 anos)
Uma comédia de alto nível colorida
CONVERSA DE TRAVESSEIRO
com **Rock Hudson** e **Doris Day**
Ele, era um despreocupado solteirão, que gostava de aventuras, mas desejava viver isolado...

ALVALADE — Telefone 763088
A's 15.45 (p. r.) e 21.45
(M. 17 anos)
Eastmancolor
UMA VIDA
Maria Schell — Pascale Petit

ODEON — Telefone 26283
A's 15.15 (p. r.) e 21.30
EM 4.ª SEMANA DE LOTAÇÕES ESGOTADAS!
AONDE VAIS, TRISTE DE TI?
com **Marga Lopez** e **Vicente Parra**
A sublime história de uma rainha cujo amor profundo levou o rei a esquecer outro grande amor.
Eastmancolor — (M. 12 anos)

LIZ — Telefone 48560
21.00 (M. 17 anos)
ENCONTRO COM A SOMBRA
OS NOIVOS DA MORTE

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M. 17 anos)
NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO
O ESCORPIÃO NEGRO

TIVOLI — Telefone 50595
HOJE ás 21.45 e AMANHÃ ás 18.30
A notável companhia de Ballet
LUISILLO
y su teatro de danza española
M. 12 anos)

POLITEAMA — Telefone 26305
HOJE, ás 21.30
2.ª SEMANA DE ÊXITO SEMPRE SENSACIONAL
com o grandioso filme bíblico
AMORES DE RUTH
com **Stuart Whitman, Eleana Eden, Peggy Wood** e milhares de figurantes
Cinemascope ———— (M. 17 anos)
Hoje, ás 18.15 — sessão da série **«Os grandes romances de amor»** — (M. 12 anos).

CONDES — Telefone 22523 (Adultos)
A's 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme divertido e emocionante
Technicolor
AGARREM ESSA LOIRA
com **Sophia Loren** e **Anthony Quinn**

ROMA — Telefone 727778
A's 15.30 e 21.45
(Adultos)
Uma comédia de alto nível em
Cinemascope e Eastmancolor
CONVERSA DE TRAVESSEIRO
com **Rock Hudson** e **Dorys Day**

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M. 12 anos)
Em Cinemascope
A ESTRADA DE SONHO DO MUNDO

ROYAL — Telefone 865037
A's 21 horas
ESTREIA
(M. 12 anos)
SANGUE DO MEU SANGUE
com **Rosita Quintana**
No progr. — **CANTINFLAS À LA MINUTA.**

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
A's 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Amor, ciume e perdão num belo filme português
ENCONTRO COM A VIDA
com **Maria Dulce** e **Rogério Paulo**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
3.ª SEMANA
Marilyn Monroe
Tony Curtis
Jack Lemmon
Na mais alta comédia do ano!
QUANTO MAIS QUENTE, MELHOR!
Em Complemento: **«HUMOR ABSTRACTO»** — 1.º prémio do Festival de S. Francisco.

MONUMENTAL — Telefone 55131
A's 15 e 21 horas (M. 12 anos)
Uma história dos tempos de Cristo
Em Technicolor
B E N - H U R
com **Charlton Heston — Jack Hawkins**
ATENÇÃO — Pede-se a todos os srs. espectadores para comparecerem pontualmente á hora do espectáculo.

AVIS — Telefone 47163
A's 21.45
ESTREIA
(M. 12 anos)
Dois extraordinários comediantes
Aldo Fabrizi e **Renato Rascel**
UM MILITAR E... MEIO!

TERRASSO — Telefone 20917
21.00 (M. 17 anos)
RESSURREIÇÃO
UM AMERICANO EM MOSCOVO

CASINO ESTORIL
21.30 (M. 17 anos)
UM NOIVO DA AMÉRICA
com Walter Chiari

Salvador

Barroso Lopes

Octávio de Matos (Filho)

NO COLISEU
Emp. Ricardo Covões (H.)—Telef. 31997

EM 2 SESSÕES — Às 20.30 e 22.45
O SUCESSO COLOSSO DO MOMENTO EM LISBOA

A FABULOSA E ALEGRE REVISTA

MULHERES DE SONHO

ORIGINAL DE AMADEU DO VALE — PAULO DA FONSECA E EUGÉNIO SALVADOR—COM MUSICA DE FERNANDO DE CARVALHO CARLOS DIAS E TAVARES BELO

PELO MAIOR E MELHOR ELENCO DE TODOS OS TEMPOS!!!
UMA REVISTA QUE CUSTOU UMA FORTUNA E SE APRESENTA AOS MAIS BAIXOS PREÇOS DE TEATRO EM LISBOA!

LUGAR MAIS CARO, 40$00 — MAIS BARATO, 7$50

P.ª Ad. M/17 anos

Leónia Mendes em «Arraial»

SALVADOR

em colaboração com Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

tem o orgulho de apresentar dois

EXITOS

retumbantes

NO MARIA VITORIA
Telef. 31740

AD. M/17 ANOS

Em 2 sessões A's 20,30 e 22,45 h.

EM PLENO TRIUNFO!
A TREPIDANTE COMPANHIA BRASILEIRA DE REVISTAS
na alegre e dinamica revista

GOSTO QUE ME ENROSCO!

Em que reapareceu e triunfa EVA TODOR ao lado de NICK NICOLA, EVILAZIO MARÇAL, YARA LEX, TERESINHA ELISA, ELIZABETH HORN, SARAH DORNEL, ARTUR COSTA (Filho) e LIDO DA RIVA & IRENE

Eva Todor em «Burralina»

Evilazio Marçal em «Begin-Bangô»

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

ras a rir, durante a representação da farsa de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa «Os Primos Basílios». O publico ri, e ri com gosto, apreciando este primeiro espectáculo do «Teatro só para rir», que Ribeirinho e Henrique Santana inauguraram. A construção da peça, a sucessão das situações mais inesperadas, a perfeita «carpintaria» de farsa, os trocadilhos e graças, fazem desta obra uma autêntica prova de que a dramaturgia portuguesa mantém os seus alicerces seguros e muitas vezes é de qualidade ou igual, e até superior, ao que por hábito se importa do estrangeiro. A representação está a par da categoria da farsa e Ribeirinho, Assis Pacheco, Aida Baptista, Mimi Gaspar, Josefina Silva, Carlos Alves, Luís de Campos, Lili Neves, Carlos José Teixeira, Lucia Mariani e Rita Nobre, formam o conjunto ideal de intérpretes para apresentar com verdadeiro estilo de farsa portuguesa este grande êxito de franca gargalhada.

No Monumental

Um espectáculo de categoria internacional

«Boa noite, Bettina», de Pietro Garineri e Sandro Giovannini, com musica de Kramer, é um grande, um belo espectáculo, nos moldes da comédia musical, com a qual Vasco Morgado coloca o palco do Monumental a par dos palcos de Paris, Londres, Roma e Madrid

«Boa noite, Betina» trouxe ao conhecimento do publico uma nova estrela na coreografia, um jovem bailarino, Paulo José, que dirige brilhantemente o notável «ballet» inglês John Keet Dancers, formado por 12 bailarinas e 4 bailarinos. Vasco Morgado, ao apresentar este novo e inédito espectáculo, reuniu um elenco excepcional: Laura Alves, Rui de Carvalho, Maria Paula, Paulo Renato, Armando Cortês, Baptista Fernandes, Rogério Paulo, Nicolau Breyner, Manuela Maria, Nina Flores, o conjunto vocal «4 de Espadas». A direcção musical é de Issi Fabra. A encenação pertence a António de Cabo. As maquetas e os figurinos são de Rafael Richart. Os cenários foram executados por Mário Garcia. A partir de hoje a 1.ª sessão principia ás 20 e 30. Todas as noites duas sessões.

J. Geraldes

LUSO
T. Queimada, 8-A
Adultos
A's 21.30 FADOS e CANÇÕES com MARIA AMELIA PROENÇA, Isaura Alice de Carvalho, Constança Nunes, Joaquim Geraldes, Eduardo Franco e o artista excêntrico JOÃO VIANA (Vianinha).
ADELINO SANTOS e AMADEU RAMIM
Direcção de Modesto Maia

No Coliseu

Com lotações esgotadas apresenta Salvador a revista «Mulheres de Sonho»

No Coliseu, em duas sessões, ás 20 e 30 e 22 e 45, Salvador, o artista querido do publico, cujo nome é sempre garantia de um excepcional espectáculo, em colaboração com Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, apresenta, triunfalmente e com lotações esgotadas, «Mulheres de Sonho», a revista-colosso.

Espectáculo de extraordinária categoria, «Mulheres de Sonho», original de Amadeu do Vale, Paulo da Fonseca e Eugénio Salvador, com musica de Fernando de Carvalho, Carlos Dias e Tavares Belo, onde a graça irresistível alterna com os mais belos e ricos momentos de fantasia. Um grande elenco, á frente do qual se encontram: a vedeta internacional Perla Cristal, Xiomara Alfaro, a voz de oiro da América latina, o querido actor cómico Costinha, Leónia Mendes, Maria Domingas, Barroso Lopes, Anita Guerreiro, Luísa Durão, Óscar Acursio, Ausenda Miranda, Lucinda Amaral e Octávio de Matos (filho), e as grandes atracções internacionais «Ruby Charles Weaat» e o seu cão comediante, o famoso «London Emperyal Ballet e o «Conjunto Sem Nome». «Mulheres de Sonho», um espectáculo que dignifica o teatro ligeiro em Portugal e que custou uma fortuna.

Primeiras exibições

«Uma vida», no São Luiz e Alvalade

Sobre a obra de Guy de Maupassant «Une Vie», Alexandre Astruc realizou esta obra verdadeiramente impecável, exemplar pela construção, pelo estilo, pela inteligência. Com o auxílio de Claude Renoir, o responsável pela fotografia, de um eastmancolor surpreendente, de extrema finura, de tonalidades novas, Astruc construiu uma obra-prima, de que são protagonistas Maria Schell, numa figura que é o próprio desencanto, Christian Marquane, duro, odioso e Pascale Petit, a confirmar o prestígio que a precedeu.

O drama de uma mulher ferida por um marido cruel é-nos dada com vigor e subtileza, num estilo pessoal e eficiente. «Uma Vida» é um dos mais notáveis filmes do ano e sem duvida, um dos casos mais importantes da época agora iniciada.—*M.*

As estreias de hoje

No Aviz

Título—«Um militar e... meio!»
Produção—Italiana.
Realização—Steno.
Intérpretes—Renato Rascel, Aldo Fabrisi, Virna Lisi, Mário Girotti e Vicky Ludovisi.
Argumento—Comédia.
Processo—Eastmancolor.
Distribuição—Talma Filmes.
Classificação—12 anos.

No Politeama

«O grande amor da minha vida» com Deborah Kerr e Cary Grant

O numeroso publico feminino que, todas as semanas, enche as sessões do famoso ciclo «Os Grandes Romances de Amor», desde há muito que vem pedindo uma reexibição do filme de Leo MacCarey, «O Grande Amor da Minha Vida», uma das mais belas histórias de amor de todos os tempos, com Deborah Kerr e Cary Grant nos principais papeis. E' agora possível satisfazer tal pretensão. No Politeama, hoje, ás 18 e 15, volta a projectar-se pela ultima vez, em Lisboa, «O Grande Amor da Minha Vida», um filme da mais alta classe.

Começaram em Évora as obras de reparação da igreja de S. Francisco

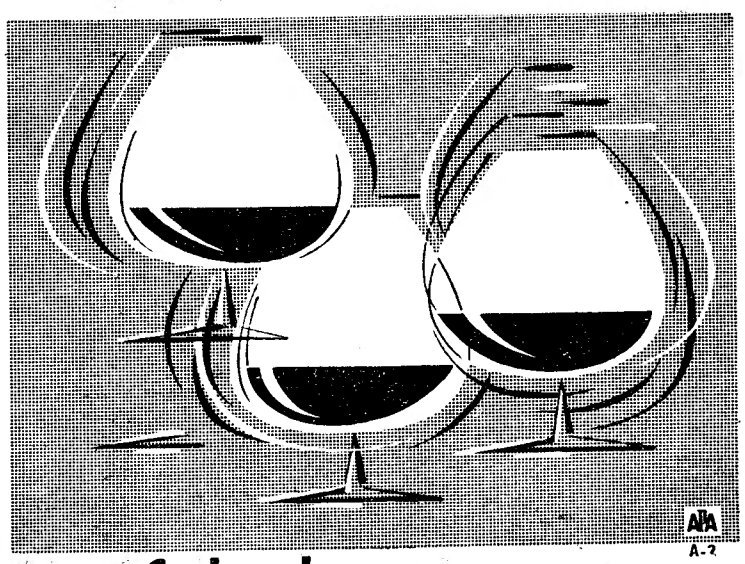
ÉVORA, 27. (Pelo telefone). — A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, começou já as obras de reparação na igreja de S. Francisco, desta cidade, que se encontra em estado deplorável, principalmente no sector das coberturas, que deixam infiltrar as águas pluviais nas abóbadas e nas capelas, onde os estragos estão bem patentes.

Brigadas de operários estão a reparar os telhados, rebocos, sectores da pavimentação, portas, janelas, etc. A galilé vai ser iluminada.

NOVO ANO LECTIVO do Instituto Superior Naval de Guerra

O novo ano lectivo do Instituto Superior Naval de Guerra é inaugurado, com uma sessão solene, no próximo dia 3 de Novembro pelas 11 e 30. A' sessão presidirá o sr. ministro da Marinha e usará da palavra o sr. almirante Ramos Pereira, director daquele Instituto.

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM
GARANTIA REAL
NA
A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.
Sede: Av. da Liberdade, 3-2.º — LISBOA * Sucursais no Porto e Coimbra



o Conhecedor... o Exigente... o Apreciador...

...ESCOLHEM SEMPRE UMA AGUARDENTE DE SABOR PERFEITO E AROMA AGRADAVEL, ENVELHECIDA EM CASCOS DE CARVALHO.

AGUARDENTE VELHA
1920

DISTRIBUIDORES PARA LISBOA:
J. A. DA COSTA PINA — R. DO ALECRIM, 69
PARA A PROVÍNCIA:
COSTA PINA & VILLAVERDE, LDA. — R. DO BOMJARDIM, 420 — PORTO

Vida musical

O 3.º Concerto de Outono no Teatro de S. Carlos

O 3.º concerto da série sinfónica de Outono, organizada pela Emissora Nacional, em colaboração com o Teatro de S. Carlos, realiza-se no sábado, ás 18 e 15. A orquestra Sinfónica da Emissora Nacional será dirigida pelo maestro e compositor Jean Martinon, sendo solista o pianista Jacques Klein.

O programa, que inclui a «Sinfonia n.º 2», de Beethoven, e a «Rapsódia obre um tema de Paganini», de Rachmaninoff, oferece duas primeiras audições: «Symphonies des Voyages», de Jean Martinon, e a «Suite do Bailado Chout», de Prokofieff.

Tardes culturais para a infancia

A Camara Municipal promove no próximo dia 30, pelas 17 horas, no Teatro da Trindade, mais um espectáculo infantil — a 4.ª Tarde Cultural para a Infancia — organizado por Adriana de Vecchi, com a colaboração do S. N. I., e integralmente interpretado pelos pequenos artistas da Fundação Musical dos Amigos das Crianças.

Os bilhetes para este espectáculo serão distribuidos, gratuitamente, amanhã e depois, das 9 ás 11 e 30, no Serviço Informativo dos Paços do Concelho e na Fundação musical dos Amigos das Crianças — Rua de S. Bernardo, 108, r-c.

Concerto publico pela banda da Armada

A banda da Armada, dá, no domingo ás 14 e 30, um concerto, no Jardim da Estrela, com o seguinte programa: «Le Voltigueur», de G. Parés; «La Princesse Jaune», de Saëns; «Les Deux Pigeons», de Antré Messager; «Moros y Cristianos», zarzuela, de Serrano; «Rapsódia Ribeirinha», de Silva Marques; e, «On the Wall», de Frank Goldman.

Florence Veran

A vedeta francesa que a **TÁGIDE** e o **PALM-BEACH** apresentam hoje novamente ao publico português, é a compositora, entre muitos outros, dos seguintes sucessos:

— **Bal de Nuit,** criação de Renée Lebas.

Panamá, criação de Jaqueline François.

Gigi, um «Best-seller» internacional e grande prémio da Canção Francesa.

Tu voulais, Grande Prémio da Canção Francesa.

Je hais les dimanches, criação de Greco-Mouloudjy.

Les jambes roses, criação de Patachou.

Fleur de mon couer, todas as orquestras.

Rendez-vous au Pam-Pam, uma das primeiras interpretações da canção estilo «Marie Chantal», criação de Florence Veran.

On m' a donné une âme, criação de Mouloudjy.

Si l'amour est un pêché, criação de Mady Rougey.

La Canzoneta, todas as orquestras.

Les mots, todas as orquestras, criação de Dany Dauberson.

Lex Amoreux, o mais recente sucesso gravado pela grande Edith Piaf,

... etc., etc....

As relações franco-alemãs

(Continuação da 1.ª página)

de ordem nacional devem subordinar-se, portanto, aos imperativos da defesa do Ocidente. Em Bonn entendem que esse mecanismo precisa de ter uma rigidez absoluta, funcionando como se o perigo soviético estivesse prestes a explodir num conflito militar imediato. De aí, á atitude intransigente do Governo federal que rejeita qualquer ideia de desanuviamento internacional, por partir do princípio de que as tentativas de aproximação com a União Soviética são inuteis e perigosas, uma vez que entre o Leste e o Ocidente nada há a fazer no sentido da sua aproximação.

Segundo esta interpretação pessimista da situação, a Europa Ocidental deve continuar a ser vigilante e forte, enquanto se aguarda uma explicação «fatal» pelas armas, entre os dois mundos opostos e irreconciliáveis. Da mesma interpretação dos factos resulta que a organização da Europa tem um carácter restrito e limitado, pois a Europa que há a organizar é essencialmente uma Europa anti-russa. Por seu lado, de Gaulle, embora se preocupe com a segurança da França, não vai até o ponto de concordar com as teses extremas que têm curso em Bonn, sobre a defesa da Europa. Muito pelo contrário, como se demonstra com as suas declarações feitas desde que subiu ao Poder, está convencido de que a paz entre o Leste e o Ocidente é possível e que a defesa da Europa deve assentar na normalização das relações entre as nações ocidentais e o bloco soviético. Por isso, longe de subordinar a política externa francesa ao imperativo da defesa europeia, quer garantir a independência da França para que esta tenha liberdade de movimento a fim de negociar um «modus vivendi» entre o Leste e o Ocidente, ao qual aspira e que considera possível.

A desconfiança de de Gaulle

Ora — e é neste ponto que convém insistir para melhor compreender a atitude de de Gaulle — as suas ideias sobre a organização da Europa e da N. A. T. O., bem como sobre as relações entre o Leste e o Ocidente — são, em parte, pelo menos, produto da sua desconfiança quando se trata da nova Alemanha. De Gaulle desconfia que os dirigentes da Republica Federal dramatizam a situação na Europa e a conjuntura internacional para manter, através de tudo, a tensão entre o Leste e o Ocidente e para valorizar a sua contribuição para a defesa do nosso continente, libertando-se, automáticamente, das restrições postas pelos vencedores da ultima guerra ao rearmamento alemão.

Aparentemente, dir-se-ia que ele não acredita no renascimento do militarismo e do nacionalismo alemão. Nas suas declarações feitas durante a visita aos Estados Unidos, em Abril, disse que «actualmente a Alemanha não ameaça ninguém» e que «a França não se sente ameaçada por ela». Mas toda a sua atitude, especialmente quando se trata da reunificação alemã e da questão das fronteiras orientais da Alemanha, demonstra que não deseja que a Alemanha actual volte a ter na Europa o papel que tiveram a Alemanha imperial e hitleriana. De Gaulle não se esquece de que, embora nos outros países ocidentais se considere o nacionalismo como uma étapa ultrapassada na evolução dos povos, e o supranacionalismo como a marca actual do seu progresso político, o Governo federal se orienta claramente no sentido primeiro — o nacionalismo integral — servindo-lhe o segundo apenas como uma cortina de fumo, por detrás da qual se escondem os seus verdadeiros objectivos servindo-lhe, ao mesmo tempo, para fazer que os aliados, com que conta actualmente, abandonem a política nacional que mais lhes convem para praticarem a dele.

Os receios do general de Gaulle

Nesta ordem de ideias, de Gaulle teme que a França seja arrastada, pelo jogo da aliança atlantica, para um conflito armado por uma causa que não é sua, a qual resultaria do revisionismo alemão, e não quer vê-la presa na engrenagem da integração das forças altanticas, que faria do exército francês no instrumento de uma política que não é a da França. E' nisso que pensa quando diz que a voz da França deve ser ouvida nas decisões da aliança, que esta deve ser senhora do seu próprio destino e que a sua defesa deve ter um carácter especial pelo que se refere ás armas atómicas. «A França, disse ele há dias ao falar em Grenoble, entende que se, por infelicidade, forem lançadas bombas atómicas, nenhuma deve cair no Ocidente sem que préviamente ele se tenha resignado a isso, e que nenhuma deve ser lançada do Ocidente sem que este intervenha para isso».

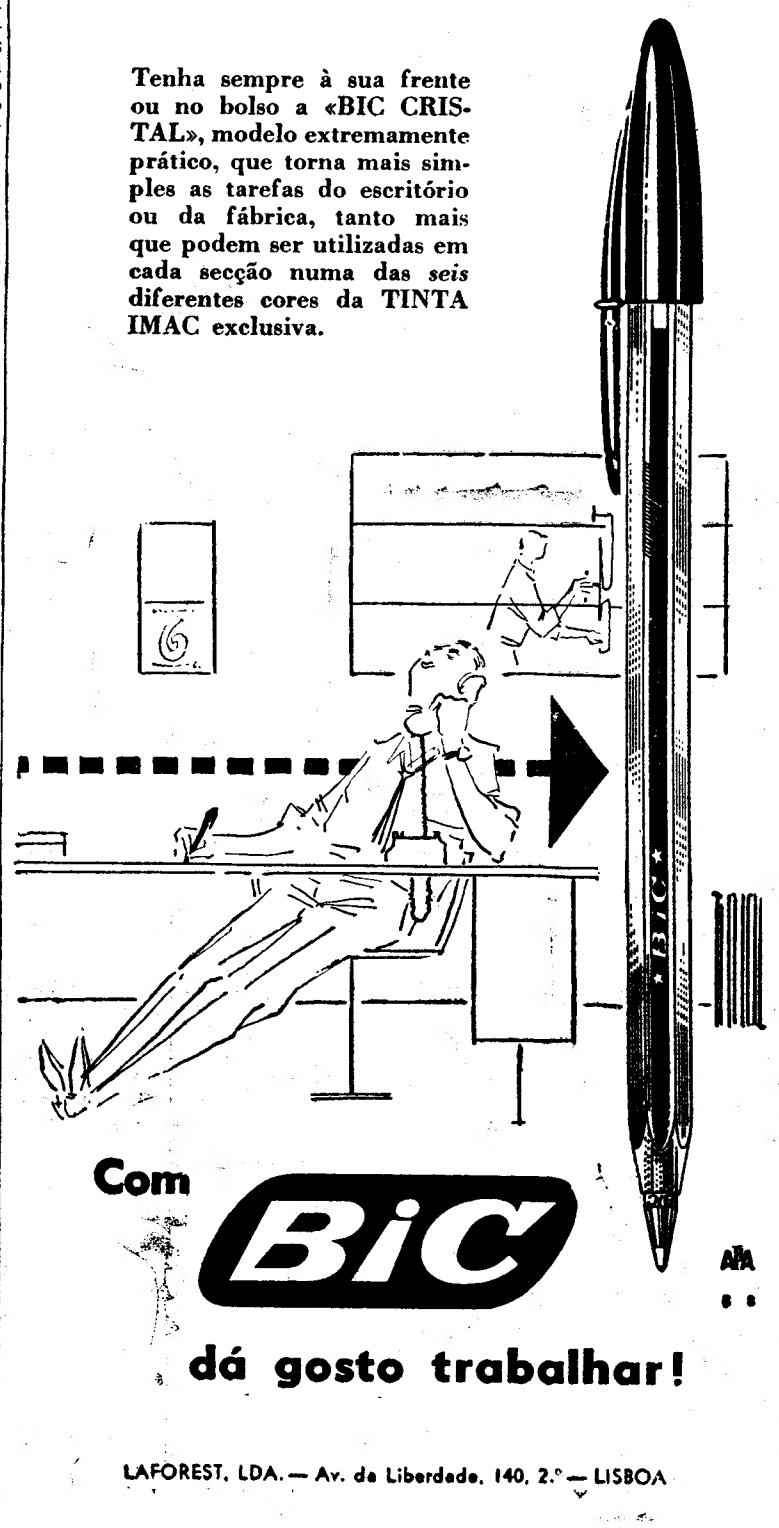
Esta declaração reveste-se de excepcional importancia, pois permite descortinar o fundo do seu pensamento e compreender a sua atitude em relação á N. A. T. O. e a sua aversão pela integração. No estado actual da aliança atlantica ele admite a possibilidade de uma guerra atómica desencadeada sem que a França e os restantes membros da N. A. T. O. tenham para ela contribuído e em virtude da qual seria vítima de uma destruição total por motivos alheios á sua vontade e aos seus interesses.

Neste quadro, a sua insistência em organizar uma defesa nacional da França independente da N. A. T. O. assume a sua significação verdadeira. Dir-se-ia que se passa o mesmo com a Alemanha Ocidental. Mas para esta a situação é completamente diferente, pois para realizar os objectivos da sua política nacional conta apenas com a N. A. T. O. Uma guerra em que o território alemão fosse atingido por bombas atómicas era, fatalmente, uma guerra contra a União Soviética e o seu desfecho, se vitorioso, a beneficiaria exclusivamente, nada tendo a ganhar a França.

ATTICUS

NO ESCRITÓRIO OU NA FÁBRICA...

Tenha sempre à sua frente ou no bolso a «BIC CRISTAL», modelo extremamente prático, que torna mais simples as tarefas do escritório ou da fábrica, tanto mais que podem ser utilizadas em cada secção numa das *seis* diferentes cores da TINTA IMAC exclusiva.



Com BiC dá gosto trabalhar!

LAFOREST, LDA. — Av. da Liberdade, 140, 2.º — LISBOA

Évora tenta evitar
a saída do comando
da IV Região Militar

ÉVORA, 27 *(Pelo telefone)*. — A Vereação da Camara Municipal, alarmada com a notícia da provável saída desta cidade do comando da IV Região Militar, foi ao Governo Civil, acompanhada, de numerosos membros das forças vivas locais. Foi recebida pelo respectivo governador, a quem, em nome de todos, o sr. dr. Vieira da Silva, presidente do Município, expôs os receios da cidade e os desejos de que a notícia se não venha a confirmar.

Em resposta, o sr. Félix Mira prometeu envidar todos os esforços nesse sentido.

REGIONALISMO
Casa do Concelho de Arcos de Valdevez

A direcção da Casa do Concelho de Arcos de Valdevez — com sede na Rua Augusto Rosa, 58-1.º — está empenhada em que o cortejo de oferendas a realizar em 12 do próximo mês, naquela vila, tenha o maior êxito, pois o seu produto destina-se a custear obras de ampliação e o reapetrechamento do hospital da Misericórdia local.

Assim, aquela casa regionalista recebe desde já os donativos com que os arcuenses residentes em Lisboa quiserem contribuir para aquele cortejo, e realiza na sua sede, no próximo dia 6, uma récita infantil, seguida de baile, cuja receita reverte igualmente para o mesmo fim.

A PROPÓSITO DUM PROJECTO — 6

Natureza dos órgãos
de saúde e assistência

O actual projecto não fixa apenas as bases daqueles órgãos que, numa designação infeliz, a lei 1998 denomina por superiores. Ele procura abranger todos os órgãos.

Por isso, o terceiro capítulo do articulado intitula-se precisamente «Dos órgãos de saude e de assistência». Nele, porém, não estão incluidas todas as entidades que desenvolvem actividades para proteger a saude ou para praticar a assistência: ficou excluida a maior parte das instituições particulares de assistência. No referido capítulo apenas se contemplam, ao lado dos órgãos tradicionais das pessoas colectivas de direito publico, algumas instituições particulares de assistência. Parece que a palavra órgão não foi, portanto, aplicada com muita clareza.

Quando o referido capítulo estabeleceu a seriação dos órgãos, caiu no fosso das víboras que *envenena toda a organização* da assistência portuguesa. Esta é, tendencialmente, particular; todavia ao mesmo tempo pratica-se, institucionalmente, através de pessoas colectivas. Isto tem muita importancia.

Se doutrinalmente a qualificação das mesmas fosse pacífica, se legalmente a caracterização delas fosse clara, talvez o assunto não relevasse. Sucede que nem existe paz entre os juristas, nem há diafaneidade nas disposições legais. E' certo que existe unanimidade na classificação de umas como de direito publico, de outras como de direito privado e há unanimidade na disputa da classificação das restantes pessoas colectivas. Ora, é neste terceiro grupo que estão englobadas as pessoas colectivas que se dedicam á assistência ou sejam as pessoas colectivas de utilidade publica administrativa de beneficência, como um pouco *démodé* as designa o Código Administrativo. Hoje em dia sói mais apropriadamente denominá-las por instituições de assistência.

Seria um eruditismo barato e despropositado mencionar os doutores que entendem ser essas pessoas colectivas de direito privado e aqueles que afirmam pertencerem essas pessoas colectivas ao direito publico. A aceitar-se esta opinião, toda a assistência seria publica.

Foi, talvez, para fugir a esta complicação que a lei 1998 falou em actividades, como se as mesmas não se consubstanciassem em pessoas colectivas, e classificou aquelas em oficiais e particulares. Mas esta conceptualização não veio esclarecer o problema.

Por esta história recente, verifica-se que o decreto-lei 35 108, promulgado ano e meio depois da lei 1998, faz a distinção entre assistência oficial e particular. Todavia na primeira rubrica inclui organismos especiais de sanidade e assistência que são particulares e para a segunda relegou os institutos coordenadores que se veio a concluir serem oficiais.

No actual projecto, parece-nos que a confusão subsiste. Com efeito, o capítulo terceiro intitula-se «Dos órgãos de saude e assistência». Orgão, cuja palavra correspondente no grego antigo significativa instrumento, passou para a biologia com a acepção de parte do corpo que serve para desempenhar uma função. Quando no século XIX as para-ciências sociais hipertrofiaram a teoria organicista das sociedades fascinadas pelos progressos das ciências naturais, adoptaram muitos termos destas, embora com o tempo tivessem de dar uma tonalidade própria ao seu significado. Foi o que aconteceu com a palavra órgão.

Jurídicamente, ela designa os indivíduos que, fazendo parte de uma pessoa colectiva, estão incumbidos de manifestar, dentro de fins determinados, a sua vontade psicológica de tal forma que seja atribuida a pessoa colectiva.

Esta pode ter um ou mais órgãos. Isso depende do numero de indivíduos que engloba. Não admira, portanto, que o Estado seja a pessoa colectiva que mais órgãos possui. Apesar disso, ainda o Estado é coadjuvado nos seus fins por outras pessoas colectivas, as autarquias locais e as denominadas institutos que detêm algumas prerrogativas semelhantes ás dele. Todos os órgãos destas pessoas colectivas se caracterizam por terem «prerrogativas de autoridade que ficam a pertencer-lhes como poderes próprios e não por serem concedidos ou delegados por outra pessoa colectiva. Tais prerrogativas só a lei pode conferi-las e não podem provir de resolução tomada por acordo dos particulares».

Como é natural, agrupam-se realidades, quando elas têm algo de comum. E' por isso que se fala nos órgãos de soberania, órgãos centrais da administração, órgãos locais, isto é, aquele que detém a soberania, aquele que tem autoridade.

No actual projecto, apresenta-se uma grande inovação, qual seja a de incluir como órgãos não só os das pessoas colectivas de direito privado e que são os mencionados desd a base XVI até á alínea a) da base XXV, mas também os de algumas pessoas colectivas particulares como as Misericórdias da sede dos concelhos ou na sua falta a da instituição particular escolhida, além de falar nas secções e nos postos.

Deste modo, tem de se chegar á conclusão de que ou se deu á palavra órgão um significado especial que é pena o projecto-lei não o revelar, ou existem órgãos com prerrogativas de autoridade e outros sem ela ou ainda que as Misericórdias, embora na base IX tenham sido incluidas nas instituições particulares, são afinal entidades publicas.

Na verdade, subjacentes a todo este problema estão outros dois, o das receitas para a assistência e o de um estatuto, empregado no sentido próprio, do pessoal de saude e assistência. E quanto a este, sem duvida que o projecto vem abrir algumas novas e esperançosas sendas.

SEBASTIÃO ARAÚJO

Linha de CASCAIS

EXPOSIÇÃO
de bordados de Castelo Branco
no Estoril

Têm estado expostas no Casino do Estoril e ali ficarão até ao fim do mês, lindas colchas e painéis, feitas com o apreciado bordado de Castelo Branco. A sua originalidade, o seu caprichoso desenho e a riqueza do seu colorido, são uma tradição muito antiga: as colchas que as noivas bordavam para que lhes trouxessem felicidade, constituiam um valioso património familiar, que depois se transmitia aos filhos. Através dos tempos, tem-se mantido o culto por este género de bordado, que é tão apreciado, que continua a significar distinção, tanto no género rico, como nos desenhos mais simples e ingénuos, de carácter popular.

Entre os trabalhos expostos, e que tanto interesse despertaram em exposições nas principais cidades europeias, tais como Madrid, Londres, Lausanne, Vienna e Milão, figuram também as réplicas das colchas oferecidas á rainha Isabel II e á princesa Margarida de Inglaterra e ainda os painéis para o Palácio do Governo de Angola, Instituto de Altos Estudos Militares e Hotel Tivoli.

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar — Rua Ernesto Silva, 81, tel. 012048.

CAXIAS — Nova — Praceta, tel. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Godinho — Aven. Patrão Lopes, 4, tel. 042039.

OEIRAS — Central — Rua Conde de Ferreira, tel. 043058.

PAREDE — Artur Brandão — Avenida da Republica, 77, telefone 047054.

ESTORIL — Marques dos Santos — Rua J. A. Ferreira, telefone 060116.

CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento n.º 19, 41, tel. 080141.

Cinemas

ALGÉS — Stadium — Às 21 horas: «Os milionários de Filadélfia» (17 anos).

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — Às 21 e 15: «Mulher três vezes» e «Reprodução interdita» (17 anos).

PAREDE — Royal Cine — Às 21 e 15: «O Cobarde» e «O Homem da Mascarilha» (12 anos).

ESTORIL — Casino — Às 21 e 30: «Um noivo da América» (17 anos); Cine-Esplanada — Às 21 horas: «Quem era aquela garota» e «Traficantes de cocaína» (17 anos).

CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «Raízes de Oiro» (17 anos).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco ou havia calma. O céu estava em geral muito nublado e caíam aguaceiros por acção duma massa de ar marítimo instável transportada na circulação duma depressão centrada no Sul da Grã-Bretanha.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Portalegre, 10°; Porto, 12.° Lisboa, 13°; Faro, 16°; e Funchal, 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 15°,7; na água do mar, 16°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 18°,8; mínima, 11°,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 19°,1; mínima, 13°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, por vezes pouco nublado, em especial durante a noite. Vento bonançoso a moderado de Oeste, rondando gradualmente para Noroeste, por vezes com rajadas, em especial a Norte do rio Tejo. Aguaceiros. Possibilidade de trovoadas nas regiões montanhosas a norte do Tejo. Descida de temperatura.

O ministro da Presidência chegou a Nairobi

onde foi recebido pelo governador do Quénia

NAIROBI, 27.—O ministro português da Presidência, dr. Pedro Theotónio Pereira, chegou ao aeroporto de Nairobi ás dez horas locais.

Era aguardado pelo governador, «sir» Patrick Ronison, pelo primeiro-secretário interino, Griffith Jones, pelo comandante militar da África Oriental, general Goodwin, e pelo comandante da Aeronáutica, comodoro Simpson. Entre as individualidades portuguesas que se achavam no aeroporto contavam-se: o cônsul-geral de Portugal, dr. Oliveira Nunes; o vice-cônsul, sr. Conceição e Sousa; o cônsul honorário em Mombaça, sr. Félix Dias; e diversos membros da colónia goesa.

A banda do «King's African Rifles» — de que um destacamento formava a guarda de honra — executou «A Portuguesa», logo que o dr. Theotónio Pereira desceu do avião. Chovia muito.

A seguir aos cumprimentos, o ministro da Presidência, que foi embaixador do seu país em Londres, passou revista á guarda de honra. O ministro português e o governador, seguidos pelos membros das respectivas comitivas, tomaram lugar nos automóveis que os levaram para o palácio do Governo, onde ficou hospedado o dr. Theotónio Pereira.

No programa de hoje está incluída uma recepção oferecida em sua honra pela Associação Goesa do Quénia, no Instituto Goês, e um jantar oferecido pelo cônsul de Portugal.

O dr. Theotónio Pereira deve inaugurar, em Malindi, um monumento a Vasco da Gama e espera-se que conceda uma conferência de Imprensa.—(Reuter e A. N. I.).

A VISITA COMENTADA PELO «DAILY TELEGRAPH»

LONDRES, 27.—Referindo-se á visita do dr. Pedro Theotónio Pereira a Londres e ao Quénia, o «Daily Telegraph» acentua que o ministro português da Presidência foi «durante cinco anos, um embaixador muito querido em Londres».

O jornal refere-se, também, á missão do dr. Pedro Theotónio Pereira no Quénia.—(A. N. I.).

Joias Antigas e Modernas

compramos pelo mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

RISCOS NA AREIA

Aguas claras e águas turvas

de ROCHA JUNIOR

A propósito do que nesta secção se publicou em 11 do corrente, recebeu o «Diário de Lisboa», sob o título «Quem era o idiota (Um esclarecimento)», as saborosas reflexões seguintes:

«O senhor Rocha Junior escreve semanalmente uma crónica com a rubrica: «Riscos na Areia». E, na semana passada, escreveu uma, intitulada: «Os Criadores de Universos», onde, entre outras afirmações, se pode ler: «O mal da escola moderna foram os idiotas que depois vieram em cardumes». Para exemplificar, o senhor Rocha Junior transcreve um poema de um autor cujo nome não menciona. Trata-se de um dos tais idiotas que «depois vieram». O senhor Rocha Junior não diz quem é ele. Por delicadeza, por respeito, para evitar melindres, para não fazer propaganda? Não sei. Mas sei que, se tais sentimentos lhe ficam muito bem, a sua acção morigeradora contra os idiotas que verbera, ao deter-se apenas na idiotice sem apontar ao publico o idiota, perde cinquenta por cento do seu efeito. O idiota fica assim a gozar de um anonimato que não merece e a legítima curiosidade do publico também não fica satisfeita. Diga-nos então, senhor Rocha Junior, quem é o autor da execranda idiotice! Quem é ele?

Respeitável publico, perdoai: o idiota sou eu. — *António Ramos Rosa.*

Post-Scriptum — Entre vários curiosos passos da sua graciosa crónica, o senhor Rocha Junior inclui o nome do grande poeta Jorge de Lima entre «os verdadeiros artistas» que admira. Acho curioso, porque, sendo o senhor R. J. um admirador da clareza e da legibilidade, surpreende que admire um poeta que deveria afigurar-se-lhe como o prototipo da nebulosidade e ilegibilidade. Será porque a incongruência dos versos do genial poeta vem talhada numa métrica regular, num ritmo e linguagem que se podem considerar em grande parte clássicos? Se Jorge de Lima, por hipótese, tivesse adoptado um verso mais livre, nunca empregasse rimas e usasse uma liguagem menos clássica, seria ilegível e idiota, embora a *nebulosidade* nuclear do seu processo artístico se mantivesse sensìvelmente a mesma. Exemplifiquemos com um soneto extraído de um dos primeiros cantos de «Invenção de Orfeu» (um desses primeiros cantos que, segundo o cronista de «Riscos na Areia» bastariam para eternizar o poeta. Porquê só os primeiros, se não parece haver diferença sensível entre os dez que compõem o poema?):

Há uns eclipses, há; e há outros casos:
de sementes de coisas serem outras,
rochedos esvoaçados por acasos
e acasos serem tudo, coisas todas.

Lãs de faces, madeiras invisíveis
visão de coitos entre os impossíveis,
folhas brotando de âmagos de bronze
domínios tristes chuvas nas bifrontes!

Tudo é veleiro sobre as ondas iris
condores podem ser os baixos ramos,
montes boiarem, aços se delirem.

Vemos ao longe sombras, e são flâmulas,
lábios sedentos, lírios com ventosas,
ódios gerando flores amorosas.

Ilegível, nebuloso? Não: claro, cristalino. A métrica é perfeita, os acentos nos devidos lugares, há rimas. E nós a julgarmos que o motivo por que eles repeliam a poesia moderna era porque não percebiam mesmo. Não, eles percebem tudo, desde que a musica não seja muito diferente da orquestração clássica, desde que haja umas rimazinhas... Por milagre, por magia, o obscuro torna-se-lhe claro, o nebuloso cristalino — ó magia da métrica, dos acentos e das rimas! Não é, pois, uma questão de compreensão, é uma questão de titilação auditiva. Não é uma questão de lógica nem de clareza, mas de mais ou menos métrica clássica. Pronto, agora já nos entendemos!

E, antes de terminar, quero dizer ainda ao senhor Rocha Junior que não é apanágio exclusivo da «critica moderna, a *dernier cri*» o «desmaiar de gozo» ante a nebulosidade. Veja, por exemplo, este desmaio de Goethe: «Quanto mais incomensurável, quanto mais incompreensível for uma produção poética tanto melhor...». Mas não era só Goethe que desmaiava com tal desplante. Diderot — um enciclopedista! — também desmaiava de gozo ante a nebulosidade quando afirmava que na poesia a «precisão prejudica», chegando a soltar esta exclamação delirante: «Poetas, sede obscuros!». Que idiotas! (Corrijamos: Que mistificadores! Segundo a saborosa tese do senhor Rocha Junior, os primeiros são mistificadores, os outros que vêm depois, «em cardumes», são idiotas, pois tomaram a sério a mistificação dos precursores...).

Outra, do senhor Rocha Junior: «Mallarmé ultrapassado por Verlaine!». Diga-nos, porque além do mais que já se sabe que somos e não convém repetir, também somos incultos, onde é que encontrou essa ultrapassagem? Nós a julgarmos que a tríade poética que está na raíz da poesia moderna, era formada por Baudelaire, Mallarmé e Rimbaud (poder-se-ia arranjar ainda outro mistificador, Lautréamont, sem esquecer o que Baudelaire deve a Poe) e o senhor Rocha Junior, quando menos se esperava, a estragar-nos a sagrada tríade com o diabo do Verlaine! Ora esta! Mas não deixo de lhe ficar grato. Há que aprender até ao fim! — *António Ramos Rosa».*

✻

O senhor António Ramos Rosa deu provas de grande modéstia e até de espírito de sacrifício enfiando uma carapuça que podia muito bem não ter sido talhada para si. Eu ocupei-me de mistificadores e de idiotas e citei alguns dos primeiros. Mas não mencionei nenhum dos segundos. Era lícito ao senhor António Ramos Rosa reivindicar um lugar honroso nas filas do primeiro grupo. Porque o não fez?

Confesso que, identificando-se

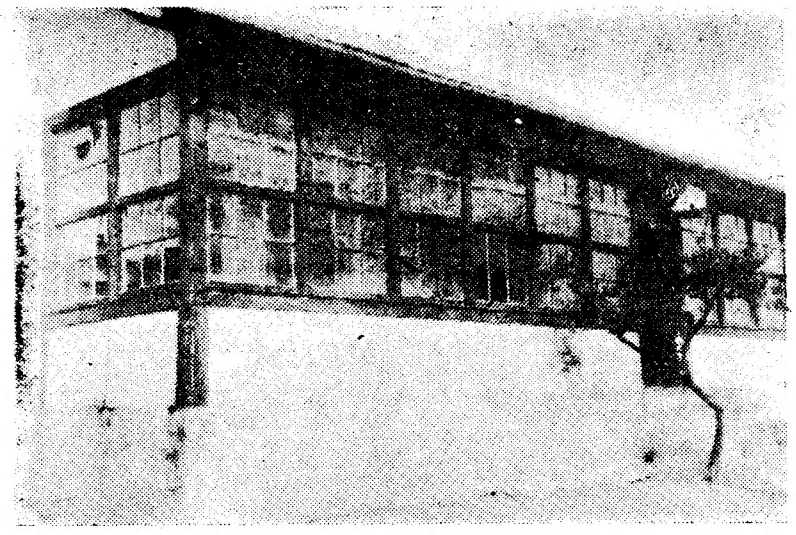
(Continua na 14.ª página)

Pela quarta vez

rebentou na Avenida Infante D. Henrique uma conduta de água

Na Avenida Infante D. Henrique rebentou, esta madrugada, uma conduta de água. Houve inundações no local e o transito teve que ser vedado. Os Sapadores Bombeiros procederam ao esgotamento das águas e o piquete da Companhia entregou-se á sua reparação. Esta conduta, em curto espaço de tempo, rebenta pela quarta vez, atribuindo-se o facto á proximidade das águas do Tejo e ao transito de camionetas pesadas. Impõe-se, portanto, um estudo que evite tão repetidos percalços.

Os operários municipais reparam a conduta



Varanda da Casa da Batoca no seu estado actual. Virada ao rio, domina todo o ambiente nela se encontrando os versos e apontamentos de Junqueiro que transcrevemos

A QUINTA DO SR. POETA (4)

Versos de Junqueiro na cal das paredes de uma varanda

de RAUL RÊGO

Dos lagares á residência são umas dezenas de metros. Subida ligeira pela espinha do outeiro até o ponto de onde se domina a quinta e toda a grande cratera de Barca de Alva. Ali começa a descida abrupta para o Douro.

A casa está assim nesta espécie de pulpito da catedral formada pelas serras em volta. Dizem-nos que Junqueiro hesitou entre construí-la neste local ou num altinho, um pouco mais a sul e mais baixo, o Alto da Atalaia, acabando por optar definitivamente por aquele que lhe dava mais ampla visão da propriedade. E não só da propriedade. A Casa da Batoca é para onde se viram instintivamente os olhares de toda a região de Barca de Alva.

Está desabrigada, aberta aos quatro ventos, sem uma árvore de sombra que todas elas foram morrendo neste solo xistoso onde procuramos terra e nos aparecem lascas macias de pedra. Plátanos e eucaliptos, tílias, plantou-os e replantou-os Junqueiro; mas mal espigavam, não chegavam a deitar arcaboiço e feneciam como se lhes desse a ética. Falta água á quinta e até agora não foi o problema solucionado. Por isso a casa recebe o sol em cru, sem uma folha, sem um ramo que lhe sirva de anteparo.

Na face norte para onde dão cozinha e arrecadações, fora do rectangulo da construção, a casa é terrea, mas o piso unico traçado com lápis de gigante, não regateando altura.

A entrada principal dá para poente. Uns 18 metros de frente e cinco janelas, entremeadas de duas portas de três degraus, uma dando para a cozinha, a outra para o centro da casa, para o corredor. Sobre esta se rasga a janela unica do segundo piso, e sobre ela o vértice do angulo do telhado de duas águas. A nascente vira apenas o corpo da casa, sem os acrescentos da cozinha; e a Sul, olhando o rio e a outra margem há uma varanda corrida a que voltaremos depois.

Toda a construção é muito simples. Paredes lisas, cobertas de ca onde se rasgam portas e janela: Não há uma sombra a que nos aco temos em volta, nem um florão o rendilhado em que os olhos se po sam embevecer. É a casa de um l vrador, riscada por um lavrado para se abrigar, nela dormir e de cansar, e dela dirigir a sua lavou ra, sem ter de andar por sobrado de aluguer.

In pulvis...

Transpomos a soleira da porta estamos num corredor que enfia casa de lado a lado. Ao fundo correspondência de uma janela alt á direita e á esquerda as portas da várias divisões que todas dão pa o corredor, menos a cozinha, a c municar com a casa de jantar log á esquerda de quem entra.

Nesta de que se servem agora c caseiros, o aparador alto, de doi corpos, a mesa larga e as cadeira grandes e sólidas mostram o me mo espírito que presidiu á constru ção do edifício. Simplicidade e fe tos para durar.

Da casa de jantar enfiamos par a cozinha ampla, de enorme cham né e grandes lajes, onde nas noite de Inverno, de ventaneira a ass prar pelas frinchas a neve ladro se pode queimar um grande tor de castanheiro que se desfaz er luz, depois de «ter dado trezento anos sombra aos pegureiros». Be poderia pensar o dono, ao ver c pedreiros assentar estas pedra nesses serões patriarcais á lareir trasmontana. Diz na nota final d «Os Simples»: «Inconscientemente sem dar por tal, levei o castanhe ro para a minha terra, e queimei no lar saudoso da minha meninic Também eu me queria aquecer ele, sentar-me ao pé da sua chama.

Desapareceram da cozinha os doi compridos escanos que Junqueir ali pusera, encostados ás parede mas lá está o mesmo fogão a qu se aqueceu.

Do outro lado do corredor est a sala de visitas. Paredes altas, um janela a poente e uma porta par a varanda que vira a sul. Há um chaminé grande, chaminé de re niões familiares, duas cómodas, um mesa vasta, louças que não chega para encher a vastidão da sala.

Esta sala está caiada como o est a sala de jantar, mas a cal aplicad sobre a argamassa, sem que a mã de um artista tenha amaciado as a perezas das chapadas atiradas s bre o reboco das paredes. Essa mã de cal branca foi-lhe dada por a tura do centenário. Também a gra de obra da Batoca ficou incomplet como outros poemas, outros sonho de Junqueiro...

Do lado norte do corredor temo a seguir o vão da escada que lev

(Continua na 11.ª página)

EM TRÊS LINHAS

Queiriga (Vila Nova de Paiva) rec beu com entusiasmo a notícia da su electrificação no prazo de um ano, par o que o Estado contribuirá com 50 contos.

///

Por despacho do Presidente d Conselho, foi declarado de «utilid de turística» o Hotel Vasco da Ga ma, construido na praia de Mont Gordo, no Algarve.

Em Alpiarça-Almeirim, o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio do sr. Francisco Abrantes Pereira.

Ao regressar dos Estados Unidos

o dr. César Moreira Baptista manifestou-se disposto a estimular o turismo americano no nosso País

No avião da TAP regressou hoje a Lisboa, depois de ter visitado, nos Estados Unidos, os nucleos portugueses e de tomar contacto com os serviços da Casa de Portugal em Nova York, o dr. César Moreira Baptista, director do Secretariado Nacional da Informação que, esteve também alguns dias em Londres.

No aeroporto teve expressiva recepção. Além da esposa e filha, aguardavam-no os srs. dr. Quesada Pastor, chefe de gabinete do ministro da Presidência, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação, brigadeiro França Borges, presidente da C. M. L., funcionários do S. N. I., da Emissora, directores de jornais e jornalistas, e muitas outras pessoas.

As declarações à Imprensa

Depois de ter recebido os cumprimentos dos presentes o dr. César Moreira Baptista falou á Imprensa e á Rádio. Começou por dizer:

— Neste momento em que a Nação vive um saudável movimento de exaltação patriótica na defesa intransigente dos nossos direitos históricos, é-me profundamente grato poder afirmar que esses sentimentos são os das comunidades portuguesas e luso-americanas nos Estados Unidos. Tive com elas contactos e ouvi afirmações e comentários que me deram a certeza de que Portugal pode continuar a contar com o seu profundo patriotismo e fidelidade ás suas raizes lusitanas.

E prosseguindo, acentuou:

— Por toda parte onde existem Portugueses ou seus descendentes que ali exercem com a maior dignidade as suas actividades, aí estão presentes vozes de Portugal a afirmar a legitimidade da nossa posição no Mundo, a esguerem-se contra a rede das inconfessáveis manobras que pretendem atingir a unidade política e a integridade territorial do Mundo Português.

«Também a cada momento me foi possível verificar o orgulho que sentem pela firmeza e superior orientação da nossa política e pelo prestígio da figura do sr. presidente do Conselho. Assisti, emocionado, também a alguns actos integrados nas comemorações henriquinas e vivi com os nossos compatriotas momentos inolvidáveis em que se exaltava a figura do Infante com a confiança de que o seu espírito permanece a conduzir-nos nos caminhos do futuro».

O turismo americano para Portugal

Disse ainda o dr. César Moreira Baptista:

— Foi esta viagem altamente elucidativa e esclarecedora e espero que terá resultados uteis: sei agora melhor o que convirá fazer-se em

(Continua na 15.ª página)

Foi atribuido o prémio «Melhor colaboração»

a um artigo publicado em «O Vilaverdense»

No prosseguimento da sua acção de apoio á Imprensa Regional, o Secretariado Nacional da Informação atribuiu agora e pela primeira vez o prémio «Melhor Colaboração», o qual se destina a galardoar o melhor artigo de interesse regionalista.

O juri, constituído pelos srs. cónego dr. José Galamba de Oliveira, presidente do Grémio Nacional da Imprensa Regional; Morais de Carvalho, presidente do Grémio Nacional dos Jornalistas; e pelos jornalistas Vítor Direito e Jorge Simões, atribuiu o referido prémio, na importancia de 1500$00, ao artigo «Urge acudir á Lavoura no concelho de Vila Verde», da autoria do P.e Manuel Gonçalves Diogo e publicado em 17 de Julho passado no quinzenário «O Vilaverdense». Presidiu ao juri o dr. Ramiro Valadão, director dos Serviços de Informação.

O prazo de entrega dos trabalhos para o próximo concurso termina em 5 de Janeiro de 1961.

No restaurante do Aeroporto, reuniram-se hoje, para celebrar uma data que lhes dizia respeito, quatro distintos oficiais da arma de Cavalaria. Dava-se a circunstancia invulgar de se contar entre eles um antigo Chefe do Estado. Esses oficiais são os srs. marechal Craveiro Lopes, coronel Cifka Duarte, antigo comandante da Aviação; coronel Mário Cunha, antigo comandante-geral da Polícia e tenente-coronel Carlos Beja, actual administrador do Aeroporto

Fernando Pernes traça o panorama da pintura portuguesa contemporanea

Mais de uma centena de jovens leitores do Diário de Lisboa Juvenil

estiveram no 3.º Salão de Arte Moderna

A visita guiada começou ás 18 e 30. Na Sociedade Nacional de Belas-Artes juntaram-se cerca de uma centena de amigos do «Diário de Lisboa-Juvenil». A atmosfera era admirável de camaradagem e de compreensão pela iniciativa do nosso jornal. Tinham sido eles a escolher o 3.º Salão de Arte Moderna como exposição onde se iniciaria uma série de visitas guiadas a certames de arte, museus e locais de trabalho.

A visita iniciou-se junto da pedra gravada de Bartolomeu Cid. Ali, Fernando Pernes, crítico de arte, colaborador do «Diário de Lisboa» e da «Vértice» e um dos organizadores das exposições itinerantes de arte moderna, traçou um panorama da pintura do nosso tempo, situando a arte portuguesa. Afirmou que Paris já não era o centro de uma Europa artística e referiu o problema da inexistência de uma tradição pictórica portuguesa, o que exigia dos nossos pintores um esforço de adaptação.

Sempre rodeado por dezenos de jovens junto dos quais se viam alguns professores igualmente interessados na iniciativa do «Diário de Lisboa-Juvenil», Fernando Pernes passou á análise das obras expostas, das figurativas ás abstractas, detendo-se, especialmente, junto das telas de Hogan, José Julio, Resende, Dourdil, Menez, Julio Pomar e Sá Nogueira. Equacionando as diferentes temáticas na arte portuguesa no nosso tempo e falando das suas filiações nos movimentos plásticos europeus e americanos, Fernando Pernes percorreu o vasto salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde se encontravam expositores como José Julio e Luís Dourdil, também membros da direcção daquele organismo, Francisco Relógio, Luís Jardim, António Charrua e Artur Bual. No final muitos dos leitores do «Diário de Lisboa-Juvenil» felicitaram Fernando Pernes pela forma como conduziu a visita guiada.

Como anunciámos ontem, o «Juvenil» atribuirá um prémio para a melhor reportagem sobre a visita guiada, que publicaremos neste suplemento, não devendo exceder duas páginas dactilografadas.

Os amigos do «Diário de Lisboa Juvenil» observam as telas do 3.º Salão de Arte Moderna

Queria matar as princesas da Suécia

mas depois desistiu

ESTOCOLMO, 27 — Um homem, cuja identidade não foi revelada, roubou uma pistola-metralhadora a um guarda do palácio real de Estocolmo e quis matar a princesa Sibila, mãe do príncipe herdeiro da Suécia, Carlos Gustavo, e as princesas Margarida, Brígida, Desirée e Cristina, segundo confessou mais tarde á Polícia.

As autoridades contam que o desconhecido, que conta 35 anos, tencionava forçar a entrada no palácio, mas, em vez disso, fugiu depois de arrancar a arma ao guarda. Volvidas algumas horas, apresentou-se voluntáriamente na redacção de um jornal, que imediatamente chamou a Polícia.

A Polícia recusa-se terminantemente a revelar o nome do homem que ainda esta manhã não confessara o motivo do seu planeado crime.

O incidente registou-se em Lejonbacken (Ala do Leão), do lado Norte do palácio. A sentinela que ali se encontrava de guarda atentou num homem que rondava o portão e que procedia de «forma estranha». Começou a observá-lo, mas, de subito, ouviu um estálido no telefone de alarme. Voltou-se para carregar num botão a fim de responder, pois julgava tratar-se de uma chamada, quando o desconhecido se lançou sobre ele e, num abrir e fechar de olhos, lhe arrebatou a arma, fugindo em seguida. A sentinela deu imediatamente o alarme.

Enquanto se procedia a buscas intensivas para descobrir-se o paradeiro do criminoso, este arrependeu-se dos seus planos homicidas e apresentou-se na redacção do matutino «Stockholms-Tidningen». — (A. N. I.).

MOMENTOS QUE A MEMÓRIA GUARDA PARA SEMPRE...

Noite de festa. Pessoas de categoria reune uma selecta assistência, que sabem escolher, principalmente quando se trata de pratas de bom gosto da Ourivesaria Santa Filomena, fabrico próprio. Largo Manuel Emídio da Silva, 9-C (em frente ao portão do Jardim Zoológico).

Pasta Medicinal Couto

TRATA — Gengivas descarnadas ou sangrentas

EVITA — Estomatites mercuriais ou bismuticas

MATA — Os micróbios da boca

O sentimento de pesar pela morte de João de Barros

O funeral do dr. João de Barros foi bem, na sua majestosa e comovente expressão, a dolorosa prova de quanto o nosso querido e saudoso colaborador e companheiro de tantos anos era considerado e estimado, como homem, como poeta e como cidadão, não só pelos seus pares e correligionários, mas até pelos adversários que lhe admiravam a rectidão e a generosidade sem mácula.

Grandes figuras das nossas letras, da vida publica, do magistério, do jornalismo e dos mais diversos meios sociais o quiseram acompanhar á ultima morada, numa derradeira e comovida homenagem. Defronte do Museu João de Deus, de onde o préstito funebre saiu, e depois no cemitério do Alto de S. João, eram patentes a dor profunda e o respeito que experimentaram aqueles para quem João de Barros foi em vida exemplo e guia, para quem hoje a sua memória é já saudade pungente. Os homens do povo que se curvaram também, num silencioso e sentido adeus, á passagem do féretro, perderam igualmente nele um amigo, porque João de Barros, não venerou jamais os ídolos do nascimento e da fortuna, senão que antes de tudo estimava a bondade, o instinto da beleza e a fortaleza de animo onde quer que os encontrasse e de preferência até entre os humildes, que humilde se afirmava ele nas suas obras e nos seus gestos.

Principiou a emoção que (sem exagero se pode afirmar) sacudiu a capital a fazer-se sentir na noite de anteontem, mal houve conhecimento da morte do Poeta, a cuja residência afluiram os seus mais antigos e dilectos amigos durante toda a noite.

De entre as pessoas que ali estiveram, contava-se o sr. dr. Augusto de Castro, ilustre director do nosso prezado colega «Diário de Notícias», grande amigo e antigo condiscípulo de João de Barros.

Mas não cessou a emoção causada pelo desaparecimento de João de Barros dessa vida que ele tão acrisoladamente soube amar e embelezar pela sua conduta e pela sua arte, essa perda irreparável continua a despertar reacções de fundo pesar e são assim em numero muito elevado as mensagens de condolências dirigidas a este jornal que foi, durante várias décadas, como que a segunda casa de João de Barros.

Entre outras personalidades, registamos os nomes dos escritores dr. Ramos de Almeida, Rocha Junior, dr.ª Matilde Rosa Araujo, Eduardo Ferro Rodrigues, Santos Fernando, dos jornalistas Mário de Figueiredo e Carlos Faro, do actor Igrejas Caeiro, srs. Alberto Costa, Pires Guerreiro, A. Gama Reis e Julião Quintinha.

As livrarias Bertrand e Sá da Costa fizeram montras especiais dedicadas a João de Barros, com exposição dos seus livros admiráveis.

Um minuto de silêncio no Liceu de Passos Manuel

Ontem, ás 11 e 30, no Liceu de Passos Manuel, onde o dr. João de Barros foi professor, mestres e alunos fizeram um minuto de silêncio em memória do ilustre pedagogo e poeta que áquele estabelecimento de ensino deu o seu esforço e profundo afecto.

O «Times» referiu-se à morte do grande poeta

LONDRES, 27. — O «Times» publica hoje a biografia do dr. João de Barros. Pondo em destaque alguns dos traços biográficos da sua vida e carreira, salienta que «o dr. João de Barros, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e grande poeta, desempenhou importante papel na vida intelectual e social do seu país, durante os ultimos 50 anos». — (A. N. I.).

MÓVEIS

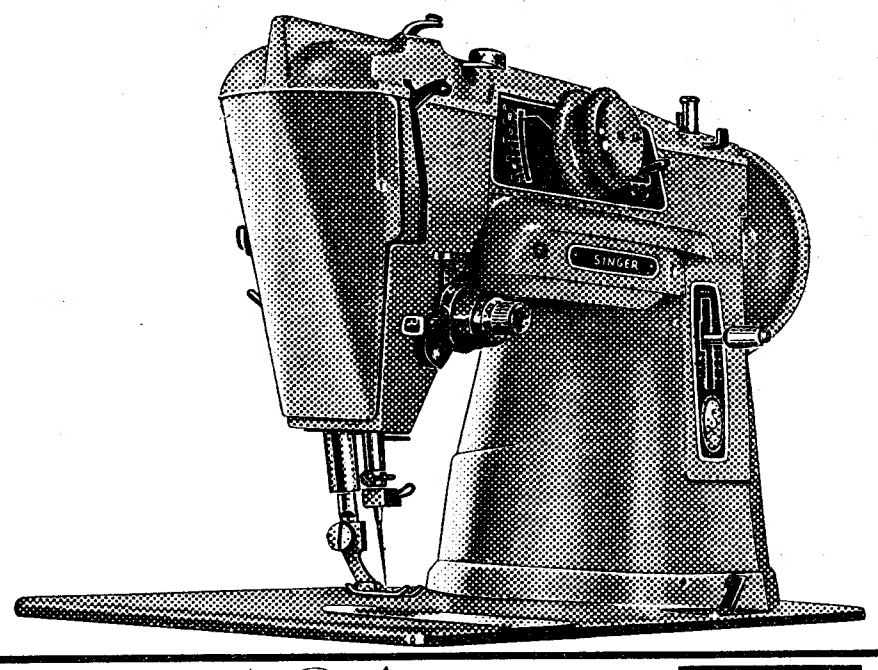
de todos os estilos

QUINTÃO

apresenta em exposição permanente uma magnífica colecção

30, R. IVENS, 34

a nova linha inclinada de beleza!



com a máquina SINGER* 401 de *Plano Inclinado*

Gostaria de ver uma demonstracção da nova Singer 401 de ***Plano Inclinado.***

Nome _____

Morada _____

Manhãs _____ Tardes _____ Noites _____
(indique qual a preferência)

Enviar a: Singer Sewing Machine Company
Veja-a no Centro Singer da sua localidade.

A Singer 401 de ***Plano Inclinado*** é a última criação Singer e representa uma nova linha de beleza e inovações técnicas, até hoje nunca atingidas, no campo das máquinas de costura.
De traçado ultra-moderno e ***Plano Inclinado***, a nova Singer 401 permite coser ainda melhor e com muito mais conforto.
A Singer 401 de ***Plano Inclinado*** é a máquina de costura ideal para a mulher de hoje.

Com a Singer 401 de ***Plano Inclinado,***

vê melhor,
senta-se melhor
e cose ainda melhor

* *Marca Registada de The Singer Manufacturing Co.*

Sono tranquilo só com Dunlopillo

Não sabe o que é conforto enquanto não tiver dormido num Dunlopillo. Mantém-se sempre macio, suave, e bom para dormir, como no primeiro dia em que o comprou. Nunca se deforma.

Almofadas em espuma de Latex. A última palavra em conforto. Mantém a sua forma original mais tempo do que qualquer outra espécie de almofadas.

Arejam-se a si próprios.

Dunlopillo

Representante em Portugal: G.ME GRAHAM JR. & C.A

Rua do Alfândega, 160 — LISBOA / Rua dos Clérigos, 6 — PORTO

D-1

Hotel Vasco da Gama

Monte Gordo

ABERTO TODO O ANO

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

TELEF. 321 * VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FEIRAS E ROMARIA

OLEIROS E PAREDES — Romaria a São Simão, em Oleiros, no dia 28.

CHAVES — Feira Anual dos Santos, nos dias 30 de Outubro a 2 de Novembro.

Na Azambuja, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Julio da Silva Bento.

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«PÁTRIA» 8 de Novembro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala** (se necessário). Carrega até 5 de Novembro.
«LOBITO» 16 de Novembro	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 14 de Novembro.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 9 de Novembro (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 3 de Novembro (ás 18 horas)	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao e Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 30131/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

A Comunidade Aérea Luso-Brasileira

Fomos dos que, vai para uma década, sempre defendemos a realidade autêntica de uma Comunidade Aérea Luso-Brasileira. Sempre advogámos — sem prejuizo dos interesses gerais do País, em relação com a presença constante das companhias de aviação estrangeiras que utilizam o aeroporto de Lisboa, nas suas rotas para a América do Sul — o início de negociações entre as entidades responsáveis de Portugal e do Brasil, no sector da aviação comercial, para o estabelecimento de A Comunidade Aérea Luso-Brasileira. E, desde o início, poderemos dizer que acompanhámos projectos que estão no coração de todos nós, portugueses e brasileiros. Por isso mesmo, a notícia de que um princípio desse Acordo Panair-T. A. P., que leva ao estabelecimento de dois serviços aéreos regulares entre Portubal-Brasil-Portugal, que advogámos nas colunas do «Diário de Lisboa», nos compensa, inclusivamente até alguns amargores e desapontamentos, perante a incompreensão de uns tantos.

Não será, ainda, a global colaboração que se pretende, mas creio bem que ela chegará, alargando-se, inclusivamente, ás províncias portuguesas de África. O mundo luso-brasileiro é uma autêntica realidade e não poderá ser anulada ou por interesses pessoais ou por excessos burocráticos. O que nos importa é continuar. E, sem falsos orgulhos ou excessivos patriotismos, se relembrarmos, neste momento, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, depois de tantos anos, a presença das asas portuguesas da T. A. P., em terras de Vera Cruz, traduzir-se-á por um novo laço de aproximação, dentro do espírito da Comunidade Luso-Brasileira. Por isso mesmo, tanto os Brasileiros nossos irmãos, como todos os Portugueses que vivem no Brasil, como os Portugueses e Brasileiros que vivem em Portugal, poderão, neste momento, sentir-se orgulhosos do passo que acaba de ser dado.

As asas portuguesas e brasileiras, lado a lado, nesse Atlantico que é nosso, afirmarão uma nova expressão realista da Comunidade. Importa-nos que, noutros sectores, ela seja continuada.

O primeiro passo foi dado, mas não devemos, por outro lado, esquecer as prementes necessidades da presença portuguesa em África, através das asas dos aviões da T. A. P., que continua a carecer — e com a maior urgência — de renovar a sua frota. Para isso — e se os meios lhe faltarem — que essa colaboração Panair-T. A. P. se estenda ás províncias portuguesas da Guiné, de Angola e de Moçambique. O mundo português tem as suas raízes não só em África como no Brasil, grande exemplo da obra criadora de Portugal. Encaremos, com realismo, o momento que passa, num estreitamento, cada vez maior, entre Portugal e o Brasil. Neste aspecto, o Governo e a T. A. P. não só acabam de concretizar uma aspiração luso-brasileira, como afirmam um propósito recebido com entusiasmo por todos os Portugueses e Brasileiros. Aspiração que se realizou com tal bom-senso que, sem prejudicar os interesses gerais do país, no plano da aviação comercial internacional, obteve, por isso mesmo, os aplausos gerais.

É um início promissor. Prestigia a T. A. P. e a Panair e os seus dirigentes; aproxima ainda mais as duas Nações e os dois povos; e, sob o ponto de vista económico, abre mão de possibilidades espantosas, que aumentarão, ainda mais, com a extensão ou correlacção desses serviços com os que a T. A. P. mantém para as províncias portuguesas de África. E se se quiser alargar ainda mais essas possibilidades e com elas estabelecer as bases de um acordo total, teremos a grande, a espantosa, a maior expressão da Comunidade Aérea Luso-Brasileira, realizada pelas asas portuguesas da T. A. P. e pelas asas brasileiras da Panair.

Pessoalmente — e comigo o «Diário de Lisboa» — sinto orgulho pela assinatura do acordo de colaboração das duas companhias nacionais. Publicamente o afirmo, ao mesmo tempo que me permito sugerir a quem em tal assunto superintende que aos dois primeiros aviões — da Panair e da T. A. P. — que chegarem a Lisboa e ao Rio de Janeiro, respectivamente, lhes sejam dados os nomes de «Santos Dumont» e «Gago Coutinho», numa homenagem aos grandes pioneiros da aviação.

MARQUES GASTÃO

O acordo entre a T. A. P. e a Panair

(Continuação da 1.ª página)

de alto significado nas realidades efectivas da Comunidade Luso-Brasileira. O notável empreendimento resulta de laboriosas e sempre amigáveis negociações, no prosseguimento do tratado celebrado entre os Governos do Brasil e de Portugal.

O acordo para esse serviço aéreo especial foi assinado hoje, em Brasília. Celebrou-se a cerimónia no Ministério da Aeronáutica, com a presença das seguintes individualidades: brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo, ministro da Aeronáutica; dr. Manuel Rocheta, embaixador de Portugal, no Brasil; brigadeiro Benjamim Manuel Amarante, presidente da Cernai; eng.º Vítor Veres, director-geral da Aeronáutica Civil de Portugal; brigadeiro João Mendes da Silva, director da Aeronáutica Civil do Brasil; brigadeiro Reinaldo Carvalho Filho, chefe do Estado-Maior da Aeronáutica; dr. Gilson Mendonça Henriques, presidente do Sindicato das Empresas Aeronáuticas do Brasil; membros do conselho de administração da Panair e, ainda: brigadeiro Carlos de Magalhães, presidente, interino, da T. A. P.; eng.º Mendes Barbosa, director-geral e dr. Albano Ribeiro, director comercial, adjunto, da T. A. P.; outras entidades aeronáuticas brasileiras, representantes da Imprensa, da rádio, da TV, do cinema, etc.

As referidas entidades seguiram do Rio de Janeiro para Brasília, em avião especial da Panair e, após a assinatura do acordo, foram recebidas pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que, amanhã, dá recepção á missão portuguesa, durante a qual o sr. eng.º Vítor Veres receberá as insignias de grande oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul, com a qual foi agraciado pelo presidente do Brasil, por ocasião da sua visita a Portugal. No Rio de Janeiro receberá, também, das mãos do ministro da Aeronáutica, a Ordem de Mérito Aeronáutico.

As vantagens do serviço aéreo especial

Dado o seu carácter estritamente regional, este serviço aéreo especial obedecerá ás seguintes condições: a carreira aérea far-se-á entre o Brasil e o território metropolitano de Portugal, com escalas comerciais, intermediárias, unicamente nos territórios de ambos os países, isto é, no aeroporto da ilha do Sal e no do Recife; as passagens sòmente poderão ser emitidas nos territórios dos dois países e a sua venda far-se-á apenas a nacionais do Brasil ou de Portugal e a estrangeiros residentes num ou noutro país; a prova de nacionalidade será feita mediante a apresentação do passaporte ou documento equivalente e a da residência através do título oficial da respectiva autorização.

Outro aspecto importante, a considerar é que, dado o seu carácer económico, o serviço deverá ser executado nas seguintes condições tarifárias: com os preços de 215 dólares, entre Rio de Janeiro e Lisboa; 180 dólares, entre Recife e Lisboa; 155 dólares, entre Rio de Janeiro e o Sal; 115 dólares, entre Recife e o Sal; e 105 dólares entre Lisboa e o Sal e vice-versa. Quer dizer, por exemplo, uma passagem entre Lisboa e o Rio de Janeiro, ou entre o Brasil e Lisboa, custará aproximadamente 6.235$00, se fizermos a conversão do dólar ao cambio de 29$00.

A exploração da carreira T. A. P.-Panair far-se-á, inicialmente, com aviões quadrimotores «DC 7-C», do mesmo tipo dos que são usados pelas demais companhias estrangeiras que utilizam o aeroporto de Lisboa nas suas carreiras entre a Europa e a América do Sul, á excepção da inglesa, que só utiliza os jactos «Comet IV». Os aviões «DC 7-C» têm capacidade para o transporte de 85 passageiros, em classe unica.

Acrescentem-se, ainda, os seguintes elementos: o prazo de validade dos bilhetes de passagem é de 6 meses contados da data da sua emissão; crianças maiores de 2 anos e menores de 12, pagarão 75 por cento da tarifa aplicável, com direito a ocupar assento individual; a franquia de bagagem será para passageiro adulto, 20 quilos; para criança, pagando 75 % de passagem de adulto a franquia, 15 quilos. As crianças de colo não têm direito a bagagem. Pelo que respeita aos emigrantes, os possuidores de visto de «emigrante» concedido pelas competentes autoridades consulares, terão a seguinte franquia: passageiros adultos, 50 quilos; crianças pagando 75 % de tarifa de adulto, terão direito a 30 quilos de franquia.

A venda de bilhetes de passagem para o Serviço Especial Panair-T. A. P. fica restrita aos territórios brasileiro e português.

A frequência da carreira aérea entre Portugal-Brasil-Portugal será inicialmente de dois voos semanais, um da Panair e outro da T. A. P., com início em 1 de Dezembro.

Terminam amanhã

as sessões de trabalho da I Reunião em Lisboa sobre Prospecção Geofísica

Prosseguiram os trabalhos da I Reunião sobre Prospecção Geofísica, que está a decorrer no Laboratório de Engenharia Civil. A sessão de hoje foi presidida pelo sr. eng.º Martins Oliveira.

Em primeiro lugar o eng. W. Weyerman, da Empresa de Sondagens Ródio, fez uma conferência subordinada ao título «Possibilidades dos métodos de prospecção geofísica no estudo dos revestimentos necessários para galerias com carga hidráulica». Depois o eng.º Brito Folques, do Laboratório, apresentou um relato sobre a prospecção geofísica do leito do Tejo em frente de Lisboa. O primeiro período de trabalhos terminou com uma exposição do eng.º Moura Esteves, também daquele laboratório, acerca de o método de polarização eléctrica induzida.

A' tarde, houve outra sessão de trabalho, sob a presidência do eng.º Amaro da Costa, director-geral dos Serviços Hidráulicos. Esta sessão foi preenchida com conferências por engenheiros estrangeiros convidados a tomar parte na reunião.

Amanhã, ás 9 e 30, efectuar-se-á a 8.ª sessão de trabalho, a ultima a realizar no anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO

recebe amanhã a Câmara de Évora

ÉVORA, 27. (Pelo telefone). — Pelas 16 horas de amanhã, o sr. prof. eng.º Leite Pinto, ministro da Educação Nacional, receberá, no seu gabinete, a Camara Municipal de Évora, da presidência do sr. dr. Vieira da Silva, que entregará ao Governo uma exposição, a pedir a criação em Évora, dos projectados estudos propedêuticos.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

HÓQUEI EM PATINS

Estão seleccionados nove dos dez jogadores para a Taça Latina

O seleccionador nacional de hóquei em patins, sr. António Raio, entregou, esta manhã, na Federação Portuguesa de Patinagem, os nomes de nove dos dez seleccionados para a Taça Latina, que se disputará, em Nantes, de 4 a 6 de Novembro próximo.

Os nomes indicados foram os seguintes: Jorge e Livramento, do Benfica; Vítor Domingos, Vítor Santos, Pompilio e Rui Faria; do Hóquei de Sintra; José Vaz Guedes, do Campo de Ourique; Brito, do F. C. Porto, e Rendeiro, do Infante de Sagres.

O décimo jogador será o benfiquista Urgeiro, ou o campo-ouriquense Bernardino. A escolha depende do encontro desta noite, em Sintra, entre o «team» local e o Campo de Ourique.

Os seleccionados Brito, Jorge, Rendeiro, Vítor Santos e Livramento foram os que formaram o grupo nacional, vencedor do Campeonato da Europa de Juniores, disputado em Lisboa, na primeira semana deste mês.

REUNIÃO

da Sociedade Portuguesa de Estomatologia

Na Ordem dos Médicos, esta noite, ás 22 horas, reune-se a Sociedade Portuguesa de Estomatologia, á qual o dr. Baptista Fernandes fará uma comunicação intitulada «Ulceras da mucosa bocal».

A QUINTA DO SR. POETA

(Continua na página central)

ao sótão, e dois quartos. As portas são todas iguais e iguais as janelas. Grossas tábuas de castanho aplainadas, a que foi aplicado o aparelho mas sem terem recebido qualquer pintura. Estão em cru e mostram uma certa aspereza no seu talhe, na sua colocação. Faltam-lhe os retoques. Parecem todas talhadas a machado e que o fio do formão se não gastou muito a amaciá-las.

Não luz a casa, como a não tinha ainda há um ano Barca de Alva. Junqueiro pensou em a mobilar convenientemente com louças de Talavera. Juntou dezenas de peças e só depois, desgostoso com a doença da filha, as dispersou distribuindo-as pelos amigos. As cuenças seriam para as paredes.

O quarto de um asceta

Da banda do Sul, temos também dois quartos, sendo o ultimo o quarto de cama de Guerra Junqueiro. É uma divisão rectangular, de verdadeira asceta. Melhor dizendo, de lavrador, agarrado á terra, pensando nela e que vive a vida com simplicidade, colhendo dela o indispensável, para quem o luxo não conta. Uma janela alta, com suas pranchas de castanho, vigorosas como alexandrinos da «Pátria», vê nascer o Sol nos morros de Espanha. Encostado á parede sul, ao canto, temos um guarda-roupa de dois corpos, liso, sem espelhos ou enfeites vaidosos. Na parede sul, outra janela, abrindo para a grande varanda que toma todo o corpo da casa por esse lado.

Entre a porta de entrada e o guarda-roupa, a meio do quarto, há uma mesa quadrada e encostada a ela um canapé de verga. Sobre ela um tinteiro grande de Talavera. Estaria outrora pejada de livros e revistas...

Com a cabeceira encostada á parede fundeira, temos uma cama de ferro do mais simples. O seu unico enfeite são as maçanetas em metal amarelo. Cama larga que uma modesta colcha branca cobre com recato. Á direita da cama, e ao canto, uma mesa de pinho com uma imagem da Virgem que deve ter sido trazida numa das suas viagens frequentes a Espanha. Diz-nos a filha do poeta que esta mesa esteve muito tempo na casa de jantar, tendo passado também pela varanda. Estava muito escrita, com notas, versos, estancias inteiras, imagens apontadas em duas palavras como ocorrem. Tudo a lápis, segundo o hábito de Junqueiro. Um dia, uma criada para lhe limpar o pó, passou-a a pano, cuidadosamente, muito molhado e depois muito enxuto: ea mesa, que era das melhores relíquias desta casa, ficou escarolada, limpinha. Lembram-se que Junqueiro dizia que quando precisava de um palito o cortava na mesa?

Habitualmente o quarto tinha dois leitos de ferro. Tinha ainda o quarto um lavatório-«toilette» daqueles que erguem dois dedos muito abertos ao alto, entre os quais se entala um espelho pequeno.

O quarto, com um rodapé alto, de madeira em toda a volta, está em argamassa, sem cal, como estava toda a casa, antes do centenário e como Junqueiro o deixou. Portas e janelas em aparelho, sem outra pinturaque a que lhe tem dado o meio século decorrido.

E aqui está como vivia o poeta da «Velhice do Padre Eterno», o cantor de «Os Simples». Para completar a descrição falta-nos acrescentar que a um canto há um enorme baú de onde saem revistas várias e jornais que o tempo amareleceu. De que tratam? Filosofia, agricultura, em especial vinhos, ciências, tudo aquilo qu ocupava o espirito de Guerra Junqueiro tal como o conheceram todos os que com ele conviveram ou algum dia o entrevistaram. Havia montes dessas publicações, diz-nos D. Maria Isabel; e, no quarto, em frente, mais baús com mais revistas, mais jornais, onde se cultivavam o lavrador da Batoca e o génio preocupado com as dores do Mundo.

Versos, soidadas de criados e amêndoas aos montes

Pela escada que sobe ás águas-furtadas, vamos dar a enorme salão aberto lá em cima. Ocupa todo o centro da casa que conta ainda duas salas mais estreitas, nas extremidades. Abarcam a casa de lado a lado. Nas das extremidades os quartos dos caseiros; na do centro montões de amêndoa a secar. Para isso lhe deu toda esta grandeza quem a delineou. É um salão de lavrador.

Falta-nos apenas, para dar volta á casa, ir meter o nariz numa varanda enorme, debruçada sobre o Douro, que ocupa a parte Sul. E para ela que abrem as divisões desse lado e do exterior a ela se sobe por sete degraus a que se encosta uma amendoeira aleijada. A um metro do solo, esse miradouro magnífico é constituído por dezasseis janelas de guilhotina, pegadas umas ás outras: duas a Leste, duas a Oeste e doze de olhos especados nas quintas que vão subindo a encosta da margem esquerda do rio. Há um olival de verde macio, sossegado e no meio dele as casas de telhados com largas riscas de cal branca. A jusante os montes endurecem, empinam-se, e cerram o curso do rio.

Do lado de cá, ficam a nossos pés dois cabeços muito redondos, servindo de anteparo ao morro em que estamos. São a parte fundeira da quinta.

Entramos na varanda. Como o sótão, está literalmente cheia de amêndoa. Caminhamos como sobre pedregulhos que rangem e se ajeitam sob nossos passos.

Há vidros partidos nas janelas, como órbitas sem olhos. Está tudo transformado em verdadeiro armazém de amêndoa. Para nos aproximarmos da parede, desequilibramo-nos e depois enterramo-nos. Adaptando-nos, conseguimos chegar á cal muito branca que serviu de papel a Junqueiro, que também ali deixoua sua marca. Há escritos a lápis, naquela sua letra, de forte inclinação para a frente, mas certa e firme. Copiamos:

Quanta vida consumida!
Quanta chimera perdida-
Quanto sonho, quanta lida!
Tudo em vão!...
Quantos caminhos trilhados!
Quantos passos mal andados!
Quantos ais e quantos brados!
Tudo em vão!...

Ao lado do poeta, surge o senhorio de contas em dia. A parede é também dele; e é nela que toma nota:

Gomes — pago até fim de Fevereiro.

A mesmíssima letra, apontou nervosa a imagem que lhe ocorreu por certo num esmaecer da tarde:

O badalar das ovelhas
como threnos...

Agora é apenas um nome e uma data:

Julião Serra 15-9-95

Outra imagem:

Fremem harpas angelicas doridas.

Mas o lavrador volta a estar em dia com seus criados:

Gomes pago até Abril

Volta o poeta:

Os carros
chiam ao longe, no silêncio em brasa
como gemidos intimos da terra.

Mais ao lado:

Olhos de ideal abertos para a luz

E ainda mais ao lado:

Horas mimosas de candura e graça

Nesta varanda admirável espairecia Guerra Junqueiro ao cair da tarde, depois de ter andado pela quinta, a dar ordens. Aqui recebia muitas vezes as visitas. Há até um retrato seu com a mulher e as filhas e os ingleses da Casa Cockburn, nos degraus da varanda. Ia apontando versos e notas que lhe surgiam no momento. Ás vezes forma definitiva, outras simples esboços.

Era nesta varanda que estava também aquela mesa que há pouco vimos no quarto de dormir, bem lavadinha por uma criada diligente. Ainda bem que ela se não lembrou de tocar na parede.

Vai abrandando o sol e os montes e árvores parecem derreados com estes calores de Setembro. Só o Douro, em baixo, segue ligeiro, cantante, indiferente ao calor, mas sem dar indícios daquelas furias de varredor de feiras que o tomarão quando estes altos se encolherem, abalados pelo temporal, fuzilados pelo raio e se desfizerem em água.

RAUL RÉGO

BINACA

Pasta e Elixir Dentifricos Modernos

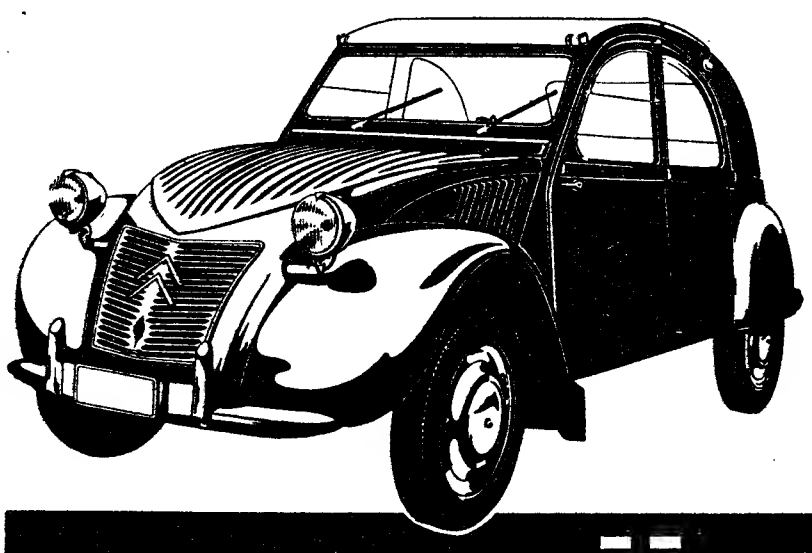
Conforto integral

no

2 CV

De todos os pontos de vista
o 2 CV CITROËN
é estudado para o seu conforto.
A sua estabilidade excepcional
na estrada, a sua suspensão
que «nivela» as irregularidades do percurso,
os seus 4 lugares espaçosos
e confortáveis, as suas 4 portas
que lhe conferem um acesso
fácil, tornam-o um carro em
que gostará de rodar.

...e a sua economia proverbial acrescenta a tudo isto o «conforto do seu orçamento»!



Luxo 41.500 esc. (taxas incluídas)
Aquecimento e descongelador compreendidos

Grande luxo 43.900 esc. (taxas incl.)
Aquecimento e descongelador compreendidos

CITROËN

AUTOMÓVEIS CITROËN, S.A.R.L.
Sede: Av. Praia da Vitória, 9
Stand: Av. Fontes P. de Melo, 47-A
Telefone 73 41 31

AGENTES EM TODO O PAIS

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO DISTRITO DE SANTARÉM

«CONCURSO PARA ADMISSÃO DE PESSOAL»

Para conhecimento dos interessados, comunica-se que se encontra aberto, pelo prazo de 20 DIAS, concurso para o preenchimento das seguintes vagas existentes no quadro do pessoal administrativo desta Caixa:

Chefe de Secção uma vaga
Contabilistas de 2.ª classe ... duas vagas
3.º escriturário... uma vaga
Aspirantes ..... quatro vagas

Os candidatos só serão admitidos desde que satisfaçam as condições expressas nas Bases XXXVIII e XLI do despacho de 18/2/959, de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, publicado no Diário do Governo—II Série, n.º 49 de 27/2/959.

Santarém, 22 de Outubro de 1960.

A DIRECÇÃO

VENDEM-SE

6 acções do Campo Pequeno pela maior oferta. Resposta a este jornal ao n.º 57.

QUEIJO TIGRE

O queijo «TIGRE» vindo dos belos Alpes da Suiça é o queijo que o «Gourmet» mais aprecia.
Peça só a marca «TIGRE»

Mário Augusto Carvalhal Simões Soares

FALECEU

Sua família participa que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença o seu muito querido irmão, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realiza manhã ás 10 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA BARATA

O PORTO pelo telefone

Furtos em automóveis

PORTO, 27 — Terminou no 1. Juízo criminal, após várias audiências, o julgamento de David José Ribeiro, casado, de 27 anos, dactilógrafo, morador na rua de Belém, actualmente preso na Cadeia Civil do Porto, e de Arnaldo Pereira Miranda, de 26 anos, casado, empregado comercial, de S. Torcato, Guimarães. Os dois, a partir de Dezembro de 1958, e durante poucos meses, praticaram, pelo menos, 44 crimes de furto, vários de danos e alguns de burla. Apropriaram-se de automóveis e furgonetas estacionadas em vários pontos da cidade e que depois abandonaram, quase sempre danificados, roubando tudo que deles tivesse valor, e noutros carros furtaram vários artigos que também empenharam.

Eram 25 os processos em que os réus estavam incriminados. Ao julgamento presidiu o corregedor dr. Mário Valente Leal, sendo o primeiro réu condenado em 2 anos de prisão, 220 dias de multa, sendo 192 a 30 escudos por dia e os restantes a 10, e mil escudos de imposto de Justiça. O segundo foi condenado em 2 anos de prisão, 227 dias de multa, sendo 197 a 30 escudos e os restantes a 10 escudos por dia, e mil escudos de imposto de Justiça.

Acidentes no trabalho

Ao Hospital de Santo António recolheu o ajudante de condutor de automóvel José Martins da Rocha, de 37 anos, casado, de Aguiar de Sousa, Paredes, que foi atingido por um toro de madeira quando carregava a camioneta com que trabalhava, sofrendo fractura da perna esquerda.

Ao mesmo hospital recolheu o operário Guilherme Jesus de Castro, de 26 anos, morador na rua do Bicalho, 64, que foi atingido por um ferro quando trabalhava em obras de sondagens, sofrendo fractura da mão direita e ferimentos.

Salão de Educação Estética

Na delegação distrital do Porto da Mocidade Portuguesa efectua-se esta tarde uma sessão solene para entrega de prémios e diplomas aos seus filiados, com que no 14.º Salão Nacional de Educação Estética, realizado em Lisboa, no mês de Outubro do ano findo, foram premiados.

Conferências

O eng.º João dos Santos Simões organizador na Fundação Gulbenkian do Inventário da Azulejaria Portuguesa, profere esta tarde, na Escola Superior de Belas-Artes, uma conferência sobre «Ceramica decorativa de revestimento exterior».

No Ateneu Comercial do Porto, o sr dr. Manuel Luciano da Silva efectua esta noite uma conferência subordinada ao tema: «O Infante D. Henrique, o navegador e a pedra de Dighton».

A Associação dos Cegos do Norte de Portugal e o Banco de Olhos

O diploma do ministro da Saude que autoriza a recolha de orgãos dos cadáveres, destinados á recuperação de muitos doentes até agora condenados a uma vida precária, quando não á morte, deve entrar em vigor no dia 1 de Janeiro próximo.

Interessa de modo especial este decreto aos indivíduos total ou parcialmente cegos, que desta forma poderão em muitos casos voltar a ver a luz do dia. Entretanto, tal só será possível, se os Portugueses consentirem que apos a sua morte as suas córneas sejam aproveitadas a favor dos que delas precisam.

Pelo referido diploma até os mais pobres se podem considerar milionários, pois, têm ao seu dispor uma fortuna que voluntáriamente poderão legar nas condições que entenderem.

A Associação dos Cegos do Norte de Portugal, com sede na Rua do Almada, 335, 2.º, direito, telefone 31008, nesta cidade, está disposta a colaborar com as entidades oficiais e com os médicos oftalmologistas, pondo á disposição de todos os homens de boa vontade, sem quaisquer encargos, os meios de poderem fazer as suas doações.

CARTAZ DO PORTO

Espectáculos de amanhã

S. JOÃO — A's 21 e 30 a peça «A visita da velha senhora», pela Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. (Maiores de 17 anos).
COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30 «Vamo-nos Amar», comédia (17 anos).
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Os Caminhos da Ambição», drama (17 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O Anjo da maldade» drama (17 anos).
SA DA BANDEIRA — A's 21 e 30, a revista «Espero-te á saída» — (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Um de nós foi traidor», drama (17 anos).
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30, «Senda de gigantes», drama policial (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Pedro, o pescador», biblica (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Rififi», policial (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Soledade», romantico (12 anos).
NUN'ALVARES — As 21 e 30 — «O ídolo», comédia (17 anos).
CASINO DA POVOA — Variedades
CASINO DE ESPINHO — Variedades.

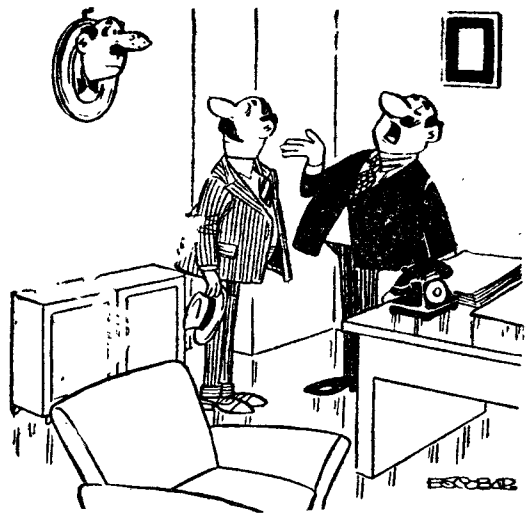
pequeno MAGAZINE

QUEM SABE DIZ

A Beleza criou-se para ser admirada, nasceu para o culto e devoção.
JOÃO DE BARROS

*** O erro basilar consiste em subordinar os trabalhos do espírito á ambição da glória. E' preciso limitá-los exclusivamente ao aformoseamento da existência que nos coube por sorte.**
M. TEIXEIRA-GOMES

*** Na beleza da Arte antevê-se o advento de um mundo superior a que todas as almas aspiram.**
FIALHO DE ALMEIDA

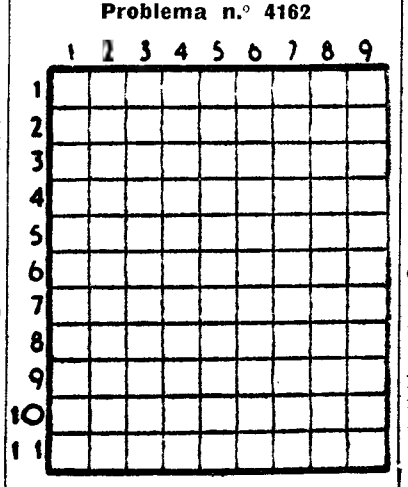


— Este foi o unico cliente que me ocupou mais de meia hora.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4162



HORIZONTAIS: 1 — Espaço de 24 horas. Oxido de cálcio. 2 — Prego miudo para calçado. 3 — Peixe escômbrida. Artigo indefinido (pl.). 4 — Indolência. 5 — Conjunção. Espécie de sapo do Amazonas. 6 — Tom. Mulher de baixa estatura. 7 — Pelo de certos animais. Nome de mulher. Pronome pessoal. 8 — Cidade de Espanha. 9 — Habitar 10 — O sono das crianças. Grande quantidade. Interjeição. 11 — Freguesia do concelho de Torres Vedras. Da cor do céu sem nuvens.

VERTICAIS: 1 — Numeral cardinal. Símbolo químico do cloro. Mágoa. 2 — Tritures. Alternativa. 3 — Notificar. Preposição. 4 — Patrões. Já. 5 — Doutor. Venero. 6 — Monte de areia produzido pelos ventos á beira-mar. Avarenta. 7 — Corporação municipal. Caminhar. 8 — Engordura. Pronome pessoal. 9 — Lusitana Nesse lugar. Calamidade.

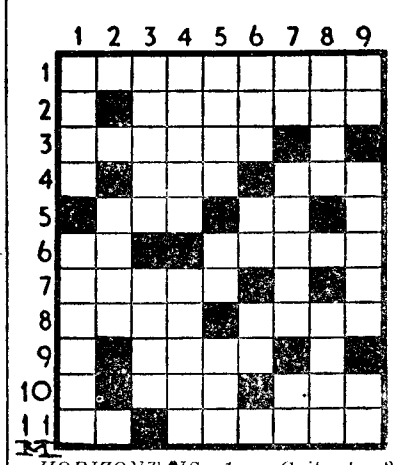
Solução do problema n.º 4161

HORIZONTAIS: 1 — Lema. Aire. 2 — Matares. 3 — Nixon. 4 — Ai. Cal. Pã. 5 — Nero. Aves. 6 — Ais. Ira. 7 — Cai. 8 — Elmo Nice. 9 — Rei. Don. 10 — Ás. Mil. Pt. 11 — Leme. Arão.

VERTICAIS: 1 — Canaveral. 2 — Em. Lei. Lese. 3 — Man. Rs. Mi. 4 — Ático. Co. Me. 5 — Axá. Vã. Pi. 6 — Arola. In. Lã. 7 — Ien. Vi. Id. 8 — Rs. Per. Copa. 9 — Casamento.

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2116



HORIZONTAIS: 1 — Gritante. 2 — Repetir. 3 — Tubos de escoamento. 4 — Preposição. Lobrigar. 5 — Fluído aeriforme. Reles. 6 — Piedade. Muito usada. 7 — Desertos. 8 — Em maior quantidade. Vaidade. 9 — Acção. 10 — Rato. Negra. 11 — Suspiro. Prestar.

VERTICAIS: 1 — Pus á disposição. Retardo. 2 — Frustra. 3 — Empada feita de broa com carne de porco. Soltar mios. 4 — Excepto. Embuçados. 5 — Impugnar. Reis (abrev.). Ecoe. 6 — Zombas. A mim. Poeira. 7 — Artigo (pl.). Ter mérito. Cinquenta e cinco em romano. 8 — Conhece. Rezei. 9 — Atmosfera. Resista. Frequentar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2115

HORIZONTAIS: 1 — Usas. Seca. 2 — Amada. Ri. 3 — Ambiência. 4 — A. Será. 5 — Atraca. Im. 6 — Sr. Avisa. 7 — Sanonas. 8 — Atuns. Obi. 9 — Santas. Ró. 10 — Ice. Opôs. 11 — AMBIÇÃO.

VERTICAIS: 1 — Amassa. 2 — Sam. Tratai. 3 — Ambar. NUNCA. 4 — Sai. Ontem. 5 — DESCANSA. 6 — Saneava. Soi. 7 — Cr. Iso. Pç. 8 — Criais. Broa. 9 — Aia. Mavioso.

(Provérbio: A AMBIÇÃO NUNCA DESCANSA).

289 875 turistas visitaram Portugal

de Janeiro a Setembro

Segundo informação oficial, fornecida pela Repartição de Turismo do S. N. I., de Janeiro a Setembro deste ano visitaram o nosso País, 289.875 turistas estrangeiros, mais 44.823 que no ultimo ano, ou seja, um aumento de 18,3%.

O maior numero de visitantes pertence á Espanha, com 75 318; seguida da França, 55 465; Estados Unidos, 43 445; Inglaterra, 25 025; Alemanha, 16 028; Brasil, 10 132; Itália, 8298; Bélgica, 6779; Suiça, 6207; e Holanda, 5988. Os numeros mais reduzidos são de naturais da Jugoslávia, 11; da Hungria, 21; e da Polónia, 37.

No ultimo Setembro visitaram Portugal, 39 004 turistas, mais 7685 que em 1959, ou seja, um aumento de 24,5%.

O maior numero de visitantes durante esse mês pertenceu ainda á Espanha, com 11 229; seguido dos Estados Unidos, 5381; da França, 5268; da Inglaterra, 3678; da Alemanha, 2693; do Brasil, 1439; da Itália, 1241; da Suiça, 875; da Suécia, 594; e da Argentina, 495. Os totais mais pequenos foram da Hungria, 3; da R. A. U., 5; e da Turquia, 6.

Por terra, mar e ar, entraram em Portugal, no mês de Setembro, 24 830, 915 e 13 259 turistas, respectivamente.

O FAUSTO DA CÔRTE

do imperador Constantino

A sumptuosidade da corte do imperador Constantino era extraordinária. Este reformador religioso arranjava-se com requintes semelhantes aos de uma mulher e cobria-se de joias para brilhar como um ídolo no meio dos seus cortesãos.

Uma citação de Gibbon demonstra bem a existência desse luxo exagerado:

«Pouco tempo depois de ter entrado em Constantinopla, o imperador Julião, reformador cheio de prudência, mandou chamar um barbeiro para lhe fazer a barba e viu surgir diante de si um oficial vestido com uma magnificência inacreditável.

— Foi um barbeiro que eu mandei chamar e não um secretário de Estado! — disse ele, fingindo-se surpreendido.

Quando o imperador interrogou o barbeiro sobre o quantitativo dos seus honorários, verificou que, além de um salário formidável, o barbeiro dispunha de vinte criados e do mesmo numero de cavalos. Ora no palácio existiam mil barbeiros!».

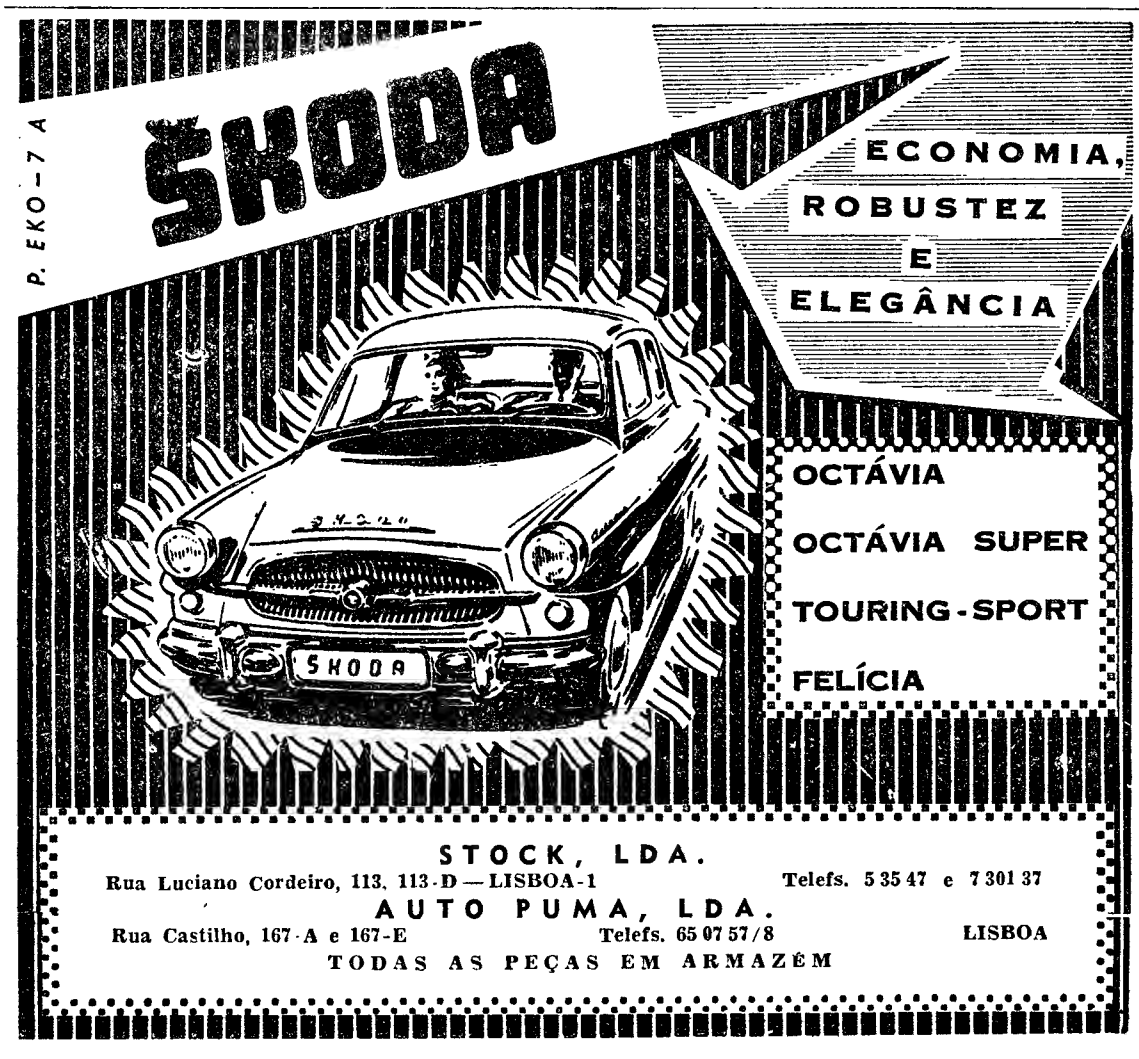
QUEM CANTA seu mal espanta...

Que importa a cinza do que ardeu?
— Sou a verdade, que não morre,
Sou a justiça, que não morre,
Sou a certeza e a liberdade.
— Sou Prometheu!

JOÃO DE BARROS

Academia das Ciências

Na Academia das Ciências, esta tarde, reune-se a Classe de Ciências, sob a presidência do prof. Moses Amzalak. O prof. Damião Peres, historiador eminente, faz uma comunicação subordinada ao tema «Acção do Infante D. Henrique como criador da geografia científica moderna».



Casa MAX
Sempre novidades
Depois do jantar visite as nossas **montras**
193-A — R. D. ESTEFANIA — 193-F

NA PRAIA DA AREIA BRANCA, NO «CAFE' CENTRAL», ENCONTRA-SE A' VENDA O «DIARIO DE LISBOA».

RISCOS NA AREIA

(Continuação da página central)

dessa maneira, com vírgulas e tudo, o senhor Ramos Rosa me desconcertou. Eu, ao começar a leitura do seu artigo, concebera o plano celerado de lhe responder com estas únicas palavras: «O homem que gratuitamente me acusa de só admirar a poesia que tem clareza, lógica e rima é o autor do poema Se calhasse calhava»! *Afinal, nem sequer posso atacar o poema, porque o senhor Rosa não o defende. E quando lhe põe em paralelo o sugestivo soneto de Jorge de Lima, nem ao menos lhe chama execranda idiotice. E' demais para um homem só!*

O senhor Ramos Rosa quis vingar-se cruelmente de eu não ter entendido o seu poema, e então procura demonstrar que também os meus riscos *não se entendem. Obriga-me a alguns esclarecimentos de mestre escola de primeiro grau. Assim, por exemplo, quando se diz que bastava o primeiro canto da* Invenção de Orfeu *para imortalizar Jorge de Lima não se quer dizer que os nove restantes cantos do poema são chungaria. O que se quer dizer é que não era preciso mais nada. E' como se dissesse,* mutatis mutandis, *a respeito do senhor Ramos Rosa: «Bastava o poema do «Se calhasse calhava»...*

Outro erro de leitura dos meus riscos *levou o senhor Ramos Rosa a jungir numa imaginária tríade genetriz da poesia moderna Baudelaire, que foi mestre incontestado do parnasianismo francês, Malarmé e Rimbaud, que desertaram desse parnasianismo para florescerem trinta anos depois com o rótulo de decadentes ou simbolistas, e ainda o sr. Lautréamont, que suponho ter sido chamado á liça unicamente para transformar a* sagrada tríade *em quadríade... E fico sem perceber como é que eu lhe «estraguei a sagrada tríade com o diabo do Verlaine» — um poeta «comme, segundo Anatole, il ne s'en rencontre pas un par siécle», um poeta que, após a morte de Leconte de Lisle, mereceu ser eleito príncipe dos poetas, um poeta enfim a quem os simbolistas franceses consideram o verdadeiro chefe da sua escola literária.* (Hic, *a ultrapassagem...* e excusez du peu).

Quanto á nebulosidade, temos conversado — por hoje. Eu já conhecia esses desmaios *do Goethe e do Diderot. O que nunca consegui foi encontrar nos poemas do autor do* Fausto *uma coisa parecida com o «Se calhasse calhava» ou nas críticas do autor da* Religiosa *uma descoberta como a dos* criadores de universos. *Essa questão de clareza tem cabelos brancos, desde os peripatéticos da velha Grécia. Já Descartes, e antes dele Locke, os comparavam a «cegos que, para tornarem a luta igual, atraíssem o adversário clarividente a uma caverna escura». E comentavam: «Que esse homem os obrigue a iluminar a caverna, que force os peripatéticos a* ligar ideias ás palavras de que se servem *e o seu triunfo está garantido».*

Claro que insinuar, sugerir, induzir o leitor a meditar no que lê, proporcionar-lhe o direito de perscrutar as intenções da obra, deixá-lo adivinhar os reconditos pensamentos do poeta...

Mas, perdão, isto não calha, nem por magia, com a mentalidade dos menores da poesia nova. *Pobresitos! Seria até cruel julgá-los incursos na irónica alusão de Nietzsche aos que «turvam as águas para que elas pareçam profundas».*

Vida social

JOÃO JOSÉ DINIS

Chegou a Lisboa o sr. João José Dinis, vice-cônsul de Portugal no Rio de Janeiro, que vem em gozo de férias. Antes da sua partida do Rio de Janeiro, o sr. João José Dinis foi homenageado com um jantar de despedida por iniciativa da Casa de Trás-os-Montes, de cuja direcção foi antigo e devotado presidente.

Na homenagem, realizada nos salões do Club Ginástico, tomou parte o cônsul-geral de Portugal, dr. Mário Duarte.

No eroporto, apresentaram cumprimentos ao sr. João José Dinis, entre outros, os srs. embaixador prof. dr. Martinho Nobre de Melo, ministro Carlos de Barros, dr. Nuno Simões, João Pedro dos Santos, Clemente Rodrigues Mourão, Porfírio Vieira, Fernando Machado, etc.

FERNANDO MENDES DE ALMEIDA

Acompanhado por sua esposa, chegou de Paris e Londres, onde foi assistir ao salão automóvel, o sr. Fernando Mendes de Almeida, sócio gerente da firma C. Santos, Ld.ª, que ali se deslocou para tratar de assuntos da sua vida comercial.

NECROLOGIA

Albino Nunes Torres

VISEU, 27. — Faleceu nesta cidade, com 85 anos, o proprietário portuense Albino Nunes Torres, viúvo, sogro dos srs. António da Silva Rocha Pires e Fernando Teixeira Pedroso, este comerciante viseense. O funeral efectuou-se para o cemitério de Paranhos.

Mário Augusto Carvalhal Simões Soares

Faleceu o sr. Mário Augusto Carvalhal Simões Soares, de 65 anos, proprietário, natural de Tarrafal (ilha de Santiago), Cabo Verde.

O funeral, a cargo da agência Barata, realiza-se manhã, ás 10 horas, da igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

HOMENAGENS

Tabuenses ilustres

A direcção da Casa dos Tabuenses promove no próximo dia 6 de Novembro, pelas 13 horas, no salão nobre da Casa das Beiras, um banquete de homenagem aos srs. desembargador dr. Francisco Taborda, coronel Alfredo Correia Nobre, respectivamente, presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Tábua, e dr. João Quaresma de Matos, antigo provedor da Santa Casa da Misericórdia de Tábua e actual presidente da assembleia geral da Casa dos Tabuenses.

SUFRAGIOS

Dr. Carlos Barral Filipe

Passa hoje o cinquentenário da morte do dr. Carlos Barral Filipe, que foi o fundador da Fábrica de Cerveja «Germania» e gozou de grande prestígio na sua época. Para assinalar a data, sua filha e neto mandam celebrar missa de sufrágio esta tarde, ás 18 e 30, na igreja de S. José dos Carpinteiros, no Largo da Anunciada.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

Emissora Nacional de Radiodifusão

AVISO

CONCURSO DE ADMISSÃO AO ESTÁGIO DE ASSISTENTES RADIOTÉCNICOS DE 3.ª CLASSE

Conforme aviso publicado no Diário do Governo, II Série, n.º 248, de 24 de Outubro de 1960, está aberto, pelo prazo de 30 dias, a contar daquela data, concurso de admissão ao estágio de assistentes radiotécnicos de 3.ª classe, a que serão admitidos indivíduos do sexo masculino, habilitados com o curso de Electrotecnia e Máquinas de um Instituto Industrial.

As condições de admissão ao referido concurso, constam do aviso acima citado, devendo os documentos ser entregues até ao dia 23 de Novembro próximo, na Secretaria da Emissora Nacional — Rua Alexandre Herculano, n.º 42-A — Lisboa, 2, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Emissora Nacional de Radiodifusão, 25 de Outubro de 1960.

ADMINISTRAÇÃO GERAL

O Chefe da Repartição
Alberto Represas

★ ★

10:06 Horas
27 de Outubro de 1958...

Há dois anos, no dia 27 de Outubro, precisamente às 10 horas e 6 minutos, um gigantesco e veloz avião, jamais visto nos céus da Europa, aterrou pela primeira vez no Aeroporto de Le Bourget em Paris. Era o Clipper a Jacto «América» da Pan American, completando a 1.ª etapa dum voo histórico iniciado em Nova York.

Este facto marcou o início dum serviço transatlântico a Jacto, diário e regular... o começo duma nova era em aviação comercial... reduzindo quase a metade as distâncias e os tempos de voo.

Imediatamente, logo que lhe eram entregues os novos aviões a Jacto, a Pan American punha-os ràpidamente ao serviço. Desta forma, em pouco tempo, os voos a Jacto da PAN AM estenderam-se desde o Atlântico até ao Pacífico, Caraíbas e América do Sul. E, quando em 11 de Agosto de 1959 a Pan American estabeleceu o seu famoso serviço a Jacto de «Volta-ao-Mundo» foi como se o globo terrestre diminuisse para metade do seu tamanho.

Hoje, volvidos dois anos, mais de 1.000.000 de passageiros internacionais já experimentaram o conforto, a velocidade e a comodidade dos aviões a Jacto da Pan American.

O inigualável êxito da Pan American, com os seus serviços mundiais a Jacto, deve-se em grande parte ao bom apoio dos seus Agentes de Viagens espalhados pelo Mundo inteiro. Muito reconhecidamente, a Pan American regista essa entusiástica colaboração. Tanto os Agentes de Viagens como o público em geral podem confiar na continuidade dos esforços da Pan American para lhes proporcionar o melhor serviço a Jacto, para ainda mais cidades do Mundo.

PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA - SERVE PORTUGAL HÁ MAIS DE 21 ANOS

Violento choque

entre uma furgoneta e uma camioneta

causou três feridos

O médico-veterinário sr. dr. Frederico Abreu Carvalho Araujo, de 49 anos, filho do malogrado e heróico comandante Carvalho Araujo, que é funcionário da Junta Nacional dos Produtos Pecuários e reside na Rua 9 de Abril, 9, 2.º, seguia, esta manhã, para Alvega (Abrantes), numa furgoneta, guiada pelo motorista João Santos Pena, residente no Bairro de Santa Cruz, Rua 10, 7, em Benfica, também funcionário daquela Junta. No veículo seguia, também, o sr. João Augusto Macelo, de 25 anos, morador na Rua João de Meneses, 6. A certa altura, na estrada de Povos, próximo do Matadouro de Vila Franca de Xira, foi embater na furgoneta uma camioneta pertencente ao sr. Carlos Gomes, de Arneiros (Torres Vedras), conduzida pelo sr. Francis dos Santos Gomes, de 24 anos, também de Arneiros.

O choque foi violentíssimo e a furgoneta, que ficou quase destruída, saiu do leito da estrada. O sr. dr. Carvalho Araujo ficou ferido na cabeça e com fractura do braço e da perna direitos; o motorista sofreu graves contusões e o sr. João Augusto Macelo, ferimentos na perna esquerda. Receberam os primeiros socorros no Hospital de Vila Franca e vieram para Lisboa numa ambulancia dos Bombeiros Voluntários daquela vila, recolhendo os dois primeiros á sala de observações do Hospital de São José.

VIDA ARTISTICA

Fernando Pinto Coelho expõe na galeria «Diário de Notícias»

Fernando Pinto Coelho colaborador do «Diário de Lisboa», chega dos Estados Unidos com uma bagagem inesperada: dezasseis telas abstractas. Levou-as á galeria «Diário de Notícias», onde há dias se encerrou a exposição de António Soares, par as expor. O certame abriu ontem, sem qualquer acto solene, com a presença de dezenas de amigos, que logo admiraram a linguagem pictórica de Fernando Pinto Coelho, pela sua agilidade e expressão.

Á pergunta que o pintor põe «Qual o quadro que prefere», as respostas foram e são diversas. O certame mantém-se aberto durante quinze dias.

Em Almada, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na Havaneza de Almada, Avenida Afonso Henriques, 9.

A' sua chegada ao aeroporto da Portela, o sr. dr. César Moreira Baptista sorri para os amigos que o aguardavam

O regresso do dr. Moreira Baptista

(Continuação da página central)

muitos aspectos da actividade do S. N. I. e é minha firme disposição procurar com a possível urgência cumprir alguns planos de que poderá resultar um notável incremento do turismo americano com destino a Portugal. O nosso País, senti-o em vários sectores, começa a interessar, cada vez mais, o turista americano, á medida em que vai sabendo das belezas naturais e da calma de viver e segurança que oferece. Os que nos têm visitado são, de resto, os nossos mais entusiastas propagandistas. Temos, no entanto, que trabalhar cada vez mais e adaptar os nossos serviços aos objectivos que pretendemos alcançar. Nesse sentido estudei o funcionamento da Casa de Portugal em Nova York e estou certo de que aquele nosso orgão de acção poderá ser dentro de prazo curto, ainda mais eficiente.

A concluir, disse:

— Regresso convencido de que consegui cumprir a missão de que o Governo me incumbiu. Quero aproveitar esta oportunidade para orgulhosamente juntar a minha voz ás dos milhões de Portugueses que estão afirmando a sua inabalável resolução de manter a integridade total e definitiva de Portugal.

Emissão das promissórias de Fomento Nacional

No gabinete do sr. ministro das Finanças, procedeu-se á assinatura de um contrato entre o Estado e o Banco de Portugal, com vista a regularizar a emissão e circulação das promissórias de Fomento Nacional, conforme está previsto no Decreto-Lei n. 42 946, de 27 de Abril de 1960.

Outorgaram em nome do Estado o titular da pasta das Finanças, prof. dr. Pinto Barbosa, e em nome do Banco, o seu vice-governador, doutor Manuel Jacinto Nunes.

Assistiu ao acto o procurador-geral da Republica, em exercício, dr. António Furtado dos Santos.

A EQUIPA B DE PORTUGAL começou hoje a sua preparação

Realizou-se esta tarde, no campo de treinos do Estádio Nacional, a primeira sessão de preparação da equipa B de Portugal, dirigida pelo seleccionador Armando Ferreira, coadjuvado pelo treinador Otto Glória.

Dos convocados, apenas não compareceu o estudante Jorge Humberto, retido em Coimbra, por motivo de exame.

Serviu de equipa treinadora a primeira categoria do Estoril Praia. Depois dos habituais exercícios de aquecimento, deu-se início ao treino de conjunto, tendo a selecção formado inicialmente com:

José Pereira; Gino, Morato e Hilário; Neto e Alfredo; C. Duarte, Yauca, Figueiredo, Rocha e Uria.

O ministro do Interior visitou a Guarda

GUARDA, 27.—Chega hoje a esta cidade, cerca das 16 horas, o ministro do Interior, sr. coronel Arnaldo Schulz, que será recebido nos Paços do Concelho, onde lhe serão dadas as boas-vindas pelo presidente da Camara Municipal, eng.º Pina Gomes. Aquele membro do Governo visitará o posto de turismo, o albergue distrital, os quartéis da G. N. R. e da P. S. P. e outras instituições, devendo apreciar á noite a iluminação da Sé Catedral. O sr. coronel Arnaldo Schulz demorar-se-á no distrito da Guarda até ao dia 30, a fim de visitar diversas localidades.

Um momento da visita do ministro sul-africano á Feira Internacional de Lisboa

A visita a Portugal do ministro da Economia da União da Africa do Sul

(Continuação da 1.ª página)

tado do Comércio, sr. dr. José Gonçalo Corrêa de Oliveira.

Na reunião participaram também o subsecretário de Estado do Comércio e Industria daquele país, sr. H. R. Kotzenberg, que tem acompanhado o dr. Diederichs numa viagem por quase toda a Europa; e o respectivo embaixador, sr. dr. Alfred Mertsch.

No decorrer da conferência, que se desenvolveu em atmosfera de grande cordialidade, o ministro português informou o seu colega da Africa do Sul acerca de pormenores respeitantes á reorganização industrial portuguesa; e o secretário de Estado do Comércio expôs a opinião do nosso Governo sobre os vários movimentos de integração económica europeia. Foram examinados, igualmente, alguns aspectos das relações comerciais entre Portugal e aquele país.

Visita à Feira Internacional de Lisboa

Após os cumprimentos de despedida naquele Ministério, o dr. Nicolas Diederichs, acompanhado dos seus subsecretário e embaixador, dirigiram-se para o Pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, onde foi recebido pelos srs. dr. Francisco Cortês Pinto, eng.º Mercier Marques e dr. Fernando Cruz, respectivamente, presidente, membro da direcção e secretário-geral da Associação Industrial Portuguesa.

No gabinete da direcção, o dr. Cortês Pinto saudou o ilustre visitante, salientando o prazer pela visita do membro do Governo de um país vizinho de Portugal em Africa e com o qual mantemos as mais amistosas relações. O ministro da Economia da Africa do Sul manifestou a sua satisfação pela oportunidade que teve em contactar com os dirigentes da A. I. P., representantes da nossa industria privada.

Aludiu também á boa colaboração entre os dois países no continente africano, e interessou-se por vários aspectos do desenvolvimento industrial português.

Seguiu-se uma minuciosa visita ás instalações da Feira, ocupadas presentemente com o Salão de Artes Domésticas, promovido pelo nosso prezado colega «O Século» e com a Exposição Nacional de Floricultura, organizada pela Camara Municipal de Lisboa. O comissário-geral da F. I. L., sr. dr. Mário Neves, que orientou esta visita, prestou vários esclarecimentos ao ministro sul-africano, que se deteve durante mais tempo na apreciação de trabalhos artísticos de vidro e tapeçaria regionais.

Depois do almoço, o dr. Diederichs visita, ás 17 horas, o ministro do Ultramar; e ás 18, o sr. Presidente do Conselho.

Às 19 horas, no Hotel Avis, receberá a Imprensa portuguesa e estrangeira, para declarações.

HOMENAGEM a Leopoldo de Almeida

Por motivo da inauguração do Padrão dos Descobrimentos, obra notável do prestigioso escultor Leopoldo de Almeida, erguido em frente ao Mosteiro dos Jerónimos, os seus inumeros amigos e admiradores ofereceram-lhe um jantar de homenagem.

Entre os seus muitos amigos encnotravam-se presentes os srs. eng. Santos Pedroso, Agostinho Fernandes, comandante Gervásio Leite, Henrique Medina, arquitecto Eugénio Correia, pintor Portela Junior e António Montês.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

SEGUNDO ANIVERSARIO DOS JACTOS

Mobil

A MOBIL que, desde a primeira hora e há mais de vinte anos, abastece em Lisboa e nos Açores as unidades da PAN AMERICAN, na data do segundo aniversário dos serviços a jacto felicita a grande companhia de aviação pelo êxito destas operações em que foi pioneira, abrindo nova era nos transportes intercontinentais.

3236

A U. R. S. S. foi avisada

do perigo das restrições nos corredores aéreos para Berlim

LONDRES, 27 — Os Estados Unidos, a França e a Grã-Bretanha advertiram a União Soviética de que qualquer tentativa para restringir a utilização dos corredores aéreos para Berlim «criará uma situação perigosa, sendo o Governo soviético o unico responsável pelas suas consequências».

Os três países entregaram ontem em Moscovo notas em resposta ás que a União Soviética lhes remeteu em 26 de Setembro nas quais eram rejeitadas as queixas formuladas pelas potências ocidentais acerca das restrições ao tráfego para Berlim, pelas autoridades da Alemanha Oriental. Consistem essas restrições, que entraram em vigor no dia 8 de Setembro, na exigência de documentos de viagem para a passagem de Berlim-Oeste para Berlim-Leste.

A nota britanica sublinha que o Governo soviético não pode abdicar, unilateralmente, das obrigações que assumiu nos tratados de 1949, que puzeram termo ao bloqueio de Berlim. A Inglaterra não reconhece a qualquer dos signatários dos tratados o direito de se libertar do estatuto das quatro potências «sem o consentimento das outras partes».

A nota rejeita a afirmação de que Berlim está situado no território da Alemanha Oriental e que o sector oriental de Berlim é a capital da Alemanha Oriental. Nega que qualquer das três potências ocidentais tenha procurado criar tensão em Berlim, e conclui dizendo que o Governo britanico continua a esperar que o Governo soviético evite a deterioração da situação em Berlim e cumpra todas as suas obrigações internacionais acerca da antiga capital alemã.— (Reuter).

16.700 europeus e muçulmanos

assassinados em Agosto pelos rebeldes argelinos

ARGEL, 27. — **Numa conferência de Imprensa, o director da Informação do Governo francês, Jacques Coup de Frejac, declarou:**

«O G. P. R. A. (Governo Provisório da Republica Argelina) pretende fazer, no próximo dia 1, 6.º aniversário da rebelião, uma jornada sangrenta. Encara as possibilidades de aumentar, sem qualquer espécie de pudor ou de vergonha, a lista das suas vítimas inocentes, que se elevavam já, no passado mês de Agosto, a 13 800 civis assassinados na Argélia (12 000 muçulmanos e 1 800 europeus) e a 2 900 abatidos na Metrópole.

E acrescentou: «Nós dizemos a esses assassinos, sem coragem ou dignidade, que fecham, assim, a porta á Nova Argélia e que o terrorismo só desacredita aqueles que o praticam».

Falou depois da ultima viagem do general De Gaulle ao sul da França, onde recebeu a aprovação das populações pela «sua política argelina». — (F. P.).

MANIFESTAÇÕES DISPERSAS PARA A PAZ NA ARGELIA

PARIS, 27. — A Polícia de Paris está hoje de prevenção para impedir que seja desrespeitada a proibição das manifestações que haviam sido marcadas para esta tarde, ás 18 horas, na Praça da Bastilha.

Brigadas de choque e guardas móveis estão prontos para acorrer a qualquer ponto da cidade, mas muitas organizações sindicais comunistas e esquerdistas convidaram os seus filiados a manifestarem-se nas fábricas e em outros locais dispersos, onde será difícil uma intervenção eficaz da Polícia.

Por outro lado, a U. N. E. F. convocou uma reunião na sua sede, em vez da manifestação publica na Bastilha, parecendo submeter-se á vontade do Governo.

A previsão meteorológica para hoje indica aguaceiros, o que poderá contribuir para desencorajar os manifestantes. — (A. N. I.).

SENADORES CATOLICOS ATACAM O COMUNICADO DO EPISCOPADO SOBRE A GUERRA DA ARGELIA

PARIS, 27. — Numa carta enviada ao cardeal Lienart, presidente da Assembleia dos Cardeais e Arcebispos Franceses, alguns católicos, que pertencem, na sua maioria, ao grupo dos independentes (centro-direita), denunciaram a «propaganda comunista que atingiu determinados círculos católicos». A propósito, referem-se «á insubmissão de grande numero de padres-operários».

Nesta carta, que comenta o recente comunicado do Episcopado acerca da guerra na Argélia, os senadores escrevem: «Sem esta acção marxista, os jovens não teriam perturbações de consciência. Além disso, a quase totalidade dos nossos soldados combatem por considerarem a Argélia terra francesa. Sabem que ao defenderem a Argélia francesa, defendem, ao mesmo tempo, o mundo livre contra a instalação de novas democracias populares».

Protestam, mais adiante, contra as insinuações do Episcopado acerca do Exército e contra a tendência de pôr em «paralelo o terrorismo que avassala a Argélia e a Metrópole, e alguns abusos inevitáveis em todas as guerras». Para terminar, dizem estar espantados com a posição da Assembleia Episcopal quanto ao futuro estatuto da Argélia, que é, escrevem, uma «questão puramente política», e afirmam que é prematuro «considerá-lo facto consumado». E concluem: «Esta carta tem apenas o objectivo de suspeitar do valor doutrinário do ensino dos nossos bisps, pelos quais professam os respeito e submissão, mas apenas para lhes permitir que precisem o seu pensamento, a fim de que numa luta política muito dura, a Igreja não seja anexada por qualquer partido político». — (F. P.).

O cessar-fogo na Argélia

preconizado pelos estados africanos da Comunidade Francesa

ABIDJAN (Costa do Marfim), 27. — Os dirigentes africanos da Comunidade Francesa, que anunciaram ontem o seu acordo unanime quanto á atitude a assumir perante a Argélia, devem estabelecer hoje, nesta cidade, segundo se espera, contactos discretos com o Governo francês e com o presidente da Tunísia, Habib Bourguiba.

Esses dirigentes revelaram acordo quanto á Argélia, sobre o antigo Congo Belga e acerca das reivindicações marroquinas a respeito da Mauritania, num comunicado emitido ontem, nesta cidade, no final da sua conferência «ao mais alto nível», que durou três dias e se realizou á porta fechada.

A conferência foi considerada de grande importancia pelo chefe do Estado da Costa do Marfim, Félix Houphouet-Boigny, haver manifestado o propósito de promover um cessar fogo na Argélia.

O problema tornou-se premente para os novos Estados independentes da Comunidade Francesa, que enfrentam a perspectiva de uma escolha embaraçosa nas Nações Unidas, entre a França e os pontos de vista dos seus vizinhos africanos. — (R.).

DE GAULLE DISCURSA NO PROXIMO DIA 4

PARIS, 27. — O presidente de Gaulle proferirá um discurso pela televisão, no dia 4 de Novembro, segundo foi hoje anunciado.

O ministro da Informação, Louis Terrenoire, recusou-se a fornecer pormenores, mas segundo círculos bem informados, de Gaulle abordará a questão argelina. — (R.).

APROVADO PELA COMISSÃO DAS CURADORIAS:

Os Estados devem preparar

para a independência os territórios não-autónomos

NOVA YORK, 27. — A Comissão de Curadorias aprovou, ontem, por 73 votos contra 0 e 9 abstenções, uma moção pedindo aos Estados-membros que administram territórios não-autónomos, que desenvolvam rápidamente os quadros administrativos e técnicos que venham a permitir a substituição do pessoal metropolitano por funcionários recrutados nos territórios.

No espírito dos seus 18 autores, esta moção visa a preparação destes territórios para a independência, de modo a que possam vir a auto-administrar-se. Contudo, o bloco soviético absteve-se na votação porque — segundo afirmou um dos seus representantes — a moção poderá servir de pretexto ás experiências administrantes para «perpetuar o regime colonial». — (F. P.).

A Inglaterra reduziu

a taxa de desconto bancário

LONDRES, 27 — A taxa de desconto bancário na Inglaterra foi reduzida de 6 para 5,5 por cento.

E' a terceira vez que a taxa é alterada este ano. Em Janeiro, foi elevada de 4 para 5 por cento. Mais tarde, em 23 de Junho, foi aumentada para 6 por cento. — (R.).

O OURO MANTEM-SE ACIMA DO PREÇO OFICIAL

LONDRES, 27 — O preço do ouro no mercado de Londres mantem-se hoje um dólar acima do preço «oficial» de 35 dólares por onça.

Os vendedores dizem que qualquer nova baixa provocará um aumento de procura, e acrescentam que não tiveram ontem dificuldades em encontrar compradores. — (R.).

O TESOURO AMERICANO E O BANCO DE INGLATERRA ESTUDAM A SITUAÇÃO

WASHINGTON, 27 — A reunião do secretário do Tesouro, Robert Anderson, com o director do Banco da Inglaterra, Maurice Parson, teve por fim «trocar pontos de vista sobre assuntos de interesse mutuo» e não mereceu qualquer comentário mais pormenorizado do informador da Secretaria do Tesouro.

Entretanto, nos círculos financeiros afirma-se que a reunião teve por fim estudar a especulação com os preços do oiro.

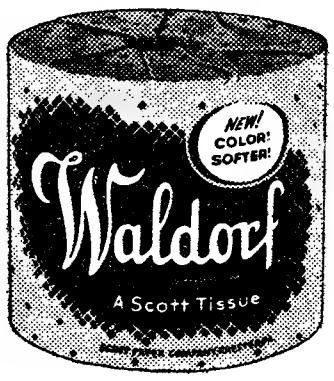
Nega-se, em Washington, que os Estados Unidos tenham pedido aos bancos emissores de países europeus para não intensificarem as suas compras de oiro. — (A. N. I.).

AGORA!

a incomparável qualidade

WALDORF

ao preço dos papéis higiénicos vulgares



(Marca registada)

6$50 650 folhas

WALDORF é um papel higiénico de suavidade diferente. A venda em quatro deliciosos tons de amarelo, rosa, branco e verde-mar. A sua nova textura «Almofadada» significa mais suavidade, resistência e absorção.

Outros produtos da SCOTT: toalhas, guardanapos e lenços de papel.

Nixon e Kennedy

de novo na TV

(Continuação da 1.ª página)

presença na cidade, atraiu uma multidão considerável.

Uma sondagem da opinião publica, efectuada pelo «Detroit News», dá 53 por cento dos votos do Estado de Michigan, ao senador, contra 46 favoráveis a Richard Nixon. O desemprego, neste Estado, ultrapassa a média normal de 5,7 por cento da população activa e Kennedy, disse, nomeadamente: «Não podemos encarar o futuro com confiança quando 20 por cento da nossa capacidade industrial se encontra adormecida e quando mais de 5 por cento do operariado está desempregado. E essa percentagem é ainda mais elevada nas grandes cidades industriais — Detroit, Pittsburgh, Fort Worth, San Diego e Seattle». Kennedy disse, a concluir: «O partido republicano é o partido do passado, da lembrança, do «statu quo».

O vice-presidente Nixon visita hoje esta cidade. — (F. P.).

125 000 PESSOAS APLAUDIRAM NIXON

MARION (Ohio), 27. — O vice-presidente Nixon foi, ontem aclamado pela maior multidão que jamais o acolheu durante a sua campanha eleitoral.

Os 125 000 habitantes da cidade de Columbus comprimiram-se em volta do Capitólio onde o candidato republicano usou da palavra. De Columbus seguiu para Middletown onde acusou Dean Acheson, secretário de Estado do presidente Truman, de ter provocado a guerra da Coreia «ao afirmar encontrar-se aquele país fora do perímetro de defesa dos Estados Unidos».

«Queremos um homem e não um símbolo na Casa Branca» — dizia um dos cartazes hostis ao senador Kennedy enquanto num outro se podia ler: «Kennedy pai abandonou a Inglaterra; Kennedy filho quer abandonar Quemoy». (Joseph Kennedy, pai do candidato democrático, foi embaixador dos Estados Unidos, em Londres, durante a ultima guerra). — (F. P.).

NOVO ENCONTRO NIXON-KENNEDY NA TV

NEWARK (Nova Jersey), 27. — «O quinto debate entre Nixon e Kennedy na Televisão deverá abranger uma discussão sobre toda a política externa norte-americana e não apenas sobre o caso de Cuba» — afirmou Thruston Morton, presidente da Comissão Nacional Republicana.

Os representantes dos dois candidatos estão a preparar o novo debate, tendo Nixon proposto que a discussão se limite á questão cubana.

«A menos que o debate decorra, livremente, sobre toda a política externa, não será produtivo» — disse Morton. — (A. N. I.).

Peles DAVID KIT

APRESENTA AMANHÃ ÀS 18.30 EM «FIM DE TARDE» NO CINEMA

IMPÉRIO

UMA GRANDIOSA PASSAGEM DE MODELOS DA SUA VALIOSA COLECÇÃO DE PELES.

Na Amadora, o «Diário de Lisboa» vende-se no Bazar Bebe, Avenida Gago Coutinho, 1-C.

PESADELO ENTRE FLORES

FOLHETIM SEMANAL do Diario de Lisbôa

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES—O dr. Brian Keilly, ao visitar o prof. Berigan, foi encontrá-lo morto no jardim da sua residência. Três meses depois casava-se com a filha mais nova do professor, Iris, a quem tratara carinhosamente quando lhe morrera o pai. Iris tinha uma irmã, Dee, que habitava na vivenda próxima da do jovem casal Dee, ao contrário de Iris, que seguiu as pisadas do pai, não gostava de flores e plantas, excepto de umas que tinha guardadas no quarto. Entretanto, deu-se pela falta de um periquito que Iris estimava muito e cuja fuga atribuiu ao jardineiro Olson. Este não gostava do pássaro e, embora negando a sua responsabilidade, tomou atitudes que despertaram graves suspeitas da parte do dr. Keilly. No dia seguinte, o cão de Iris desapareceu também, no jardim. O dr. Keilly preparava-se para ter uma explicação com o velho jardineiro, mas este deixara a casa.

17

CAPÍTULO IV

Regressei a casa, com o cérebro a trabalhar afanosamente sobre os multiplos detalhes de todo o mistério. Não conseguia esquecer aquelas plantas canibais e recordava os meus anos de estudante, quando era aluno do professor Berigan. Esse tipo de planta interessava-o acima de todos os outros. Estava certo disso.

Atirei um olhar para o quarto. Iris dormia, lembrando uma criança, com os seus cabelos loiros espalhados sobre o travesseiro. De vez em quando sacudia-a um leve soluço. Talvez sonhasse com o pai, com o cão e com o periquito.

«Sou tudo quanto lhe resta» pensei.

E de subito esse pensamento causou-me um calafrio de mau presságio.

Haveria alguém que odiasse a minha mulher a ponto de lhe invejar a mais pequena parcela de felicidade? Dee?

Achei que aquela casa com o seu jardim estranho estavam a bulir-me com os nervos.

18

Na biblioteca do professor, procurei os tratados sobre plantas canibais. Encontrei várias prateleiras pejadas desses tratados, muitos deles apresentando sinais de repetidas leituras. Alguns dos volumes tinham sido impressos e encadernados há mais de um século. A custo, palavra por palavra, pois o meu latim já estava muito enferrujado, traduzi uma passagem de Von Lehming, 1846, intitulado simplesmente: Experiências. Havia muitos livros versando sobre experiências com espécies destas flores canibais.

Quando pus de lado os velhos tomos e olhei em torno da biblioteca, senti-me como se estivesse num mundo estranho e terrível como só a Idade Média conheceu.

A luz entrava pelas janelas. Passara a noite toda a ler, mas conquanto me esforçasse por sacudir de mim tal ideia, a própria luz do sol tinha naquela manhã um brilho irreal de açafrão.

Pé ante pé fui para o meu quarto. Iris continuava a dormir sob a acção do calmante.

Saí silenciosamente de casa.

Passei de novo pelo barracão do jardineiro, bati e chamei. Não obtive resposta. Forcei a fechadura e entrei no aposento onde Olson vivera durante os ultimos vinte anos. Era evidente que o homem batera uma retirada precipitada, pois nem mesmo chegara a levar todos os seus pertences.

Fechei a porta do barracão e retirei-me.

Atravessei o jardim e a selva de plantas exóticas. Por um instinto um tanto ou quanto infantil, mantinha-me mesmo ao meio do carreiro, pois não conseguia afastar da memória as terríveis experiências que lera naquela noite. Mas nem mesmo o dr. J. A. Sarracin, que deu o nome ás oito espécies de Sarracenias conhecidas, mencionara planta tão grande como aquela que eu vira na véspera á noite, quando andava na companhia da minha cunhada.

Ainda podia sentir na face, o roçar dos tentáculos sedosos e a excreção líquida que me escorrera pelo rosto. Após uma busca, consegui descobrir donde vinha o cheiro a pobre que se exalava do

19

paul. Provinha dos corpos dos insectos e animais que deslizam ao longo das cerdas viscosas e se afogam no ácido das plantas assassinas. Nenhum deles consegue libertar-se daqueles implacáveis *chevaux-de-prise* de dentes vidrosos e apontados para baixo. E em certas espécies europeias, parece ter-se formado dentro daquelas folhas encapuchadas um autêntico processo digestivo.

Bati á porta das traseiras da vivenda de Dee. Ela trajava um «tailleur» simples, e preparava-se aparentemente para partir para o escritório. Reparei que ela vinha do quarto onde guardava as plantas canibais. Fechou a porta cuidadosamente antes de me vir receber.

— Que se passa Brian? A Iris não está melhor? Está com um aspecto horrível

— Estive toda a noite a ler. A ler sobre as plantas... como essas que você tem cá em casa.

— Toda a noite? Não acha que se está a fatigar demasiadamente, Brian?

— Pensa que sim? Em 1846, houve um dr. von Lehming que também trabalhou demasiadamente. Imagine que cultivou uma «Cephalotus» que devorou e digeriu um cão pequeno.

Dee franziu o sobrolho e voltou o rosto para o lado.

— Esteve a ler os livros do papá sobre as experiências realizadas com plantas, não foi? — Apanhou a bolsa e abriu-a com ar preocupado.

— E porque não? Eu não devia saber que o seu pai andava a trabalhar nessas plantas canibais quando faleceu?

— Mas aí é que se engana. Ele já pusera de parte essas experiências.

— Porque diz isso? As plantas continuavam vivas. Você mudou-se para aqui. Contou-me que não estava nada interessada, e no entanto até você própria cultiva dessas plantas em casa.

Dee olhou involuntáriamente para o quarto de cultura.

—Foi o papá quem me pediu que olhasse por elas. Tratava-se de exemplares muito raros do trabalho que ele estivera a realizar e que abandonara. Pareceu-me decente obedecer-lhe ás suas ultimas vontades.

20

*

— E que me diz daquela planta no paul? E' maior que a orelha de um elefante adulto. Acha que não será capaz de devorar um ser maior que uma mosca?

— Penso que o papá cultivou certas plantas há anos, que já lá vão há muito. Mas perdeu o interesse por elas. Mudei-me para aqui para não ter de ouvir falar de flores de manhã á noite. Já com a Iris, não se passava a mesma coisa.

Procurei ler-lhe nos olhos a verdade que se ocultava no seu cérebro. Mas começava a sentir-me confuso pela atracção magnética que se irradiava daquela mulher. Tinha de sair dali quanto antes.

Já estava na porta quando a sua voz me deteve.

— Brian. Encontrou o «Jacto»?

Voltei-me e enfrentei o seu olhar.

— Não. Crê que o poderia ter encontrado?

Não conseguiu suster o meu olhar e curvou a cabeça.

Saí, amaldiçoando-me por me ter embrulhado em toda aquela sórdida história. Recordei o dia em que galgara o muro, o dia em que Iris gritara ao lado do corpo do pai.

Que teria significado aquela expressão de pavor nos olhos do professor? O que o teria aterrorizado tanto no próprio jardim da sua casa?

Já não me sentia tão ás escuras. O prof. Berigan morrera de choque. A morte fora originada por alguma coisa que ele vira ou ouvira.

Lembrei-me de que pai e filha não estavam no carreiro quando Olson e eu os descobrimos, mas sim ao lado dele. Nunca me ocorrera procurar quaisquer sinais de luta. E no entanto, havia uma tensão eléctrica de luta na atmosfera.

Atravessei rápidamente o jardim, recordado de ter descoberto penas do periquito exactamente no mesmo local. E não avistara Olson debruçado sobre qualquer coisa nessa mesma noite, e não fugira ele ao sentir-me aproximar? Negara ter estado no jardim, quando o interrogara na manhã seguinte.

21

Não tardei a descobrir o local onde o prof. Berigan caíra. Ajoelhei-me no carreiro, á procura de um indício que nem eu mesmo sabia qual poderia ser.

Havia ali seixos colocados de fresco. Saí do carreiro, ainda de gatas.

Vi a impressão de um salto de sapato na terra fofa. Avancei e descobri nova impressão. Tinha a certeza de que aquele rasto fora ali deixado na noite em que Olson fugira ao ouvir a minha voz.

Só havia ali uma coisa errada. E' que aquele rasto não fora feito pelos sapatos de um homem.

Senti qualquer coisa a fazer-me cócegas no pescoço. Pensando ser um insecto, dei-lhe uma palmada.

Algo enrolou-se em torno do meu pulso, num movimento de giboia.

Mergulhei para trás.

— Brian! Cuidado!

Libertei-me daquela tira peluda. Toda a sebe parecia tremer.

Iris aproximou-se de mim a correr.

— Tem cuidado, Brian. Essa é uma das plantas canibais que o papá plantou aqui quando eu era miuda. Durante muitos anos, ele alimentou-a com um nutritivo especial. O papá, certo dia, disse a Olson, que cortasse a planta, mas Olson nunca o fez.

— Pois bem, encarrego-me eu disso — respondi, procurando dar á voz um tom natural. Dirigi-me ao telheiro onde se guardavam as ferramentas de jardinagem e voltei, empunhando uma pequena machada.

Ajoelhei-me, procurei o caule da flor canibal e desferi o machado com toda a força.

A planta veio abaixo, derramando quase que um galão de líquido mal cheiroso, cheio de insectos.

Ficámos a ver as penas verdes do periquito a serem levadas pelo líquido nauseabundo. Iris soltou um soluço, mas eu não olhei para ela.

(Continua)

REUNIÃO
dos presidentes
das câmaras de Évora

ÉVORA, 27 *(Pelo telefone)*—Com o sr. governador civil do distrito, reuniram-se hoje todos os presidentes das camaras municipais para tratar de assuntos relacionados com a Comissão de Obras Publicas do Alentejo. Analisaram-se as obras mais necessárias para benefício de várias regiões alentejanas.

Fazendas inglesas e nacionais
A maior selecção de padrões e qualidades
JACOME BELÉM DA SILVA
R. Gonçalves Crespo, 33-1.º Esq.
(Esquina Conde Redondo)

Francês
Na baixa, Parisienne, lic. Letras dá lições grupos e indiv. Método moderno. Já exerceu em Paris com êxito. Resultados rápidos. T. 30416.

FOTOCÓPIAS
CÓPIAS DE DESENHOS
Com perfeição e rapidez executam-se na Firma RUI FRANCO
RUA DA PALMA, 159-1.º-DT.
TEL. 86.1956
Manda a casa do cliente

HIPOTECAS
Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.
A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Tel. 24446

TECIDOS DE LÃ PARA SENHORA
Vendem-se três cortes pelo preço de um. R. da Palma, 284-1.º-D.

PRÉDIOS
MORADIAS
QUINTAS
VENDEM-SE
HIPOTECAS
Temos capital para 1.as hipotecas, em Lisboa e arredores.
Transacções rápidas
ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES
COBRANÇA DE RENDAS
Secção especial que trata do serviço geral de administração de prédios com assistência nas Repartições e Camaras
LIMPEZAS E REPARAÇÕES
JOSÉ SANTOS, LDA.
CASA FUNDADA EM 1929
RUA DOS CORREEIROS, 101, 1.º
Telefs. 27616 30707 - 32662
LISBOA PORTUGAL

CAMIONETAS
Pesagens até 30 t. ou reparações de balanças, p. todos os fins. R. Maria Pia, 624 — Ao Arco do Carvalhão.

O I SALÃO
de Decoração e Antiguidades
Vai efectuar-se, a partir do próximo dia 11 de Novembro, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma exposição digna do maior interesse para o publico da capital. Pela primeira vez entre nós se reunirá na vasta sala da Rua Barata Salgueiro uma série de elementos valiosos na decoração doméstica, ao lado de preciosas colecções particulares, que nunca foi possível ver reunidas.
Não se trata de uma exposição-museu, mas da casa viva que qualquer de nós podia habitar.
Promove esta exposição a comissão de senhoras que realizaram há dois anos a «Exposição da mesa através dos tempos» que tanto êxito alcançou.
Esta realização tem por finalidade a angariação de fundos destinados ao Centro de Assistência á Maternidade e á Infancia, fundado pela sr.ª D. Sofia Abecassis e que continua a prestar a todas as mães e crianças da Freguesia de St.ª Isabel o apoio e ajuda necessários, como instituição modelar no género.
A exposição estará aberta durante quinze dias a partir daquela data.

Reclamações locais
Venda do Pinheiro continua sem estação de correio
VENDA DO PINHEIRO, 27 — Vai para dois anos que os C. T. T. oficiaram ao «Diário de Lisboa», a informar, em resposta a uma local do nosso jornal, que havia sido criada a estação dos C. T. T. nesta localidade. Há muito tempo também que o presidente da Camara Municipal e a Junta de Turismo de Mafra oficiaram ao correio-mor, a informar que várias pessoas estavam interessadas tanto na adaptação de um edifício como na sua construção, segundo as normas que os C. T. T. exigem para as referidas instalações.
Pergunta-se: haverá alguma razão especial que obste á realização do projecto?

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto,
ANIBAL - Gravador
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

BASQUETEBOL

Ginásio e Carnide

únicos vencedores

da ronda inicial da 1.ª Divisão

Iniciou-se ontem á noite, mais um campeonato regional — o da 1.ª Divisão, com a participação de oito equipas, entre as quais a do Atlético que baixara de divisão. O mau tempo prejudicou a realização de alguns jogos, ficando, portanto, por se efectuar os encontros entre o Sacavenense e o Técnico e o Queluz e o Oriental. Jornada incompleta que vem afirmar, a necessidade de os encontros se efectuarem em recintos cobertos. Há que rever, assim, decisões já tomadas.

Lisboa Ginásio, 54-Atlético, 26

Jogo no ginásio do Técnico. Arbitros: F. Moita e J. Vidal. As equipas alinharam e marcaram:

LISBOA GINÁSIO — Barata, 2; M. Silva, 16; Lourenço, 10; Gaspar, 11; Amaral, 8 «ex-Tabacos»; Ramos, 7 (ex-Boa Hora).

ATLÉTICO—C. Ferreira, 6; Jordan, 4; Lopes, 5; A. Martins, 7; A. Sousa, 4; Jacinto e Ramiro.

Ao intervalo: 26-8 a favor do vencedor.

Os ginasistas não tiveram dificuldades perante os Alcantarenses, pois logo de início subiram no marcador com relativa facilidade. O Atlético não se adaptou ao ritmo da partida e acumulou erros fatais na defesa do seu cesto. No segundo tempo os Alcantarenses apesar de melhorarem a feitura do seu jogo não chegaram a perturbar os ginasistas.

Sp. de Torres, 40-Carnide, 46

Jogo em Torres Vedras. Arbitros: A. Resende e M. Gameiro. As equipas alinharam e marcaram:

SPORTING DE TORRES — Herminio, 7; Mota, 17; Aquilino, 12; Passos, 2; Galvão, 2; Cláudio, Santos e Jaime.

CARNIDE — Rui, 9; Azeitona, 4; Cruzeiro, 15; Martins, 11; Carvalho, 2; Carlos, 2.

Ao intervalo: 19-21 a favor dos vencedores.

Partida disputada com equilibrio. Todavia, os árbitros tiveram de ser enérgicos para reprimir jogadas duras. Registaram-se três desclassificações de jogadores (Hermínio, Aquilino e Cláudio). O Carnide mercê do seu melhor poder de encestamento pôde obter um triunfo que não lhe fica, porém, mal.

PORTUGAL

empatado com a India

nas Olimpíadas de Xadrez

LEIPZIG, 27 — Ontem, no final da 9.ª jornada das Olimpíadas de Xadrez, a classificação geral do grupo «B» era a seguinte:

U. R. S. S., 32 pontos; Argentina, 25; Holanda, 22,5 (1 partida adiada); Polónia, 21,5; Austria, 18; India, 14,5; PORTUGAL, 14,5; Filipinas, 13,5; Itália, 12; e Mónaco, 3,5. (1). — (F. P.).

O Lisboa Ginásio

comemora o seu 42 aniversário

O Lisboa Ginásio Clube, que devotadamente vem trabalhando em prol da ginástica em Portugal, completa, no próximo dia 4 de Novembro, o seu 42.º aniversário.

Para comemorar esta data festiva realiza-se naquele dia, um banquete que, como já é tradicional, constituirá um acto marcante na vida do velho clube da Rua dos Anjos.

No dia imediato realizar-se-á na sede uma sessão solene, para a qual estão convidadas altas individualidades ligadas á educação física perante as quais se procederá á entrega das medalhas e taças conquistadas na época finda e dos emblemas oferecidos aos sócios que completaram 25 anos de inscrição no clube. Seguir-se-lhe-á um baile com traje de rigor, podendo desde já ser feita a marcação de lugares na secretaria.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

FUTEBOL EM WEMBLEY

A vitória dos ingleses

sobre os espanhois (4-2)

largamente saudada

LONDRES, 27—A Imprensa desportiva britanica sauda hoje, com grande entusiasmo, a selecção de futebol da Inglaterra, que ontem derrotou a da Espanha por 4-2, no Estádio de Wembley, perante mais de oitenta mil espectadores.

«Oh! Agora podemos ganhar a «Taça do Mundo» e uma vez mais estamos em posição de podermos afirmar com orgulho que somos os *mestres do futebol*—frisa Desmond Hackett, no «Daily Express».—Desta feita não se registou o mínimo deslise na constituição da equipa nacional, que ontem realizou um grande encontro, vencendo a Espanha por margem de duas bolas».

O crítico do «Daily Mail», John Camkin, escreve: «Os componentes da selecção britanica exibiram-se ontem em grande plano. Mostraram aos Espanhois como se joga o futebol e que os Ingleses também sabem ganhar. Apenas a forma estupenda do guarda-redes espanhol, Ramallets, que teve defesas colossais e verdadeiramente extraordinárias, privou a Inglaterra de uma vitória com margem de três, quatro ou mais golos».

Outro redactor desportivo, Peter Lorenzo, do «Daily Sketch», acha que os jogadores ingleses «fizeram ontem reviver, no Estádio de Wembley, os tempos áureos do futebol britanico». «Bravo, rapazes!» — acrescenta.

«A selecção da Inglaterra — diz Bill Holden, do «Daily Mirror» — cobriu-se de glória e anulou por completo os desesperados esforços dos Espanhois para vencerem. Podem contar com mais uma vitória no desafio a disputar no dia 23 de Novembro, contra o País de Gales, rapazes!».

Por seu turno, Stratton Smith, do «Daily Sketch», salienta: «Dois minutos antes de terminar o encontro ouvi o publico gritar *Olé*, como prémio das magníficas jogadas realizadas pelos Ingleses!». — (A. N. I.).

HOJE À NOITE

ANIVERSÁRIO (26.º)—Do Sport Lisboa e Lapa: sessão solene, ás 21 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato Regional da 2.ª Divisão: Ateneu-Combatentes (3.ª, 2.ª e 1.ª categorias), no campo do primeiro, respectivamente ás 21 e 22, e ás 23 horas; Maria Pia-Universitário (1.ª e 2.ª categorias) em S. Gens, respectivamente ás 21 e 30 e ás 22 e 30 horas.

HOQUEI EM PATINS — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Sintra-Campo de Ourique, no rinque do primeiro, ás 22 horas.

RAGUEBI — Na sede da F. P. R., ás 21 e 30, sorteio do «Troféu António Valente».

TÉNIS DE MESA — «Taça Imprensa» (seniores): Ávila A-Benfica A, Benfica E-Arroios A, Benfica F-Centro Católico, Arroios A-Amoreiras B-Ávila C-Ávila B, Arroios B-Benfica G, Benfica B-Sporting e Benfica H-Benfica C, nas salas dos primeiros, ás 21 e 30 horas.

LANCES LIVRES

■ **Três elementos sportinguistas — Fernando Garranha, Abilio Ascenço e J. Santos — devem em breve voltar á equipa de honra do campeão nacional. O Sporting, representante de Portugal na «Taça dos Campeões Europeus», que tem já fixada as datas das eliminatórias, não descura a sua preparação.**

■ **O sorteio da «Taça dos Campeões Europeus», efectuado em Munique, na sede da F. I. B. A. pôs frente ao grupo «deonino», a equipa belga do «Auter Basket Club» de Antuérpia. E' curioso registar que alguns elementos desta equipa estiveram já em Lisboa aquando do Portugal-Bélgica. Se os «deões» vencerem esta eliminatória, o que em princípio é provável, terão que enfrentar, então, o campeão da Suécia ou Jugoslávia, que disputam entre si outra eliminatória.**

■ **A Académica de Coimbra, campeão nacional feminino, e que há tempos pedira autorização á Direcção-Geral dos Desportos para participar na «Taça dos Campeões», enfrentará a forte equipa da França, representada pelo P. U. C., de Paris, actual detentor da taça. A primeira partida disputar-se-á em Coimbra.**

■ **A Comissão Central dos Juizes de Basquetebol, dentro em breve publicará as lições-palestras proferidas pelo técnico francês René David, que há tempos esteve entre nós. Desta maneira, a Comissão Central, dá mais um passo em frente para oferecer aos seus filiados, réais possibilidades de progresso.**

Os campeões nacionais de Patinagem

são todos do Benfica

único clube que concorreu à competição

Terminaram, ontem á noite os campeonatos nacionais de patinagem artística, realizados no Pavilhão dos Desportos e em que participaram apenas patinadores do Benfica, em numero de 13.

*

A sessão de encerramento foi presidida pelo sr. dr. Ayala Botto, em representação do sr. director-geral dos Desportos. Pela Federação de Patinagem esteve o sr. Horácio Cunha, que no final, proferiu um interessante improviso focando a importancia da patinagem artística e a necessidade de surgirem novos praticantes em outros clubes da nomeada do Benfica.

O juri era constituído pelos srs. Mafra Mendes, que presidiu; Dias Brito e António Merca.

*

Antes de ser conhecida a classificação final, todos os patinadores concorrentes se exibiram num agradável «show» de patinagem. O publico gostou, aplaudiu e exteriorizou a sua satisfação pelo ecletismo do seu clube.

*

Depois, veio a classificação e a aposição das faixas de campeões aos vencedores, acto de que se encarregou o sr. dr. Ayala Botto.

Eis a classificação:

Seniores — 1.º, José Candido Moreira Alves, 795,7 pontos; 2.º, Carlos Fernando Enes de Carvalho, 789,3.

Juniores — Dina Maria Branco Nogueira (unica concorrente), 343,3.

Principiantes — José João (unico concorrente), 153,6. Meninas: 1.ª, Maria Luísa Lourenço Delgado, 150,2; 2.ª, Maria de Lourdes Freitas Henriques, 147,4; 3.ª, Maria Judite Gomes, 139; 4.ª, Dinah de Almeida Graça, 133,5.

Infantis — 1.ª, Isabel Maria Cruz do Carmo Gabriel, 208,1; 2.ª, Maria da Graça Melício Sequeira, 201; 3.ª, Eugénia Maria da Costa Correia, 193,1; 4.ª, Fernanda da Liberdade Queirós Pinto, 192; 5.ª, Isabel Monteiro de Almeida, 178,9.

Campeonato nacional da segunda divisão de hóquei em patins

Prosseguiu, ontem á noite, o campeonato nacional de hóquei em patins, com os encontros cujos resultados anotamos, a seguir:

ZONA NORTE

Académico-Vianense	11-2
Ac. Braga-E. Física	3-4
Esc. Livre-Carvalhos	2-3

ZONA SUL

Mundet-Oeiras	3-1
Lisgás-Ouriense	3-1
Sp. Tomar-F. Benfica	adiado

As classificações gerais ficaram assim estabelecidas:

ZONA NORTE

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Carvalhos	7	5	1	1	26-23	18
Académico	7	5	—	2	37-19	17
Esc. Livre	7	3	2	2	27-22	15
Ac. Braga	7	1	2	5	20-31	12
Ed. Física	7	1	2	4	16-30	11
Vianense	7	1	2	4	20-32	11

ZONA SUL

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Mundet	8	6	—	2	46-24	20
C. U. P.	7	5	—	2	39-19	17
Oeiras	7	5	—	2	28-19	17
F. Benfica	7	4	—	3	25-28	15
Lisgás	8	3	—	5	23-30	14
Spt. Tomar	7	2	—	5	26-40	11
Ouriense	7	1	—	6	17-44	10

Treino da selecção nacional

Efectuou-se ontem á tarde, novo treino da selecção nacional, com vista á Taça Latina, a disputar nos dias 4, 5 e 6 de Novembro em Nantes.

Orientou a sessão o seleccionador nacional, sr. António Raio, e compareceram os seguintes jogadores: *C. Ouriense* — Luís Alves, Vaz Guedes e Bernardino. *Sintra* — João Henriques que substituiu Vítor Domingos; Pompílio, Rui Faria e Vítor Santos. *Benfica* — Urgeiro, Livramento e Jorge. *F. C. Porto* — Brito. *Infante Sagres* — Rendeiro. *T. Arcos* — Virgílio e Carlos Alberto. *Sporting* — Manuel da Ponte. *C. U. P.* — José António.

Faltou Mário Lopes, do Benfica.

Na primeira parte do treino defrontaram-se duas equipas assim constituídas:

Equipa A — J. Henrique Bernardino, Urgeiro, José António e Manuel da Ponte.

Equipa B — Luís Alves, Vaz Guedes, Virgílio Pompílio e Rui Faria. Na segunda parte do treino, defrontaram-se os seguintes jogadores:

Equipa A — Brito Jorge, Rendeiro, Livramento e Vítor Santos.

Equipa B — J. Henrique, Urgeiro, Virgílio M. Ponte e José António.

O treino decorreu com interesse, sendo evidente a boa forma do «cinco» campeão da Europa de juniores, o qual como se verifica, constituiu a equipa A da segunda parte do entreinamento.

Casos e *figuras*

do desporto mundial

A Cidade Desportiva do Real Madrid é uma obra de grande envergadura de que muito, justamente, se pode orgulhar o desporto espanhol. Encontra-se situada no fim da Avenida do Generalíssimo e ocupa uma extensão total de dois milhões de pés quadrados.

São surpreendentes as instalações de ténis. Desde o «chalet», dotado de restaurante, bar, vestiários, sala de baile, amplos salões e terraços até aos «courts» dos melhores de Espanha, um dos quais com capacidade para 4500 espectadores.

Mas, além dos «courts» de ténis, que já foram abertos, esta cidade desportiva conta com três campos de futebol — um relvado e os outros pelados, destinados ás equipas de amadores e juvenis —, cinco magníficos campos de basquetebol e um de voleibol, rinque de patinagem, ginásio, apetrechado com os mais modernos aparelhos, banhos finlandeses, parque infantil e, ainda, três piscinas, além de uma outra para garotada.

Nesta importantíssima obra, estão, presentemente, a trabalhar, em vários turnos, mais de cento e cinquenta operários distribuidos pelas várias instalações.

*

A americana Wilma Rudolph foi, sem duvida, a atleta feminina mais em evidência nos ultimos Jogos Olímpicos. Com efeito, conquistando três medalhas em Roma, Wilma atraiu as atenções gerais. Apesar disso, porém, só principiou a andar aos 8 anos de idade, por ter adoecido, gravemente, aos 4 anos, com uma pneumonia dupla, seguida de escarlatina, que lhe colheu, por completo, uma das pernas.

O trabalho de recuperação foi longo. O facto, porém, é que, hoje, com 20 anos, Wilma Rudolph é a mulher mais rápida do Mundo. Corre os 100 metros em 11 segundos; e os 200 metros em 24 segundos, conseguindo marcas que muitos homens não desdenhariam atingir.

Mas este caso não é virgem. Ray Ewry, por exemplo, que chegou a ser campeão olímpico de saltos sem balanço, modalidade já abolida dos Jogos Olímpicos, chegou a estar retido numa cadeira de rodas, parecendo condenado a passar o resto da vida nessa situação.

Embora ensaiasse, a certa altura, alguns passos hesitantes, o médico assegurava que nunca iria mais além. Ray, porém, animado de uma força de vontade sem limites, aproveitava os momentos em que se encontrava sózinho para dar pequenos pulos. Até que um dia saltou sobre um cordão colocado a metro e meio.

Foi o princípio de uma carreira fulgurante, durante a qual conseguiu um «palmarés» nunca igualado: conquistou nove medalhas de ouro em provas singulares.

*

Muitos têm sido os atletas que o cinema tentou até hoje. Recordamos, de momento, os casos de Sonia Henie, campeã olímpica de patinagem artística, John Weissmuller, o famoso «Tarzan», campeão de natação, Bob Mathias, campeão olímpico de atletismo e Esther Williams, a estrela de cinema que, no desporto, se consagrou á natação, onde muito se distinguiu.

Tendo nascido em Los Angeles, Califórnia, cedo se interessou pela natação. Assim, aos 8 anos, era já assídua frequentadora das piscinas, trabalhando em troca de lições de natação.

Até que, aos 15 anos, ingressou no Los Angeles Atletic Club, vencendo, dois anos depois, o campeonato dos Estados Unidos.

Logo começaram a surgir convites para o cinema, tanto mais que além de excelente nadadora, Esther Williams era uma bonita rapariga.

O C. D. C. P.

inaugura as suas actividades

Com a apresentação das equipas de ténis de mesa e de hóquei em patins, a entrega de medalhas ganhas em campeonatos e a realização de encontros de ténis de mesa entre os antigos e actuais infantis, vai o Centro D. Católico de Portugal inaugurar a nova época de actividades, depois de um período de renovação e beneficiação das instalações.

Realizar-se-á, também, uma pequena festa a cargo dos serviços culturais do Centro e uma reunião de camaradagem para a qual são convidados todos os associados e suas famílias. A reunião foi marcada para hoje, ás 21 e 30 horas.

O «Dia do Atlético»

é no próximo domingo

A direcção do Atlético decidiu aproveitar o desafio do próximo domingo, entre o Atlético e o Benfica para estabelecer o «Dia do Atlético».

Stilbépan

UM ÊXITO MUNDIAL

Stilbépan, tónico capilar biológico, é sem dúvida o melhor meio, até agora descoberto, para combater a perda do cabelo, a caspa e o embranquecimento prematuro. **Stilbépan**, dá vida ao cabelo.

STILBÉPAN

Loção à base de Hormonas e Vitamina B - Pantoténica

PARA HOMENS E SENHORAS

PRODUTO HOLANDÊS

SOLACA

LISBOA - RUA DE S. JOSÉ, 155-1.º

PORTO - RUA DA ALEGRIA, 171-2.º

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa», de 27 de Outubro de 1930: «Constituiu um verdadeiro acontecimento a primeira Exposição Nacional do Trigo que o Chefe do Estado ontem inaugurou no Instituto Superior de Agronomia. Depois de ter falado o sr. ministro da Agricultura, o ilustre lavrador sr. dr. Emílio Infante pronunciou um discurso em que começou por saudar a Imprensa e, em especial, o «Diário de Lisboa» pela sua iniciativa da Campanha do Trigo».

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc/s. — Às 17, A Casa e o Mundo; 17 e 30, Cançonetas; 17 e 45, Orquestras ligeiras; 18, Noticiário; 18 e 10, Musica de dança; 19, Musica popular portuguesa pelo rancho folclórico de S. Simão da Junqueira; 19 e 10, Programa pelo Sexteto de Artistas Cegos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30, Programa da Mocidade Portuguesa; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Melodias; 20 e 30, Cançonetas portuguesas; 20 e 45, Orquestras ligeiras; 21, Noticiário — Comentário; 21 e 20, Interpretações de Johnny Costa; 21 e 30, Vinte minutos com Ana Maria e o conjunto Jorge Machado; 21 e 50, Palestra da série «Defesa da Língua Portuguesa»; 22, Concerto ligeiro; 22 e 30, Os grandes momentos da história do Mundo; 23, Musica de dança; 23 e 45, Noticiário; 24, Encerramento.

Programa «B» — 597 m. — 755 kc/s. — Às 19, Intérpretes musicais; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Festival de Schwetzingen de 1960 — Concerto pelo Quarteto Italiano: Quarteto de cordas n.º 7 em fá menor (Donizetti) e Quarteto n.º 1 op 7 (Bela Bartok); 21, Noticiário — Comentário; 21 e 30, Recital pela pianista Tania Achot; 21 e 50, Três lieder de Hugo Wolf, por Dietrich Fischer-Dieskau; 22, Horizonte, revista de letras e artes, dirigido por Domingos Mascarenhas; 22 e 30, Musica contemporânea — obras de Stravinsky; 23 e 45, Noticiário; 24, Encerramento.

RADIO CLUBE — Às 19, Variedades; 20 e 20, Solistas; 21 e 45, Orquestras; 22, Hot Clube; 22 e 30, Curso de língua inglesa; 22 e 40, Imagens por musica; 23 e 30, Ritmos de baile; 23 e 45, Noticiário; 2, Noticiário; 2 e 30, Fecho.

Estação de Miramar — Às 17 e 55, Reabertura; 18 e 15 Musica regional portuguesa; 18 e 30, Ritmos de baile; 19 e 15, Intermédio musical; 20, Boletim informativo; 20 e 30, América Latina; 21, Noticiário; 21 e 15, Cançonetas; 21 e 30, Motivos portugueses; 21 e 45, Programa jazz; 22 e 15, Programa leitura; 22 e 45, Melodias; 23, Rua Larga; 23 e 30, Trechos recreativos; 0, Ritmos de baile; 0 e 28, Sumário; 0 e 30, Fecho.

RADIO UNIVERSIDADE — Às 18 Marcha — Anuncio de abertura — Resumo do programa; 18 e 2, Viagem musical; 18 e 20, Discos pedidos; 18 e 40, Noticiário; 18 e 45, Vozes e canções; 18 e 53, Anuncio de encerramento — Marcha; 18 e 55, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Às 18, Encontro ás seis; 18 e 15, Noticiário; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 25, Boletins religioso e do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, França, horizonte do Mundo; 20 e 15, Separador musical; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, Programa das nove; 22 e 35, Arte e artistas; 25, A 23.ª hora; 23 e 55, Noticiário; 24, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Graça; 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Às 20 e 30, Abertura; 20 e 32, Telejornal (1.ª edição); 20 e 50, «A Hora Grundig», colaboração de Carlos Ramos, acompanhado por Raul Nery e Julio Gomes); 21 e 10, TV Rural — «Tratamentos de frutos»; 21 e 35, «Lisboa em Camisa», de Gervásio Lobato, (10.º episódio); 22 «Os quatro homens justos» — «A herança», com Jack Hawkins (oferta Mabor); 22 e 30 4.º Salão de Artes Domésticas; 23 e 5 Telejornal (2.ª edição).

HORAS DAS MARÉS

BAIXA-MAR

Dia 27 — 14 e 30 h. (1,52 m.).
Dia 28 — 3 h. (1,72 m.); 16 h. (1,55 m.).
Dia 29 — 4 e 27 h. (1,69 m.); 17 e 11 h. (1,43 m.).

PREIA-MAR

Dia 27 — 21 e 11 h. (3,41 m.).
Dia 28 — 9 e 39 h. (3,56 m.); 22 e 30 (3,42 m.).
Dia 29 — 11 h. (3,63 m.); 23 e 38 h. (3,55 m.).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfica, 373-B Tel 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A. Tel 778439; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162 Tel. 761035; Central — Rua do Lumiar, 77 Tel 790480; Douro — Alameda das Linhas de Torres, 93-A-B. Tel. 791131; Brasília — Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A Tel 722368; Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja D, (á Avenida D. Rodrigo da Cunha). Tel. 722384; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C. Tel. 776905; São João de Deus — Rua Pedro Ivo, 1-A-B. Tel 725140; Algarve — Avenida de Roma, 7-B. Tel. 777478; Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 58-D-E. Tel. 771661; Avenidas (Das) — Avenida da Republica 27-A. Tel. 733688; Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque, 40-A-B. Tel. 48002; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31. Tel. 47088; Universal — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158—A—; Ascenso — R. 27, 41 (Bairro da Encarnação). Tel 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32. Tel. 381279; Pereira, Suc. — Rua do Paraíso, 98-100 Tel 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16. Tel 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87. Tel 842725; Luzmar — Rua 2, 16-A, Bairro de Santa Engrácia á Picheleira). Tel. P. P. C 728395-720703; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda). Tel. 728277; Bastos — Rua Morais Soares, 91-D. Tel. 844350; Castro — Avenida Almirante Reis, 76-A-B Tel. 44373; Vicente de Jesus — Largo do Rato, 3-C-D. Tel. 681947; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade). Tel 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A Tel 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133. Tel 686640; Urbano de Freitas — R. Silva Carvalho, 1-9 Tel. 662838; Tagus — Praceta Possidónio da Silva, lote 3. Tel 669485; Bom Sucesso — R Bartolomeu Dias, 63. Tel. 611454; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Gomes, Cuc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326. Tel 638193; Dilena — Rua Aliança Operária, 49-A-B. Tel. 636620; Costa — Rua dos Lusíadas, 32. Tel. 636704; A César — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187; Guerreiro da Costa — Rua das Janelas Verdes, 90. Tel. 662327; Mota Capitão — Rua de S. Félix, 45-A-B. Tel. 660720; Fénix — Rua da Cruz dos Poiais, 52 Tel. 21031; Sanitas — Praça Luís de Camões, 24. Tel. 22798—A—; Liberal — Avenida da Liberdade, 219 (próximo da Praça Marquês de Pombal) Tel. 43641; Silmar — Rua de São Lázaro, 128. Tel. 42829; Portugal — Rua Augusta, 216-218. Tel. 22073—A—.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

COLISEU — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Mulheres de sonho».
TEATRO MONUMENTAL — Ás 20 e 30 e 23 horas — «Boa noite, Betina!»
VARIEDADES — A's 21 e 45 — — «Os primos Basílios».
CAPITÓLIO — A's 20 e 30 e 23 horas — «A vida é bela!».
MARIA VITÓRIA — A's 20 e 30 e 22 e 45—«Gosto que me enrosco».

CINEMAS

TIVOLI — «Do alto do terraço».
S. LUÍS — «Uma vida».
IMPÉRIO—«Encontro com a vida»
S. JORGE — «Quanto mais quente melhor».
EDEN—«Conversa de travesseiro».
POLITEAMA — «Os amores de Ruth»
ODEON — «Aonde vais triste de ti?»
CONDES — «Agarrem essa loira».
MONUMENTAL—«Ben-Hur».
ALVALADE — «Uma vida».
AVIS — «Um militar e... meio!».
RESTELO — «A estrada de sonho do Mundo».
ROMA—«Conversa de travesseiro».
ROYAL — «Sangue do meu sangue».
OLIMPIA — «Tony, o reido rock!».
JARDIM CINEMA — «Honra a um homem mau».
SALÃO IDEAL — «Nascimento de um império».
PROMOTORA — «Heróis de Cordura».
ARCO-ÍRIS — «O grande hotel».
MOSCAVIDE — «O homem da terra de Deus».
S. JOSÉ — «Kasim, o bandido».
CAMPOLIDE — «A rapariga sem nome».

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	840$00	838$00	840$00
Cons 3 % T. 10	934$00	933$00	935$00
Cons 3 1/2 % T. 10	999$00	998$00	1.000$00
Centenários 4 % 1940	—	2.207$00	2.210$00
Obg Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.002$00	1.010$00
Obg Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.001$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.001$00	1.002$00
Externo 1.ª série	—	1.355$00	1.365$00
Ext. 1.ª série car.	1.360$00	1.355$00	1.365$00
Externo 2.ª série	—	1.350$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.350$00	—
Externo 3.ª série	—	1.395$00	—
Ext 3.ª série car.	1.400$00	1.395$00	1.410$00
Caut 3.ª série s/juro	—	211$00	—
Obrigações			
Agua. Lisboa 5 %	—	—	—
Norte de Portugal 5 %	105$00	104$00	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	970$00	—
Gás Elect. 4 %	980$00	—	980$00
Gás Elect. 4 1/2 %	991$00	990$00	992$00
Gás Elect. 5 %	—	1.032$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	95$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	96$00	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	99$50	100$00
Metropolitano	1.012$00	1.011$00	1.012$00
H. E. do Douro	1.013$00	—	—
C. P. 4 1/2	1.022$00	—	—
H. E. da S. da E. 5%	—	1.005$00	—
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	3.500$00
Espirito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	3.550$00	3.580$00
Portugal	—	3.100$00	3.150$00
Ultramarino	—	1.718$00	1.730$00
Agricultura	—	70$00	73$00
Seguros			
Mundial	425$00	423$00	425$00
Soberana	—	1.900$00	2.000$00
Tagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.ª Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	1.055$00	1.060$00
Ag das Neves	—	350$00	400$00
Agric. Colonial	—	300$00	320$00
Açucar de Angola	1.470$00	1.470$00	1.480$00
Boror	—	250$00	300$00
Cabinda	—	—	—
Cadá	—	2.100$00	2.200$00
Colonial do Buzi	136$00	135$00	137$00

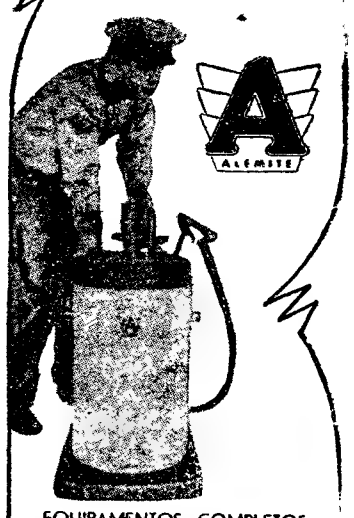
C.ª Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Ilha do Principe	—	900$00	950$00
Incomati	—	—	—
Moçambique	—	82$00	86$00
Zambézia s/d.	111$00	110$50	112$00
Diamantes	605$00	605$00	608$00
Lobito	—	560$00	580$00
C.ª diversas			
Cimentos Tejo	—	680$00	725$00
Cimentos Leiria	—	565$00	—
Crédito Predial	—	60$10	61$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	455$00	470$00
Nacional Navegação	1.005$00	1.004$00	1.010$00
Colonial Navegação	—	825$00	850$00
Port de Celulose	2.850$00	2.845$00	2.870$00
Portuguesa de Pesca	1.140$00	1.430$00	1.450$00
Port. de Tabacos	324$00	323$00	325$00
Tabacos de Portugal	—	710$00	735$00
S. Estrela	—	—	—
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	340$00	—
Aguas Lisboa 1936	—	330$00	—
Eléct das Beiras	1.662$00	1.660$00	1.665$00
Gás e Electricidade	349$50	349$50	350$00
H. Alto Alentejo	157$50	157$00	158$00
H. E Cávado	1.308$00	1.305$00	1.308$00
H. E Zêzere	1.310$00	1.308$00	1.315$00
Nac. de Electricidade	1.468$00	1.465$00	1.470$00
União Eléctrica Port	—	178$50	180$00
H. E do Douro	1.320$00	1.318$00	1.325$00

Cotações fornecidas por PINTO DE MAGALHAES LDA - Banqueiros

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	78$50	80$00
Alemanha	6$78	6$9
América:		
Dólares de 1 e 2	28$20	28$50
Dólares de 5 a 1000	28$40	28$70
Argentina	$32	$35
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$54.5	$57,5
Brasil	$14,5	$16
Canadá	28$70	29$20
Congo Belga	—$—	$40
Dinamarca	4$00	4$30
Espanha	$46.8	$47.8
França (N. Franco)	5$70	5$85
Holanda	7$45	7$75
Inglaterra	79$75	81$25
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	$04.7	$05.4
Noruega	3$85	4$15
Suécia	5$40	5$70
Suiça	6$60	6$72
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	27.3$00	28$00
Portugal — Barra	32$80	33$80
Portugal — Barra Fino	33$00	36$00

PINTO de MAGALHÃES, LDA.
BANQUEIROS
Capital e reservas: 66.000 contos
Depósitos á ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
LISBOA: R. do Ouro, 95/99—T. PPC 366056 (5 linhas)
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53—Tel. 20133—PPC—

BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
TELEF. 21273
Papéis de crédito

ALEMITE

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA UMA MODERNA ESTAÇÃO DE SERVIÇO
MATERIAL DE LUBRIFICAÇÃO
OS MOTORES PNEUMÁTICOS DAS BOMBAS DE LUBRIFICAÇÃO SÃO GARANTIDOS POR VINTE SETE MESES
80 % DAS ESTAÇÕES DE SERVIÇO MONTADAS NOS ÚLTIMOS ANOS NO PAÍS, SÃO EQUIPADAS COM ALEMITE
REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITÂNIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73 - 79
SALÃO DE EXPOSIÇÕES
R. CONCEIÇÃO DA GLÓRIA, 8-10-12
LISBOA

CARREIRAS AÉREAS

Horário de Inverno da Swissair

O horário de Inverno da Swissair entrará em vigor no dia 1 de Novembro e terminará em 31 de Março de 1961. Neste período, a Swissair utilizará em pleno os seus aviões de jacto, não só «Caravelle» como DC-8, que já utilizam o aeroporto de Lisboa e Santa Maria. O tráfego no Atlantico Norte será assegurado exclusivamente com aviões «DC-8», três voos dos quais farão escala em Lisboa e outros três, no regresso de Nova York, e em alguns casos até quatro voos, de Nova York para a Suiça, via Lisboa.

A América do Sul continuará a ser servida, duas vezes por semana, via Lisboa, com os aviões «DC-7C», os quais serão substituidos, por aviões de jacto «Coronado», a partir de Verão de 1961.

As carreiras entre a Suiça e Portugal manter-se-ão com o horário normal e as regulares frequências em serviço.

Relações comerciais da T.A.P.

De avião, chegaram a Lisboa os srs. A. G. Page gerente de vendas para a Europa da Vickers Armstrong Aircraft e um grupo de técnicos, que vêm avistar-se com os dirigentes da T. A. P., com os quais conferenciarão sobre assuntos de aviação comercial.

Dizem os leitores...

Transportes colectivos

Publicámos há dias, o extracto de uma carta do nosso leitor sr. Fernando David Abreu acerca do problema dos transportes colectivos. O assunto mereceu a especial atenção tanto dos serviços da Câmara Municipal como da Carris, que nos manifestaram o desejo de entrar em contacto com aquele nosso leitor, para uma troca de impressões. E' de assinalar esse interesse, e que não podemos ainda dar seguimento por desconhecermos a direcção do sr. Fernando David Abreu.

TERÁ COM CERTEZA

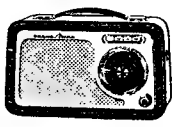
Horas Alegres

COM A AGRADÁVEL COMPANHIA DUM

Transistor...

ARENA

MOD. P6 6 transistors e 1 diodo • Ondas médias • 5 lindas cores. Esc. 1.590$00

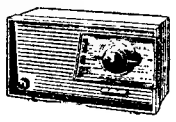


MOD. P7 7 transistors e 2 diodos • Excelente captação Onda média e marítima. Esc. 2.190$00

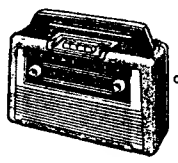
MOD. PX7 7 transistors e 2 diodos • Forte captação, esplêndida sonoridade • Ondas médias e 2 curtas 5 lindas cores. Esc. 2.390$00

SCHNEIDER

CADET 6 transistors e 2 diodos • Magnífica captação e óptima sonoridade • Linda apresentação • Ondas médias e curtas. Esc. 1.890$00

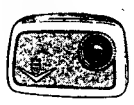


TRANSBOY 7 transistors e 2 diodos • Modernissima apresentação e excelente sonoridade • Ondas médias e curtas. Esc. 2.150$00



COMPAGNON 7 transistors e 2 diodos • Extrema sensibilidade e extraordinária sonoridade • Ondas médias, curtas e longas • Luxuosa apresentação. Esc. 2.900$00

IBÉRIA



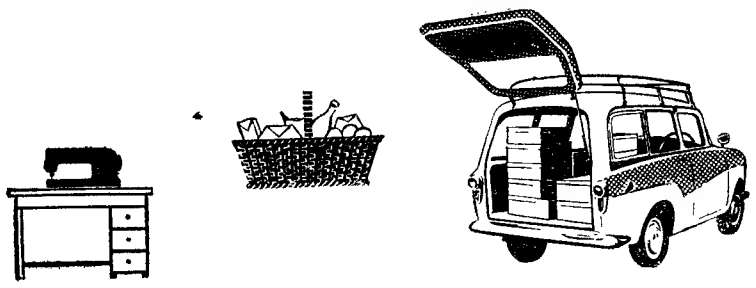
F1415 7 transistors e 2 diodos • O aparelho de tamanho médio ideal para o campo • Ondas médias. Esc. 1.850$00

REPRESENTANTES **SODARTE**

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 91

ATRAVÉS DOS SEUS REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

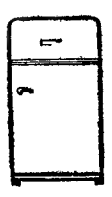
Visite o nosso stand na Feira das Artes Domésticas

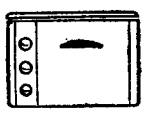


tudo cabe numa **KOMBI**

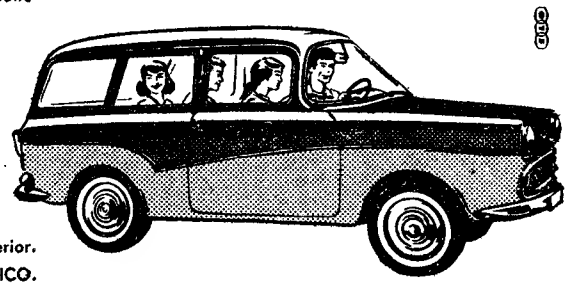
GOGGOMOBIL 700

O CARRO IDEAL PARA TRABALHO E RECREIO





O carro utilitário de características únicas que reune as vantagens e as possibilidades de utilização múltipla dos veículos mistos.
Grande economia de consumo.
Ampla capacidade de carga.
Confortável espaço interior.
Pára-brisas PANORÂMICO.



Em exposição: IMPÉRIO DA BEIRA, LDA. • AV. GUERRA JUNQUEIRO, 24-C • LISBOA

Representante **IMPÉRIO DA BEIRA, LDA.**
Avenida Guerra Junqueiro, 24-C — LISBOA
Agente no Norte A. M. DA ROCHA BRITO, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 112 — PORTO

Empresa Termoeléctrica Portuguesa

S. A. R. L.

Sede: Rua do Bolhão, 72-... — PORTO

Capital: 385 000 000$00

EMISSÃO DE 25 000 OBRIGAÇÕES DE 5% — 2.ª SÉRIE - DESTINADAS AO PÚBLICO

Autorizada por portaria publicada no Diário do Governo III Série, n. 67, de 21 de Março de 1960

EMPREENDIMENTO INCLUIDO NO II PLANO DE FOMENTO

Instalação do 2.º grupo de 50 MW da Central da Tapada do Outeiro

OS ENCARGOS DESTAS OBRIGAÇÕES, COMO TODOS OS ENCARGOS DA EMPRESA, ESTÃO COBERTOS POR INTERMÉDIO DA COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, NOS TERMOS DA **PORTARIA N.º 16 409** PUBLICADA NO DIÁRIO DO GOVERNO I SÉRIE, N.º 206, DE 12 DE SETEMBRO DE 1957, E NOS DO **DESPACHO DE SUA EXCELÊNCIA O MINISTRO DA ECONOMIA**, PUBLICADO NO DIÁRIO DO GOVERNO, II SÉRIE, DE 29 DE MARÇO DE 1960, E **SEGUNDO O CONTRATO CELEBRADO EM 22 DE JULHO DE 1959 COM AQUELA COMPANHIA**

As obrigações são do valor nominal de 1 000$00 e vencem o juro anual de 5 % ilíquido de impostos para os obrigacionistas, pago semestralmente nos dias 2 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano efectuando-se o primeiro pagamento em 2 de Janeiro de 1961 calculado pelo prazo decorrido desde a data marcada para o encerramento da subscrição até 31 de Dezembro de 1960.

Os títulos representativos desta emissão são de 1, 5, 10 e 50 obrigações.

A amortização é feita ao par, por sorteios semestrais a realizar nos meses de Junho e Dezembro no prazo máximo de vinte e cinco anos, sendo a primeira em 1 de Julho de 1963.

A Sociedade a partir de 1 de Julho de 1969, poderá antecipar a amortização por sorteio e ao par, devendo as datas das amortizações antecipadas coincidir com as das normais.

A subscrição, sujeita a rateio, está aberta de 27 do corrente a 5 de Novembro p. f., nos seguintes estabelecimentos de crédito que tomaram firme a emissão:

- **Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência**
- **Banco de Fomento Nacional**
- **Augustine, Reis & C.ª**
- **Banco Aliança**
- **Banco Borges & Irmão**
- **Banco Burnay**
- **Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa**
- **Banco Fernandes Magalhães**
- **Banco Fonsecas, Santos & Vianna**
- **Banco José Henriques Totta**
- **Banco Nacional Ultramarino**
- **Banco Pinto & Sotto Mayor**
- **Banco Português do Atlântico**
- **Crédit Franco-Portugais**

Os Senhores Subscritores deverão indicar no boletim de subscrição a espécie e a natureza dos títulos definitivos que pretendem.

O pagamento das obrigações é feito de uma só vez, no acto da subscrição.

Porto, 19 de Outubro de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Pérola de S. Domingos

Rua Dom Antão Almada, 5-D

Vende-se os melhores cafés e chás, também o maior sortido em plantas da Flora Nacional e tropical que são a nossa saude. E a natureza ao nosso serviço. Procure ser saudável, sentir mais energias e melhor disposição.

(DEFRONTE DA IGREJA)

Mandamos á cobrança as nossas especialidades.

CAPITALISTAS

A «NORTENHA», está habilitada a colocar-vos qualquer quantia, em 1.as hipotecas, dando óptimo juro, e nas melhores condições. Tratamos de toda a documentação inerente ás transacções, sem qualquer encargo para os Ex.mos Capitalistas, e garantimos os investimentos

No Vosso Próprio Interesse, Consultem-nos

NORTENHA

«Colham Referências»

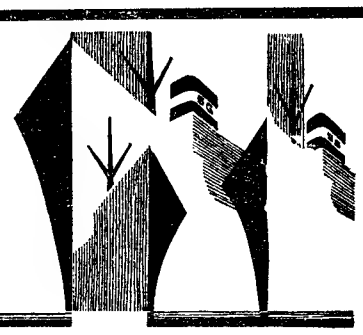
Praça da Alegria, 58-2.º Sala C

LISBOA — Tel. 366812

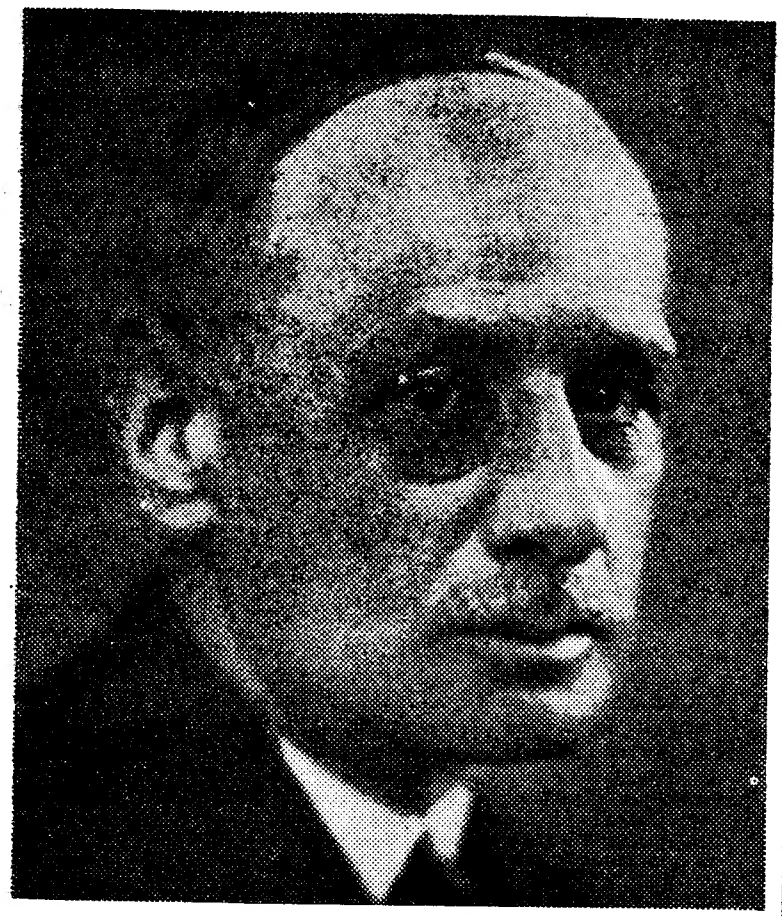
SOCIEDADE GERAL

SG

LISBOA - R. DOS DOURADORES, 11 - TEL. 26314 - 34513
PORTO - R. SÁ DA BANDEIRA, 82 - TEL. 27363



CARREIRAS	
METRÓPOLE ÁFRICA	**Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via FUNCHAL)** N/M «ALFREDO DA SILVA» — A 10/11/60. Carrega em Lisboa para Cabo Verde a 8/11/60 e para Bissau a 7/11/60. Carga Frigorífica dia 9/11/60 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística **Para: CABO VERDE, GUINÉ, (se necessário), PRINCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO e MOÇÂMEDES, (via LEIXÕES)** N/M «BRAGANÇA» — A 8/11/60. Carrega em LISBOA de 3/11/60 a 5/11/60 Carga Frigorifica a 7/11/60. Até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª classe. **Directo a: LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES** N/M «ANA MAFALDA» — A 10/11/60. Carrega em Lisboa de 7/11/60 a 9/11/60. Passageiros de 1.ª 2.ª, e 3.ª classe. Este navio escala préviamente Leixões
NORTE EUROPA ANGOLA	**Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES** N/M «ALENQUER» — À carga em Hamburgo, Bremen, Rotterdão e Anvers até 28/10/60 em Lisboa só para Matadi a 3/11/60 N/M «ANDULO» — À carga em Hamburgo, Bremen, Rotterdão e Anvers de 5/11/60 até 18/11/60 em Lisboa só para Matadi a 24/11/60
ANGOLA NORTE EUROPA	**Para: ANVERS, ROTTERDÃO, HABURGO e BREMEN** N/M «AMBRIZETE» — A carga nos Portos de Angola de 30/10/60 até 16/11/60 N/M «ALENQUER» — À carga nos Portos de Angola de 20/11/60 até 7/12/60
ANVERS PORTUGAL	**Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA** N/M «AFRICA OCIDENTAL» — À carga em Anvers a 3/11/60 e 4/11/60 N/M «COVILHÃ» — A' carga em Anvers a 10/11/60 e 11/11/60.



JOÃO DE BARROS

Na morte do Poeta

Palavras de Joaquim Paço d'Arcos, Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores

Pensei ontem à tarde em ir visitá-lo e os afazeres não mo permitiram. Mas quiz o destino que esse meu pensamento de amizade e respeitosa devoção o acompanhasse na hora que foi, afinal, a derradeira da sua vida. A essa hora morria João de Barros e de longe o meu pensamento acompanhou-o.

Todos nós, escritores portugueses, somos devedores à sua memória. Foi um alto, nobre e inspirado Poeta. Mas não se fechou na Torre de Marfim da sua poesia e a muitos de nós — e por mim também fálo — ajudou com o coração grande e aberto, com o espírito ardente e sempre moço e com dadivoso estímulo.

E da lição da sua vida e da sua obra devemos guardar a parcela de optimismo, a viril confiança, a generosa tolerância, o candente e largo patriotismo que fizeram dêle, dobrado pelos anos, exemplo e símbolo.

A Sociedade Portuguesa de Escritores teve nele um dos seus mais dedicados fundaores e o primeiro Presidente da sua Assembleia Geral. É esse mais um motivo para que, investido nas pesadas responsabilidades que hoje me incumbem, presto comovida homenagem, em nome de todos os nossos camaradas, ao alto Poeta, ao límpido Escritor, ao grande caracter e ao Português exemplar cuja morte é para todos nós luto profundo.

26 de Outubro 1960

Portugal perdeu um grande poeta
e uma das maiores forças morais do nosso tempo
— afirma Ferreira de Castro

A ferida está aberta e dói. É-me muito difícil ainda escrever sobre João de Barros. Mal tomo a pena com essa ideia, as lágrimas rebentam-me nos olhos. Com ele Portugal perdeu, anteontem, não só um grande poeta, mas uma das maiores forças morais do nosso tempo.

A nobreza da sua alma, a sua invenção, a sua coerência, o seu amor à Justiça e à Liberdade, tão forte e exemplarmente refulgiam que ensombravam mesmo a sua arte: nos ultimos anos, quando se evocava o nome de João de Barros, pensava-se mais na grandeza moral do homem do que no artista excelso que ele também era. E contudo, a obra de João de Barros representa, como poucas, uma fusão total, luminosa, profundamente impressionante do artista e do homem. Os seus poemas aí estão para resistir ao exame. E a lembrança da sua vida aí fica como uma luz. Hoje não posso escrever mais.

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NÚMERO 118

Na recriação do Homem
quer como ente social ou biológico
quer como indivíduo na sua universalidade
está a arte do romancista
— *afirma Aleixo Ribeiro*

Aleixo Ribeiro é um dos mais curiosos dos nossos escritores contemporaneos. Diremos, com maior propriedade: é um dos mais interessantes perfis de intelectual e de artista das letras nacionais deste tempo. Pertencendo ás gerações que se evidenciaram entre as duas Grandes Guerras, depois de Aquilino e contemporaneas, simultaneamente, de Ferreira de Castro e do Futurismo, Aleixo Ribeiro não se impôs, como esses escritores, por uma obra vasta, constante. Julgamos que isso seria contrário ao seu raro temperamento literário. Dois ou três livros marcantes bastaram para afirmar o seu notável e singular talento. Na juventude repartiu a sua presença entre a literatura, um mundanismo de escol e certa boémia artística. Ficou célebre o seu dandismo, e não menos as suas impertinências, no Chiado e noutros salientes meios lisboetas da época. Escreveu, por esse tempo, o romance «Jogo de Damas» e versos simbolistas, mais com sucesso mundano que literário. Essas obras revelam já, contudo, a rica complexidade do seu espírito. A boémia intelectual tê-lo, por extravagancia da sua imaginação, autor de folhetins e de vidas maravilhosas de vultos célebres, publicando aqueles sob pseudónimos estrangeiros e revelando nestas o começo de uma carreira de investigador que tem constituído uma das suas brilhantes facetas de escritor. Em Paris conviveu com Juan Miro, Chestov, Shonberg, Rilke e outros. Os ensaios sobre literatura e arte, que depois publicou, revelaram nele um crítico arguto servido por sólida cultura. O seu primeiro grande êxito literário foi «Bussola Doida», romance sem par na moderna literatura nacional, pelo talento e a sinceridade dos processos, que apaixonaram a juventude do tempo. Finalmente, a novela «Caixa de Música» e o romance «Bairro Excêntrico», este pelo forte dramatismo do ambiente e dos costumes e pelo vigor e variedade dos tipos, são obras que ficam nas letras portuguesas de hoje e de sempre.

Aleixo Ribeiro

MANUEL DE LIMA

—Fala-se da sua reaparição, Aleixo Ribeiro. O que é o seu novo livro?

—Sim, conto agora reaparecer com mais um romance. Não foi escrito recentemente na sua primeira versão. Refundi esta e mudei o título, já anunciado, de «O Leão Sagrado», para «Patrão Bento», o heroi central da acção. Sucede-me, frequentemente, refundir os textos e mudar os títulos, até durante a impressão. Este livro versa um pequeno e atrasado porto de pesca do alto, com a sua gente, o seu dia a dia e a luta, por vezes trágica, com o mar.

—E quebra um longo silêncio...

—Os meus longos silêncios de autor não significam suspensão da actividade literária, principalmente no seu sentido de Cultura. Sou um escritor que começou fecundo, por imaginar o que escrevia sem um senso autocrítico, ao sabor dos preconceitos sentimentais e das ideias-feitas da sua educação burguesa. De tudo isto se ressente a primeira fase da minha obra.

—Mas em breve o ritmo da sua produção abranda.

—Quando adquiri uma consciência estética e libertei a minha personalidade, tornei-me de cada vez mais exigente na intuição do que seja Arte e procurei viver, e consequentemente exprimir, a minha ficção antes de a lançar em livro. Daqui, enquanto amadurecia

(Continua na página seguinte)

3.º SALÃO DE ARTE MODERNA

Tem um nivel excepcional o 3.º Salão de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes. São expositores: Alvaro Perdigão, António Charrua, António Duarte, Areal, Bual, Bartolomeu Cid, Celestino Alves, Eduardo Nery, Fernando Conduto, Ferreira da Silva, Relógio, Gil Teixeira Lopes, Hansi Stael, Hilário Teixeira Lopes, Jaime Palmela, João Barreto Bailote, Hogan, Rodrigo, Jorge Martins, Jorge Vieira, José Julio, Julio Resende, Luís Dourdil, Luís Jardim, Luís Pinto Coelho, Luísa Bastos, Manuel Baptista, Maria Velez, Martins Correia, Menez, Nikias Skapinakis, Nuno San-Payo, Pomar, Rafael Calado, Rogério Ribeiro, Sá Nogueiro, Rui Filipe, Vasco da Conceição e Waldemar da Costa.

O 3.º Salão de Arte Moderna, cujos trabalhos foram seleccionados por um conselho técnico, recentemente criado, de que fazem parte Abel Manta, Silva Lino, Julio Pomar, Jorge Vieira e arq. Raul Chorão Ramalho, encerra-se no dia 16 de Novembro, estando patente ao publico das 11 ás 20 horas.

Escultura de Luís Jardim

José Manuel Reis

A entrevista com Juan Antonio Cabezas publicada no ultimo numero de «Vida Literária» é do nosso prezado camarada da «Voz» José Manuel Reis.

O FASCICULO

por ARTUR PORTELA (FILHO)

Democratizada a cultura através do livro, metralhado depois pela linotype e pela rotativa, a biblioteca passou a lugar comum. Levantou problemas de ordenação e, imediatamente, pelas suas proporções e a paralela divulgação da pintura (o quadro, a tela, depois o desenho, a gravura, etc.), com estranhas ramificações no conhecimento vago mas obrigatório, pôs questões de arquitectura. A biblioteca, a que um rigoroso sistema decimal conferia utilidade, exigia um papel na já fácil e inevitável decoração permitida pela gravura, o «hors-texte» «Skira», a dupla página do «Paris-Match» emoldurada, mesmo o desenho, a tela.

Daí, a lombada. A lombada a escorrer cor e grafismo, desde a letra larga de Garcia, á ironia desatenta de Paulo-Guilherme, á figura boticelliana dos Estudios Cor, ao tracejado de pauta musical dos Livros do Brasil. A Ática resistia, numa sobriedade que não ficava para trás, antes excedia o que era já academismo na modernidade, com

(Continua na ultima página)

POEMA

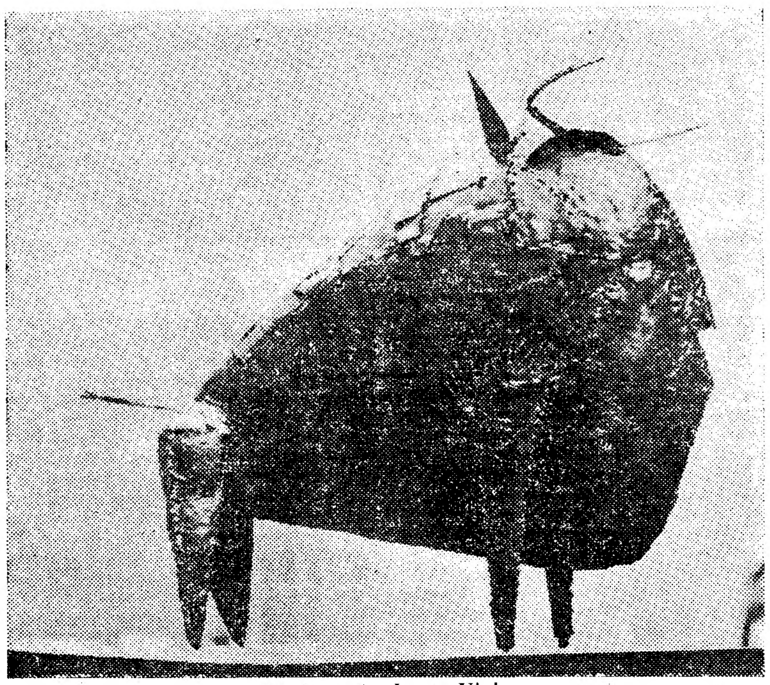
Para MARCEL MARCEAU

Não te é necessária a Palavra
Basta que ergas as mãos
divinamente abertas
e componhas um gesto,
para criares uma rosa branca
ou uma borboleta moribunda.

Não te é necessária a Palavra,
POETA

J O S É   T A V A R E S

3.º Salão de Arte Moderna
na Sociedade das Belas Artes



[illegible] de Jorge Vieira

Paisagem (N), de José Julio que recebeu o «Prémio Columbano Bordalo Pinheiro» na Exposição do Convento dos Capuchos

ARCÁDIA

ACABA DE SAIR

de
MAURICE DRUON
renovador da literatura francesa realista

AS GRANDES FAMÍLIAS

prémio Goncourt
X VOLUME DA COLECÇÃO ENCONTRO
editora ARCÁDIA limitada
Travessa de S. Paulo, 7-3.º, Telef. 24205

LIVROS E A

COMENTÁRIOS DE ALVARO S.

«D. DUARTE E AS RESPONSABILIDADES DE TÂNGER»

por DOMINGOS MAURÍCIO DOS SANTOS

A nossa historiografia está em calamitosa decadência. Depois das gerações criadoras em que avultaram, sucessivamente, Alexandre Herculano Gama Barros, Lucio de Azevedo e Jaime Cortesão, o género tem caído numa letargia de que não o salvam alguns estudos ou ensaios breves de real valor que vêm a publico acidentalmente. Ninguém ignora que há em Portugal, na meia idade ou a sair da juventude, algumas personalidades com o estofo dos historiadores de outrora. O seu silêncio ou escassíssima criação em livro são sinais dos tempos. A bibliografia henriquina foi um testemunho. E Jaime Cortesão partiu sem que pudesse deixar na sua esteira um escol renovado de historiadores.

É com o melhor cunho de seriedade, de investigação exaustiva, de novidade documental, de probidade na fundamentação de conceitos, que se apresenta com relevo neste panorama pouco brilhante o estudo de Domingos Maurício sobre o desastre de Tanger de 1437. A edição relaciona-se com o Centenário da Morte do Infante D. Henrique. Mas o trabalho historiográfico que a preenche data de há trinta anos, bastando para actualizá-lo a anotação de «um ou outro pormenor» e a adição aos artigos publicados na «Brotéria» em 1931 de alguns documentos que se reproduzem agora por extenso. O peso da matéria erudita acumulada sobrecarrega com algum excesso o volume, que seria mais grato ver desenrolado em exposição e interpretação de maior desembaraço. São particularmente notáveis, como fruto do esforço do investigador, os numerosos textos documentais que Domingos Maurício foi desbravar na Biblioteca Mediceo-Laurenziana, em Itália. A invulgar densidade do trabalho realizado está á vista. A justeza de análise, a percuciência de dedução, que constituem o verdadeiro timbre do historiador para além das fainas obscuras do forrageador erudito, só com idêntica investigação poderiam ser julgadas. É do seu estilo e da sua inspiração fundamental que pode aqui ajuizar-se.

O estilo, salvo em raros passos de afirmação mais vigorosa, é submergido pelo volume exorbitante da referenciação documental e das transcrições de textos. Ambas as coisas poderiam ter sido economizadas com vantagem para a obra. Da inspiração que a anima — e que é, afinal, a sua essência — não sai favorecido o historiador, que possui méritos bastantes para criações de melhor quilate.

Domingos Maurício perfilha uma tese: que o rei D. Duarte não foi o abulico, psicasténico e pessimista que a «lenda» retrata, desde Rui de Pina a Oliveira Martins. Toda a obra tende a demonstrar, ao contrário, a forte personalidade da sua direcção política, no caso de Tanger como em muitos outros do breve e infeliz reinado. O resultado é discutível — visto que o autor aceita como testemunhos da vontade pessoal de D. Duarte fórmulas documentais ou disposições de chancelaria real que são características do processo de funcionamento do Estado na época. Nenhuma razão válida exclui que o pensamento e a acção do rei tenham sido realmente impulsionados por outras forças que talvez tenham assumido influência decisiva nos vários passos da expansão portuguesa. O desenlace desastroso de Tanger, porém, justifica-o Domingos Maurício pela «completa inabilidade» do infante D. Henrique — deixando logo de pé a estranheza interrogativa ante as razões que teriam deixado em tão inábeis mãos a chefia de uma expedição de tal monta.

É curioso verificar, mais uma vez, que para os historiadores de inspiração semelhante á de Domingos Maurício — em que parece prevalecer sempre uma intenção ideológica prévia — tudo o que houve de criador e positivo na história de Portugal foi obra da família reinante e do escol (ou como tal considerado) que a rodeou e seguiu. Tudo o que houve de mau e de errado, porém, já cai fora das responsabilidades régias, quando não é simplesmente esquecido no juizo histórico. O critério é surpreendente. Está cheio de exemplos da sua deformadora prática a pretensa *revisão* da história portuguesa intentada nas ultimas décadas.

Neste livro de Domingos Maurício o que mais avulta é o trabalho do investigador infatigável e a segurança do método no pormenor. Os seus méritos não podem ser postos em duvida, entre os condicionalismos a que não pode nem deve furtar-se a apreciação geral. *(Edição da Comissão Executiva do 5.º Centenário da Morte do Infante D. Henrique).*

«PARAGRAFOS DA LI

por AMA

A quase totalidade da obra d Amandio César como ensaísta critico literário — a que mais avul ta, por agora, na sua bibliografia já extensa — tem sido preenchida com temas brasileiros. A poucos autores do nosso País se deve tão assidua, constante e eficaz devo ção no estudo dos valores literá rios do Brasil e na sua divulgaçã entre nós. E é interessante consta tar, neste caso, quanto o poder co municativo da matéria estudad

«OS LIVROS SIBILINOS DA LUSITANIA»

por HENRIQUE TAVARES

O surrealismo, com a sua contraditória liberdade de expressão no hermetismo, as suas espectaculares alusões plásticas, a sua rebusca de símbolos, não esgotou ainda as virtualidades da sua desordenada aventura. E facto que tem de reconhecer-se em face de um sugestivo e enigmático livro como este de Henrique Tavares. Nele se coligem três séries poemáticas de títulos determinados: «A Dama e o Licorne (Homenagem a René Descartes por um propósito de acção)»; «Afrodite, Branco 4 (Prédica em honra de Angelo de Lima por um propósito de invenção)»; e «Os livros sagrados de Orfeu (Elogio Funebre para um lobisomem por um propósito de criação)». Em todos se desenha uma arquitectura simbólica muitas vezes indecifrável, outras vezes muito difícil ou limitadamente desvendável. A poesia de Henrique Tavares oscila entre o hermético e o transmissível, numa ondulação de eloquentes ou vibrantes fórmulas que são reveladoras de inspiração lírica esplêndida mas recusando ao leitor a chave directa do seu segredo. Inumeros passos destes poemas são de uma beleza desconcertante, porque o sentido apenas entrevisto logo se evade para o mistério. Mas neles está sempre presente o poeta, o modelador de subitas e empolgantes imagens, o «jongleur» eximio da palavra desenhando com talento plástico singular os arabescos difusos da sua inquietação.

Como em todo o surrealismo, há aqui uma recusa transitória da realidade, uma inversão voluntária do espectro comum da vida e do Mundo. A facilidade com que Henrique Tavares faz ascender ao nível da comúnicação receptível as arestas evidentes da sua «cathédrale engloutie» é um testemunho das suas virtualidades de futuros rumos. Eles chegarão, decerto, no momento próprio. Mas quem quiser conhecer em belas e penetrantes expressões o intrínseco drama desta corrente de poesia, reconhecer em variáveis escalas a sua anunciação tantas vezes fecunda, poderá encontrar n«Os Livros Sibilinos da Lusitania» um dos seus mais ricos e interessantes testemunhos em lingua portuguesa. Henrique Tavares é um verdadeiro poeta que terá ainda muito a dizer na nossa literatura alimentada de esperanças — como a própria vida nacional — *Edição do autor, Lisboa).*

OS NOSSOS CONTOS

A GAVETA VAZIA

por AlvarO Manuel Machado

Então, reparou na centopeia. Era gorda, castanha, aninhada num canto da parede em frente. Castanha? Parecia vermelha. Ou castanha? Castanha quase vermelha. As pernas é que eram mais castanhas. Tinha uma, duas, três, quatro, cinco... oh, mexeu-se. Teria mesmo cem? A velha da pensão é que parecia uma centopeia. Verdadeiramente, não se lembrava da cara dela, e ainda a vira há minutos. (Há minutos? Quantos?). Lembrava-se apenas da dentadura. A velha fora buscar a chave ao quarto dela, ele seguira-a e viu, da porta, uma dentadura pousada sobre o travesseiro. Depois, não olhara mais para a cara da velha (teria olhado antes?). Passara a lembrar-se dela só pela dentadura sobre o travesseiro. Via aquela dentadura tirada antes de se deitar. Era tudo. Depois, o cheiro a bolor das paredes nuas e altas daquele quarto. Encurralado naquelas paredes nuas e altas; encurralado. Mas porque quis, pois. Porque quis, é lógico. Quis? O que queria ele? O que...

Ia abrir a gaveta.

Então, apeteceu-lhe fumar um cigarro. Procurou nos bolsos do impermeável que ainda não despira: cotão, cotão, um cartãozinho, a caixa de fósforos, o maço de cigarros, cotão. Deitou em cima da cama o cartãozinho, a caixa de fósforos, o maço de cigarros; juntamente caiu algum cotão. Apertou um cigarro nos lábios, riscou um fósforo: a chama furou a penumbra do quarto, cegou-o por instantes. Aproximou-a, chupou, expeliu o fumo pelas narinas. Que calma, aquele rolo cinzento subindo! Ia mas é estender-se ao comprido. Assim, o corpo atravessado. As molas da cama rangeram, os ossos estalaram nas articulações. Distinguiu perfeitamente esse ruido, sentiu-o misterioso, frio, frio, no silêncio e na penumbra do quarto. Já nas noites em que vagueava com ele pelas ruas, até de madrugada, surgiam de repente coisas misteriosas, todavia belas. Por exemplo, o barulho da água de uma fonte saltando num jardim silencioso ás três da manhã, com o luar brilhando nela (dissera para o outro: «Parece uma cena do Fellini»). E outra vez, várias vezes, nas noites de chuva, quando o acompanhava a casa, falando os dois exaltadamente pelo caminho, havia próximo aquele pingue-pingue massacrante, metálico, da chuva caindo de um beiral, no silêncio da rua deserta (ele dissera: «Parece a musica dos «Espiões» de Clouzot»). E depois, ligado áquelas ideias, estava um mundo de coisas irreais, de vida aceite misteriosamente, de... A propósito: estaria alguém a espreitá-lo pela fechadura da porta, atrás dele? E se fosse ver, se abrisse a porta bruscamente? Não, estava cansado demais. Mas, é verdade, havia realmente esse mundo de coisas fantásticas e belas, e os planos comuns, a esperança na sua juventude, na sua geração — a certeza da amizade. Houve ainda por algum tempo, até um certo ponto, até áquele momento em que se começam a esconder os podres e depois tudo fica torcido e depois tudo... Bem, era preciso ser lucido. Vejamos: tudo começara desde... Não, primeiro tinha de abrir a gaveta. Só faltava aquela, nas outras não encontrara nada excepto o cheiro a mofo. Mas aquela, pequena, do velho móvel da mesa de cabeceira daquele quarto de pensão, onde se guardam as coisas íntimas, onde alguém talvez tivesse esquecido ou tivesse deixado deliberadamente alguma coisa secreta, alguma coisa que... sabia lá? — um bilhete de um homem desesperado. Sim, sabia-se lá. E ele correria a salvá-lo, dir-lhe-ia... o quê? Qualquer coisa, que as palavras, enfim, as palavras sempre deviam ter algum valor.

Ia abrir a gaveta.

Então, reparou que tinha entre os dedos o cartãozinho que tirara do bolso. Pôs-se a mirá-lo. Um bilhete de comboio. Dele, pois. Dele? Viera de onde? Ah, pois, pois claro. Viera de... Arre, para que estava feito parvo a esmagá-lo nos dedos, a esmagá-lo, a esmagá-lo nos dedos com suor gelado? Pronto: rasgou o bilhete, ergueu-se. E abriu a gaveta. Puxou-a, num repelão, toda, toda: era grande, imensa. Estava vazia.

UTORES

ALEMA

'ERATURA BRASILEIRA»

DIO CÉSAR

empolga o autor, imprimindo-lhe uma largueza e uma generosidade de intelectual que contradizem tantos outros aspectos da sua actividade ideológica e crítica. Este livro, como outros de Amandio César sobre literatura do Brasil, é imagem de um espírito que se abre em inteligência e simpatia, que deixa vir á superfície raízes humanas bem-fazejas — «a emigração dos familiares que deram a sua vida e o seu trabalho na continuada realização de um sonho». E é em face dele que se afiguram ainda mais estranhas as limitações dogmáticas, as estreitezas do anti-humanismo voluntáriamente perfilhado, mantidas não se sabe porquê contra a própria expiração natural de uma inteligência que, por o ser, não deveria trair-se nos seus imperativos essenciais de compreensão, de equilibrio e de generosidade humana.

A «távola redonda» que Amandio César accita para o encontro literário luso-brasileiro poderia ser, naturalmente, a de todos os demais valores de cultura que estão ao alcance do homem de hoje. E' a volta dessa «távola redonda» que vemos alinhar, no excelente volume agora publicado, os escritores de mais diversa índole na literatura de além-Atlantico: Raul Pompeia, Lins do Rego, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cecilia Meireles, Ribeiro Couto, Adalgisa Nery, Augusto Schmidt e tantos mais. O estilo compreensivo e crítico do autor funde-os numa unidade de cultura e numa visão universalista a que não falta a mais íntegra dignidade intelectual. A própria inspiração profunda do Brasil, como berço de cultura que tem florescido na criação livre, terá de atribuir-se máximamente esta influência fecunda. Mas é significativo que, através de tudo, ela vai acordar num espírito como o de Amandio César as virtualidades recalcadas, até repelidas em tantos outros casos, que são o melhor cerne da sua personalidade. — *(Edições Panorama, Colecção Atlantica).*

REGISTO

● Coligindo crónicas de observação directa e acrescentando-lhes comentários interpretativos de feição mais pessoal, publicou Luís Lupi o volume «Quem incendiou o Congo?». O intuito que o inspira não é apenas o da objectividade jornalística, informativa e documental. E' também doutrinário e político — e pretende servir a continuidade da presença colonizadora de Portugal no Continente Negro. Quem incendiou o Congo e quem incendeia a Africa inteira afirma Luís Lupi, é o Anticristo. Mas o Anticristo, na opinião do autor, «não é apenas o que o Mundo conhece e teme». Outros convergem para os mesmos fins:

«O Anticristo que nos ameaça não medra apenas nas hostes comunistas. Aparece-nos, afinal, como se fora a própria guarda avançada da revolução anti-humana, porque a serve: — Serve-a, na cega e desmedida ambição dos grandes interesses internacionais; serve-a, no abuso do poder; serve-a com o esmagamento de alguns valores reais e fundamentais que tão necessários são á sociedade humana; serve-a pela exaltação dos poderosos contra a justa causa dos fracos; serve-a, utilizando-se de fantásticos meios de comunicação, que compra, domina e comanda, servindo-se da formidável arma da informação — ora como bisturi que fere e destroi, ora como sedativo que distrai e ilude, — para conduzir as massas humanas ás mais falsas e perigosas convicções e atitudes».

Algumas páginas do volume são preenchidas por Nita Lupi, com «flagrantes duma tragédia» em que se revelam as qualidades da escritora. Através das suas contradições e enigmas, o livro publicado por Luís Lupi é significativo testemunho de uma época e das suas incertezas.

● A *Livraria Tavares Martins*, do Porto, que está a constituir uma vasta biblioteca de renovação da cultura católica, publicou «São Paulo, conquistador de Cristo», de Daniel Rops. A biografia do apóstolo é acompanhada de densas justificações doutrinárias, de interpretações históricas sob inspiração fideísta, de relacionações místicas no estilo muito pessoal do autor. A obra vem a público em 2.ª edição, com apresentação gráfica modernizada.

A mesma editora acaba de reeditar, também, «A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires», que constitui o 1.º volume da «História da Igreja de Cristo» construída em demorada génese por Daniel Rops. Na sequência das obras que a precedem, «O povo bíblico» e «Jesus no seu tempo», este volumoso trabalho de investigação histórica erguido por um crente que é um escritor de mérito, apresenta interesse relevante sob qualquer ponto de vista.

● A editora *Imprensa da Cidade*, de Lisboa, empreendeu a publicação em pequenos fascículos de uma Antologia Universal do Bom Humor, sob o título comum de Colecção Jovial. Na série até agora editada incluem-se «Cabecinhas por dentro e por fora», de Pitigrilli; «As torradas de Julieta», de Gervásio Lobato; «O feroz salteador», de Chamico; «As macacas sagradas de Benarés», também de Pitigrilli; «Prémio: uma vaca», de A. Averchenko; e «A Tia Engrácia e o bicho homem», de Eduardo Schwalbach. De características deliberadamente populares, na escolha dos textos e na apresentação gráfica, a Colecção não deixa de apresentar valor ilustrativo, para que contribuem as breves biografias dos autores impressas nas contracapas dos fascículos.

● Na colecção O Livro de Bolso, da *Portugália Editora*, foi editado o romance «Fogo grande», redigido em curiosa colaboração pelos escritores italianos Cesare Pavese e Bianca Garugi. No encontro dos dois protagonistas do romance, Pavese escreveu os capítulos do personagem masculino e Bianca Garugi os do personagem feminino. O estilo de composição da obra resultou, assim, original e impressivo, acrescentando maiores atractivos ao seu intrínseco valor literário.

Antecipação à Saudade

Na minha cintura há
a maravilha curta
dum quarto estagnado

e ainda
a persistência opaca
duma vontade larga
mas cansada
onde olhos são piscinas
e meus seios redondos
gargalhadas

Mas amanhã a tua
ausência
será como se recebesse
nas retinas
a lamina quadrada
duma faca

vertigem humidamente
acre
mas exacta

saudade desesperadamente
repleta
mas saudade

MARIA TERESA HORTA

EDITORES **ÁTICA** LIVREIROS

Apresentam mais 3 Vols. da **«Colecção Ensaio»**

ANTICRITICO — de José Blanc de Portugal
A LUTA PELA EXPRESSÃO — de Fidelino de Figueiredo
DA PINTURA PORTUGUESA — de José-Augusto França

Rua Alexandre Herculano, 17-A — Telef. 52656 — LISBOA

"A Técnica não pode integrar o universalismo humano"

(Continuação da página anterior)

e rescrevia uma obra de fôlego, ter publicado ensaios avulsos, um que outro conto ou novela, estas geralmente saídas em colecções de obras curtas, em que me convidavam a colaborar.

«Descobri-me um intelectualista de natureza especulativa»

—Creio que seria urgente e de extrema utilidade a reedição das suas obras.

—A novela «O canto daquela rua», editada em volume de colaboração e que reputo superior a «A caixa de musica», vai ser reeditada em livro individual, acrescida por mais algumas novelas realistas.

— Como se situa na vida literária portuguesa?

—Foi relativamente tarde, quando estudante da Faculdade de Ciências de Lisboa, que a frequência das capelinhas intelectuais dos cafés me induziram a adquirir uma cultura estética, que desde logo me arrebatou. Descobri-me então um intelectualista de natureza especulativa, o que já me colocara perante a minha educação religiosa numa atitude cognoscitiva. Esse mesmo intelectualismo, se me tornou por ambiência um anti-academista, não me lançou aos ventos livres do Futurismo que então dominava as novas gerações.

«A Técnica não pode integrar o universalismo humano»

—Um ante-academismo diverso, então?

— Por exemplo, para combater a academia, o meu cartesianismo levou-me ás suas fontes clássicas. Entusiasmei-me, como Valery, pelo Método de da Vinci, e não pela sua obra formal. Esta pareceu-me falsear a mística cristã que pretendia dar e aparece tão expressiva, tão espontanea, no seu antecessor Giotto. Na Grécia encontrei, mais que no Parthenon ou na Vitória de Samotrácia, no empirismo de Aristóteles e na metafísica de Platão, os grandes princípios informadores da Civilização mater.

Na verdade, não é só por inclinação pessoal mas ainda por Platão que alguém se revela idealista. Aristóteles deu, primeiro o naturalismo de Buffon e a filosofia de Lock, depois o método de Descartes e por ultimo o positivismo de Comte. E' este, concretizado em Técnica, que dirige as nossas actividades normais. Onde, porém, Spengler se enganou foi em que a Técnica pudesse integrar o que chamarei o nosso universalismo humano. Assim se verifica na nossa vida afectiva, nas suas mais generalizadas concepções, como a Política e nas mais intrínsecas, como a Estética.

Se a Arte se reduzisse a técnica, engenho e Génio teriam o mesmo significado. Assim não foi Descartes mas Erasmo, que, dando lugar á disciplina do Humanismo, teve incalculáveis consequências no nosso criticismo, portanto na nossa intuição de Estética. E eis porque Nietzsche, se não deve ser considerado, com a sua libertação da personalidade humana, o profeta do humanismo actual, é-o, sem duvida, do esteticismo contemporaneo

A genealogia de «Bússola Doida»

—Trace a genealogia de «Bussola Doida».

—Foi nesta minha crença de ensaísta que se deu o meu encontro com l'Art Vivant. Ao contrário de tantos outros jovens contemporaneos, não fui para Paris á procura de Picasso ou Cocteau. Plásticamente, preferi a sensibilidade de um Utrillo ou um Modighliani. Como ultima consequência de Nietzsch, deparei com a estésia irracionalista de Chestov, bem mais convincente para mim que o anti-intelectualismo filosófico de Bergson.

Freud pouco me disse de novo com o seu experimentalismo psicossomático, de fundo fisiológico. Não creio que os escritores tenham que aprender com a ciência psiquica, mas esta com os escritores, como sucedeu com Dostoievsky. Romancista, lera já todo Proust e surpreendera-me o «Ulisses» de Joyce. Entretanto, a grande revelação foi para mim esse Malte Laurids Brigge que escrevera nos seus Cadernos: «versos não são só sentimentos; temos muitos sentimentos e que não são poesia». Então, como quem encontra um caminho, comecei a escrever «Bussola Doida», romanceando, já sem atitudes livrescas, impressões da minha infancia e adolescência.

O neo-realismo e eu

—Como foi recebido «Bussola Doida»?

—O livro saiu na colecção Autores modernos Portugueses, que Gaspar Simões dirigia nas Edições Europa. O acolhimento da crítica foi vário. Os neo-realistas encarniçaram-se, um dos seus críticos depreciou a obra, sucessivamente, em duas publicações. Em geral, pareceu-me haver, além de princípios de escola, certo azedume pró-humanitário de sentido político. Vale a pena citar que, ao tempo, um antigo presidente da Associação de Escritores da U. R. S. S., no seu ensaio — «De Gorky aos nossos dias», aconselhava a porem-se nos seus devidos lugares os autores russos independentemente do seu contributo para a Revolução. E mais, que a Revolução deveria preferir a Zola o monárquico católico Balzac.

—E, no entanto, «Bairro Excêntrico» parece ter marcado uma adesão ao neo-realismo...

—«Bairro Excêntrico», como anteriormente, «A Caixa de Musica», não significou uma brusca viragem cifrando-se na minha adesão ao neo-realismo. Creio já se poder depreender nesta altura que sou um escritor que evolue segundo tendências amadurecidas, não insufladas. A transição de a «Bussola» para o «Bairro», que não foi brusca, embora os livros se sucedessem, teve a seguinte determinante: À parte inclinações estéticas, estimei sempre os valores humanos acima de quaisquer outros. O grande mundo além de Lisboa e adversidades morais que sofri mais me arreigaram esse pendor, avivando no meu espírito a obra dos grandes mestres do romance — Balzac, Tolstoy, Dostoievsky. A estes poderia acrescentar o nosso Camilo de «A Brasileira de Prazins», do «Eusébio Macário» e algumas outras novelas. Ele pode ter mais que ensinar aos nossos actuais romancistas do que Eça, com o seu realismo mais um crítico de meios e tipos burgueses do que um criador de personagens humanas.

—O que considera essencial na arte do romance?

—Na recriação do Homem, quer encarado, como ente social, ou, melhor, biológico, quer como indivíduo na sua universalidade psicológica, está a arte do romancista. O contrário será postiço, engenho sentimental, mas não arte. Um dos equívocos do academismo revela-se nas suas naturezas mortas, quando o próprio imaginário em arte é, naturalmente, vivo. Creio que o mesmo equívoco se repete hoje na arte pela arte.

O paralelo entre a «Bússola» e o «Bairro»

—E' possivel traçar um paralelo entre «Bussola Doida» e «Bairro Excêntrico»:

—Voltando á estética romanesca, no que me respeita bibliográficamente, direi que, ao romancear em «Bussola Doida» impressões da minha infancia e adolescência, recreei-as, vivas, ou postiças, como desejaria que as julgassem os críticos que as detraíram. Depois, ao escrever «Bairro Excêntrico», ainda romanceei impressões pessoais — as que guardava da velha e escusa urbe vizinha da rua onde nasci e me criei, e de mocinho me atraiu. E, natural, ou, antes, instintivamente, não parti, como na «Bussola» de dentro de mim para o mundo que recriei, mas daquelas ruas para os entes que romanceei, embora, como sempre nas criações estéticas, estivesse numa e noutra obra a minha personalidade de autor.

Pelas razões de ordem sentimental a que já aludi, a ultima atitude estava então mais conforme com a minha estésia. Ainda outras determinantes, de ordem crítica, ou, mais amplamente, humanista, estiveram na génese da «Bussola», do «Bairro» e, agora, neste novo romance, onde, num introito, as exprimo assim: encontrei na desmantelada biblioteca de meu avô materno, de permeio com livros romanticos, traduções da «Iliada» e da «Eneida», a primeira em francês, língua que já me era familiar, e a segunda em português, por Félix Pereira. Recordo a minha reacção de menino contra a humana inverosimilhança dos herois mitológicos. Mais tarde a mesma reacção, agora ainda contra os postiços heroismos livrescos que ludibriaram a minha adlescência, levou-me a escrever «Bussola Doida» como as memórias do jovem que criara o seu próprio drama. Depois foi a realidade de nos acotovelarmos com tantos e vulgaríssimos herois do dia a dia da vida que me induziu a romancear em «Bairro Excêntrico» recordações de Alfama. Creio, no entanto, que nenhum assunto romanesco poderia satisfazer mais as referidas reacções de escritor de ficção do que tratar num romance a vida, tantas vezes realmente epopeica, dos pescadores.

A linguagem cinematográfica

— Creio que se encara a possibilidade de cinematizar o «Patrão Bento».

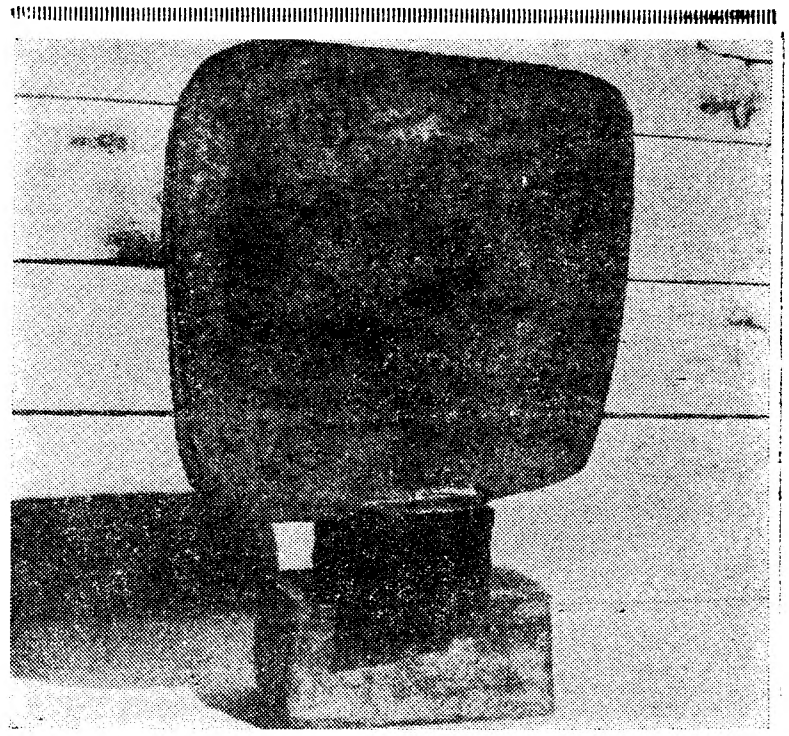
—A obra foi-me sugerida certa noite em que numa praia ajudei ao impressionante lançamento ao mar do barco salva-vidas. Para a escrever — porque sempre desejei viver antes de exercer a minha arte — passei temporadas entre a lida dalguns portos da nossa costa. Houve já um camarada e editor que leu o livro e o classificou mais de documentário que de romance. Não desanimei porque o meu maior receio é resvalar na pura literatura em que por vezes se cai nesta tão vulgarizada atitude de Sãos Franciscos d'Assis do romancismo. Confio porém, no «calo» duma vida já muito vivida. Tanto mais que, depois da primeira versão do romance do mar, comecei já o da gleba, que completei num argumento cinematográfico.

— Utilizou, pois, uma linguagem que, pelo ritmo, a velocidade eficaz, recorda a cinematográfica?

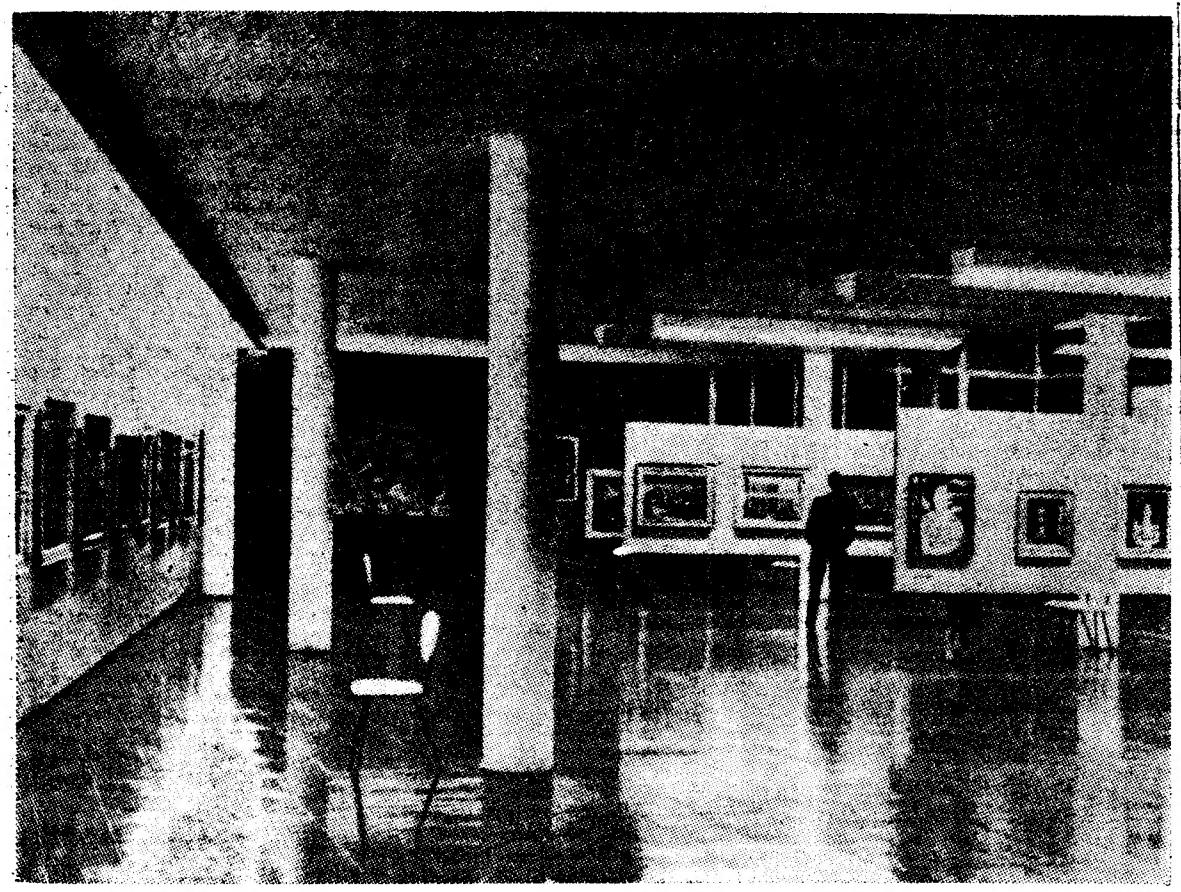
— Pelo assunto e a sua traça pareceu-me indicada para se exprimir na arte das imagens. Mas não tenho esperanças de a ver realizada. Deve suceder-me o mesmo que com as aspirações de dramaturgo. Ou pior, porque, se acaso tenho qualidades para tanto, no cinema ainda estamos no analfabetismo, e no teatro, como na literatura, já não somos analfabetos mas apenas iletrados.

— Projecta uma nova obra?

No ultimo quartel da minha vida — como diria o velho Vergílio, parece-me que não passarei deste ficcionista com os pés bem assentes na terra, sempre evolutivo, ou simplesmente ancioso, talvez na ilusão de se sentir sempre jovem. Convenço-me, pois, que a minha estésia começa a estar velha. Recomecei, na segunda infancia, a fazer versos e talvez, sempre clássico e algo metafísico, dê a este livre e pessoalíssimo realismo a maior universalidade dum Sartre, seguindo, mais para norte, embora áquem do extremo nordismo dum Kirkergard, a estésia de Jasper. Para tanto não começarei é por desleixar o trajo e bespontar barba, porque já sou careca e só ficarei, certamente, mais «ginja».



Ceramica de Gambone



Aspecto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Memória para a criação de um Museu de Arte Moderna em Lisboa (2)

por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

A secção-base do museu é, evidentemente, a das *Colecções permanentes*. Dirigida por um conservador resolvendo, sob a orientação do director e com a colaboração dos membros do seu gabinete, os problemas de apresentação (técnicos — espaços fixos e móveis, iluminação, circulação, cor ambiente, emolduramento, composição das paredes, alturas das obras, angulo de exposição, temperatura e grau de humidade-ambiente, etc. — históricos e estéticos), ela é responsável pelo acervo, pela sua conservação, pela sua aquisição, pela aceitação de legados e ofertas. Não podendo corresponder o acréscimo constante do acervo ao acréscimo das salas, que se verificará naturalmente segundo outro ritmo, mais lento, haverá que organizar um «roulement» de exposições de parte das obras tidas como secundárias e que serão sucessivamente trazidas das reservas. Pintura, escultura, desenho, gravura, colagens, arquitectura, cerâmica, artes decorativas, fotografia (a partir do cubismo, naturalmente), tais serão as divisões desta secção cuja importancia e extensão universal os orçamentos comandarão. As obras incluídas conviria porém que se situassem em dois planos, definitivo e provisório. Todos os museus fazem compras por engano e assim acabam por mostrar obras que não correspondem á exemplaridade que a uma peça de museu se deve exigir, ou então as escondem na arrecadação, e é dinheiro mal gasto. E' inevitável que assim aconteça, e as maiores cautelas postas nas aquisições não podem obstar, absolutamente, a que se cometam erros, muitos dos quais só o tempo permitirá verificar. Por outro lado, o espírito de risco que deve estar na base de um museu moderno, se permite adivinhar o que vai ser representativo, não pode deixar de alargar as possibilidades de desacerto. A observação do que os museus europeus do primeiro quartel do século XX (e mesmo depois) perderam a favor dos americanos, que se arriscaram, não pode porém fazer-nos hesitar na política a seguir. Num museu moderno há que ser optimista e não pessimista. E há que ser generoso também, incentivar, proteger jovens artistas que possam ser os valores de amanhã. Nestas circunstancias, torna-se necessário organizar um mecanismo de defesa, que deixe o museu adquirir sem medo o que lhe parecer aconselhável — mas lhe permita também, passado certo tempo (a determinar), vender o que passar a ser considerado como inutil ao papel cultural do organismo. Assim, as aquisições seriam feitas a título provisório, e discussões periódicas sobre as obras, em que participariam o conselho do museu e outras pessoas convidáveis para tal fim, discussões esclarecidas por sucessivas perspectivas temporais, determinariam, finalmente, a entrada definitiva da obra, ou a sua eliminação, quando fosse considerado oportuno. E' claro que qualquer especulação seria de pôr de parte neste processo de compra e de possível venda. Por outro lado, ainda, poder-se-ia pôr de pé um sistema de trocas com os próprios autores, sem prejuízo, sequer moral, para estes.

Secção-base, ao lado desta, das Colecções, há que organizar outra, de igual importancia na dinamica de um museu moderno, e de muito maior importancia, ainda, em Portugal, onde aquela, durante bastante tempo, terá de ter uma amplitude insatisfatória. Trata-se da secção de *Exposições*, que agirá em três planos. Ela organizará várias exposições individuais de artistas portugueses, com carácter retrospectivo, outras, colectivas, historiando movimentos e escolas ou mostrando afinidades ou documentando géneros, outras, agrupando jovens artistas empenhados num trabalho experimental, e realizará ainda exposições individuais correntes, de artistas seleccionados. Um salão periódico caberá também no calendário de realizações. Mas esta será a parte menos importante da actividade de tal secção: ela tomará ainda a seu cargo, oficialmente, a organização das representações portuguesas nas Bienais e nas exposições colectivas estrangeiras, procurando intervir no maior numero delas, com bom senso das nossas possibilidades e suficiente conhecimento do nível de cada uma; realizará também exposições de artistas nacionais em museus e salas publicas de outros países, criando uma espécie de intercambio, na medida do aconselhável; igualmente auxiliará os artistas portugueses no estrangeiro na organização das suas exposições particulares em galerias comerciais, com as quais manterá relações. E, completando a sua acção, com interesse maior para a cultura artística portuguesa, esta secção do museu trará até nós exposições estrangeiras. Convidará artistas de valor, para exposições individuais ou colectivas, e apoiará essas realizações num plano, atentamente estudado, de exposições retrospectivas, que historiem a evolução da arte moderna. Um grande salão internacional periódico (uma Bienal?) manterá em dia uma necessária informação sobre os caminhos da criação actual. A secção de *Exposições* completará assim a acção da das colecções, e sempre sob a orientação do director, receberá a colaboração do seu gabinete e agirá de acordo com a secção de *Investigação*.

Esta ultima promoverá estudos de história, sociologia, estética e museologia, compreenderá um Arquivo de Arte Contemporanea (seguindo, com as modificações convenientes, o modelo que as bienais de Veneza e de S. Paulo criaram) e um seminário de estudos sobre a arte portuguesa do século XX (de história, estética e sociologia). A secção de *Investigação* organizará ainda conferências, debates reservados a especialistas, editará livros, promoverá reuniões de críticos, de artistas, sobre temas apropriados, que culminem em congressos nacionais, e, no plano internacional, a sua acção, traduzida em convites a especialistas estrangeiros, poderá ir até á organização periódica de colóquios. A ela também competirá a atribuição de bolsas de estudo, no estrangeiro, para investigações na especialidade, das quais beneficiarão igualmente artistas, em viagem ou em curta estadia nos centros mais indicados. Elas seriam cobertas com fundos do museu, ou com fundos alheios, tornando-se porém obrigatória a intervenção destes serviços do museu na escolha de bolseiros para fins semelhantes, de qualquer outro organismo oficial. Caberá ainda na sua acção a preparação de peritos em arte moderna, capazes de prestarem serviços a outros museus ou coleccionadores privados. Ligados a esta secção, poderão ser criados «ateliers», onde, a título provisório, trabalhariam alguns pintores convidados ou de passagem por Lisboa.

(Do livro «Da Pintura Portuguesa»)

ESCAPARATE

(De 18 a 25 de Outubro)

Título — «O vale de Deus».
Autor — Carlo Coccioli.
Tradução — Paulo Antônio.
Género — Romance.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Miniatura.
Numero de páginas — 238.
Preço — 12$50.

Título — «O vagamundo das estrelas».
Autor — Stefan Wul.
Tradução — Mário Henrique Leiria.
Género — Romance de ficção científica.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Argonauta.
Numero de páginas — 154.
Preço — 12$50.

Título — «Anti-crítico».
Autor — José Blanc de Portugal.
Género — Ensaio.
Editora — Atica.
Colecção — Ensaio.
Numero de páginas — 153.
Preço — 20$00.

O FASCICULO

(Continuação da 17.ª página)

a serena mas sofisticada utilização da letra tipográfica sobre o branco. Palla dominava as lombadas da Arcádia, demasiado finas para o arabesco, o barroco chamejante e aparentemente depurado de Sebastião Rodrigues, o sensacional capista do «Almanaque». Palla geometrizava, na composição mondrianesca que não tardou a regressar ao início e a repetir-se. As letras que a humidade descola de rectangulos abriam-se em branco sobre os fundos de cor que incendiavam as fotografias de Sena da Silva. A lombada passou á categoria de azulejo. Ao leitor, que habitava uma Lisboa azulejada em azul oitocentista e galante, mas que aprendera a compor com Vieira da Silva e nas próprias capas, só restava montar o painel.

E' um problema de arquitectura, que envolve o cálculo e o desenho da estante. Corbusier convertido num jogo. Um «puzzle» chamado Gropius. A invasão da lombada pela capa, a sua continuação no rectangulo esguio, a passagem daquela a cartaz, defenderam o livro da violência quase demagógica da pintura, do «full-colour» dos Skiras, da sonoridade da capa do disco, da chamejar da cerâmica de Querubim Lapa e de Cargaleiro. A capa e a lombada são um cartaz e também uma panóplia. Mas, utilizando o grafismo rápido, sintético e inconsistente da publicidade, diminuiram o livro. Quebraram uma gravidade que podia ser distancia mas que exigia uma atenção menos fácil, mais dolorosa, séria, eficaz. Converter a capa, que a edição francesa mantém depurada e severa, num papel de embrulho fascinante e decorativo, pode ter uma consequência grave. O avanço da cultura (que, num movimento elástico, perde consistência) e a sua obrigatoriedade, somados á conversão da biblioteca em elemento decorativo podem levar o publico á compra do livro como azulejo. A biblioteca converter-se-ia, assim, em «puzzle» decorativo, com a vantagem de dar ao seu organizador liberdade de movimentos e a convicção de que está a compor um painel. A qualidade dos elementos cromáticos, a sua relativa uniformidade, o ritmo pontuado pelas letras, as rectas amarelas e encarnadas das traves, conjugam-se numa mancha inevitavelmente amável, o que entusiasma o publico e o empurra para novas estantes e novos azulejos. A popularidade do «mecano».

O impressionismo da biblioteca desordenada, o cubismo sintético e o construtivismo da biblioteca de colecções que formam um todo, em quadrados e rectangulos, são decorações pré-fabricadas que lisonjeiam o publico e justificam a suspeita de um talento plástico, já blasonado no «isto também eu fazia» perante a tela de Klee e de Miró. A colecção une a literatura á tradição bricabraquista, ao «hobby», a uma fúria de coleccionador de selos que argumenta estar a aprender geografia, a uma tendência obscura que temos para insectólogos, botânicos, mineralogistas, isto através do amadorismo e só para empilhar.

D'Assumpção, um dos nossos mais importantes pintores abstractos apresentou as suas telas na galeria de Karin Montet, provocando o interesse da crítica e do publico

Mas a resistência á modernidade, em todas as suas expressões, mesmo na mancha sintética da lombada-cartaz, faz-se sentir e vigorosamente. A biblioteca privada tem uma genealogia ilustre e está ligada a uma tradição de cinzenta e silenciosa gravidade. Essa tradição, que se pode respirar, inteira, na humidade da Biblioteca Nacional, no fausto de Mafra, na palidez dos pergaminhos do Tombo, exige continuidade na carneira riscada a ouro. Tradição respeitável e pesada, ligada ao pudor da paleta de Josefa de Óbidos, á moldura de talha, á escrivaninha Império, ao piano Steynway, ao tapete que engole, nos seus centímetros de espessura, a sonoridade irritante das passadas. E, assim, igualmente ludibriável, pela conversão da carneira em mancha decorativa, emoldurada pela estante, pelo busto de bronze, por qualquer Corot falsificado e um retábulo.

Surge aqui o fascículo. O regresso á aristocratização do livro. Contra os excessos de Gutemberg, o iniciador do movimento que levou á brochura, ao «pocket-book», inflacção editorial, á capa envernizada, á lombada-azulejo, o fascículo corta o publico em duas multidões distintas. O tradicional, com Josefa de Óbidos, Corot, retábulo, bronze e tapete, e um outro, com dois vastos bolsos carregados de livros. O «pocket-book» é util, é fácil, é acessível. Mas não é elegante. Quebra o perfil e estraga o corte do casaco. O fascículo não cabe no bolso e restabelece a hierarquia na multidão de leitores. Recupera para o livro o cadeado medieval e o prestígio da especiaria. A pimenta perdeu o seu significado medievo. O fascículo coloca o livro a par de Josefa de Óbidos enquanto um eficiente aquecimento central afasta a humidade da tradição, a carneira riscada a ouro torna próximo o fausto de Mafra e o «fac-simile» o pergaminho do Tombo. O papel bíblia de Aguilar destroi o argumento de que o fascículo é uma necessidade. «Guerra e Paz», «Os Thibault», Proust, Thomas, Mann, Kazantzakis, Pasternak, Zola cabem na brochura. A táctica das reedições («Os Lusíadas», «As Líricas», «D. Quixote», «Novelas Exemplares») aponta o sentido do fascículo. A minoria de bibliógrafos não justifica a edição. A diferença estabelecida entre a edição vulgar e a de luxo não corresponde á decoração pré-fabricada e a Corot. E' uma divisão entre Corot pròpriamente dito e a gravura de caça. Se o grande publico, electrizado por uma publicidade histérica, procura actualizar-se, a brochura é o seu limite. O fascículo excede as suas possibidades e representa um problema agudo e doloroso. E' um azulejo errado. Não cabe na sua decoração. Escapa á sua noção de ritmo e não serve na estante. E' de um outro «mecano».

O fascículo tem um alibi. Parte o volume e o pagamento maciço. Implica prestações e não faz um rombo no orçamento do leitor. A amplitude da perspectiva deste permite-lhe enfrentar este argumento. O fascículo custa o que custa um livro e não é um livro. No fascículo paga-se o fabriano, os «hors-textes», as vinhetas, o prefácio, os índices, cada vez menos as erratas, o engano de estimativa inicial do editor. E' verdade que se pagam e se recebem, que o fascículo é vasto, sólido, ilustre. Um monumento gráfico. Uma pinacoteca. O que quisermos. Num movimento pendular, á democratização da cultura, de que é responsável o livro, a sua aristocratização pode vir a dever-se também ao livro. Por enquanto, o fascículo é página de um elemento decorativo, como a brochura, envernizada e crepitante. Casos há em que o receio de uma visita mais curiosa é o unico obstáculo á utilização das falsas lombadas dos estudios de cinema ou de TV. De resto, a inflacção da cultura não a tornou ainda odiosa. Se a leitura é desinteressante, folhear um livro pode ser a forma mais hábil de o evitar e para isso devemos tê-lo á mão, na composição construtivista da brochura ou na severidade da carneira.